

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E  
INSTITUCIONAL**

Tatiane Reis Vianna

***OFICINANDO ENREDOS DE PASSAGEM:  
O Encontro do Adolescer em Sofrimento com a Tecnologia***

Porto Alegre  
2008

Tatiane Reis Vianna

***OFICINANDO ENREDOS DE PASSAGEM:  
O Encontro do Adolescer em Sofrimento com a Tecnologia***

**Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional – Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.**

**Orientadora: Prof. Dra. Cleci Maraschin**

**Co-orientadora: Prof. Dra. Simone Riques**

Porto Alegre

2008

Dedico essa pesquisa às crianças e aos adolescentes com quem trabalhamos e a suas lutas cotidianas de sobrevivência subjetiva. Também dedico à equipe do CIAPS, pela coragem de sustentar aberturas.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional pela transmissão de saberes e acolhida a esta pesquisa, e pela aposta em projetos que têm incidência concreta na transformação de nossas práticas como psicólogos.

Agradeço a minha orientadora, professora Cleci Maraschin, pelo acompanhamento atento, consistente e instigador, e por suportar minhas ansiedades, auxiliando-me a fazer deslocamentos nessa travessia.

Agradeço a minha co-orientadora, professora Simone Rickes, pela escuta delicada e pela possibilidade de transmissão da psicanálise.

Agradeço à banca do projeto de qualificação que muito me ajudou a avançar em questões importantes nesta dissertação.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa “Oficinando em Rede” pela minha introdução no mundo das tecnologias e pelo aprendizado constante dessa construção interinstitucional, permitindo-me “oficinar passagens” entre os lugares de trabalhadora e pesquisadora.

Um agradecimento especial aos bolsistas, Mariana, Kelly, Póti, Nithiane, Geraldo, Marta e Mateus, pelo empenho e dedicação na construção do espaço das oficinas. Também à Vanessa pelo auxílio na construção da apresentação do projeto.

Também um agradecimento especial à equipe do CIAPS, em particular às colegas Débora e Ana Rita pelo apoio e pelas discussões em torno do projeto e das Oficinas.

Agradeço também aos estagiários e residentes do CIAPS, que vêm construindo conosco as passagens institucionais.

Agradeço às colegas do grupo de pesquisa do mestrado, especialmente à Graziela, que me possibilitou um lugar de alteridade no Oficinando.

Agradeço às colegas que me acompanharam nas disciplinas na Educação pelas trocas de experiência e discussões teóricas, especialmente à Simone Lerner pelo imprescindível auxílio na construção do projeto.

Um agradecimento especial à Rose Mayer, minha referência no trabalho com Saúde Coletiva, por ter me auxiliado muito na escrita e na articulação das idéias do projeto e também da dissertação.

Agradeço ao meu cartel em psicanálise, Simone Kasper, Márcia Goidanich e Mônica Poli, por essa caminhada acompanhada na formação; e através dele, à APPOA como instituição.

Agradeço aos colegas do Vindicás e da Cruz Vermelha pelo aprendizado de práticas desinstitucionalizadoras, em especial à Sandra Djambolakdjani por sua referência no trabalho com os adolescentes.

Agradeço também à Luciane de Conti, cuja tese me instigou a trabalhar com as narrativas.

Agradeço às colegas do SEMAPE (Triunfo) pela oportunidade de exercício de práticas interdisciplinares e articulações em prol dos direitos das crianças e dos adolescentes.

Agradeço a Taís, Suzane, Andiará e Lu Barros por chamarem-me para o lazer, propiciando um espaço de descanso e criação.

Na finalização, mas também no início, um agradecimento super especial a minha família. Aos meus pais, Newton e Rute, pelo carinho e apoio constantes, pelo incentivo ao estudo e pela transmissão do respeito e pelo exemplo de dedicação ao trabalho na esfera pública. Em particular a minha mãe, pelo seu exemplo de luta em favor da melhoria na atenção às crianças e aos adolescentes. Agradeço aos meus sobrinhos, Rafael e Ana Paula, meus principais instigadores a querer fazer travessias, e através deles, a minha irmã e a meu cunhado.

Agradeço também a minha analista, Lucia Pereira, por me ajudar a sustentar as travessias na vida...

“E eu aprendi que se depende sempre,  
De tanta; muita, diferente gente...  
Toda pessoa sempre é as marcas  
Das lições diárias de outras tantas pessoas”.  
(Caminhos do Coração, Gonzaguinha, 1982)

## RESUMO

Esta dissertação insere-se em um projeto maior de pesquisa, o *Oficinando em Rede* que vem se desenvolvendo no Centro Integrado de Atenção Psicossocial do Hospital Psiquiátrico São Pedro (CIAPS-HPSP) a partir de sua criação em 2004. O *Oficinando em Rede* tem contribuído para implementação de diferentes tecnologias de atenção nesse serviço e vem pesquisando sobre a constituição de redes por seus usuários e trabalhadores. A presente pesquisa – *Oficinando Enredos de Passagem: o encontro do adolescer em sofrimento com a tecnologia* – busca investigar como acontece o encontro dos jovens com as tecnologias digitais em um espaço de compartilhamento e escuta denominado *oficinas tecnológicas*, o qual é estruturado no CIAPS. Estruturado nas bordas do HPSP, o Centro situa-se na passagem entre tecnologias e paradigmas de atenção diversos, o que traz efeitos subjetivos nos sujeitos que o constituem. Esta pesquisa tem como ponto de partida o questionamento se esse encontro com os computadores, com as especificidades dos seus modos de operar em um espaço de oficina, pode favorecer – e de que forma – o desdobramento de enredos e narrativas em jovens que vivem entraves de diferentes ordens no seu processo de “adolescimento”. Também visa compreender quais os impasses e as passagens que são colocados em evidência pelas narrativas produzidas. Para isso, parte-se das oficinas desenvolvidas com seis jovens em atendimento ambulatorial no CIAPS/HPSP no período de março a dezembro de 2007. Através da análise dos diferentes movimentos de apropriação das tecnologias digitais, das possibilidades de interação, compartilhamento e endereçamento constituídos nas oficinas, e de algumas narrativas ali surgidas, busca-se responder ou relançar as questões que possibilitaram o desdobramento desta dissertação.

Palavras-chave: saúde mental infanto-juvenil; tecnologia digital; Internet, passagem; narrativas; oficina.

## ABSTRACT

This study is inserted in a larger research project, the *Oficinando em Rede*, that has been developed in the Integrated Center of Psychological and Social Attention (*Centro Integrado de Atenção Psicossocial - CIAPS*) of São Pedro Psychiatric Hospital (*Hospital Psiquiátrico São Pedro - HPSP*), since its creation in 2004. The *Oficinando em Rede* has been contributing for the implementation of different technologies of attention in this service and has been researching into the formation of nets by its users and staff. The present research - Workshops of Passage Plots: the encounter between technology and the process of being an adolescent in suffering (*Oficinando Enredos de Passagem: o encontro do adolescer em sofrimento com a tecnologia*) – seeks to investigate how the encounter between young people and digital technology takes place in a space of sharing and listening, a service called *Technological Workshops (Oficinas Tecnológicas)* that is structured at CIAPS. Constituted at the edge of HPSP, the Center is situated in the passage between technologies and diverse paradigms of attention, what brings subjective effects to the individuals that integrate it. This research has as a starting point the question if the encounter with the computers, including the specificities of its modes of operation in the workshops, can favor – and in which way – the unfolding of plots and narratives by young people that live with hindrances of different orders in the process of becoming adolescents. Additionally, the research aims to comprehend the impasses and the passages that are highlighted by the narratives produced by the young people. It started from the workshops that were developed with six young people under ambulatory care at CIAPS/HPSP, from March 2007 to December 2007. Throughout the analysis of different movements of appropriation of digital technologies, the possibilities of interaction, the shared experiences, addressing and narratives developed in the workshops, the research seeks to answer and re-launch questions that made the development of this dissertation possible.

Keywords: mental health, young people, children, digital technology, Internet, passage, narrative, workshop.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 PASSAGENS SOCIAIS E INSTITUCIONAIS CONSTITUINTES DO CONTEXTO DAS OFICINAS TECNOLÓGICAS .....</b>	<b>21</b>
2.1 O CONTEXTO DE ATENDIMENTO EM SAÚDE MENTAL INFANTO-JUVENIL NO BRASIL E RIO GRANDE DO SUL.....	22
2.2 A INSTITUIÇÃO HPSP E AS TRANSFORMAÇÕES DAS PRÁTICAS DE ATENÇÃO .....	24
2.3 AS PASSAGENS INTITUCIONAIS QUE VIABILIZARAM O SURGIMENTO DE UM LUGAR PARA O JOVEM NO HPSP.....	27
2.4 AS PASSAGENS ENTRE AS TECNOLOGIAS DE SAÚDE E O SURGIMENTO DO PROJETO OFICINANDO EM REDE.....	33
<b>3 NARRATIVAS, TECNOLOGIA E PRODUÇÃO DA EXPERIÊNCIA.....</b>	<b>38</b>
3.1 AS DIFERENTES NARRATIVAS E A PRODUÇÃO DA EXPERIÊNCIA.....	40
3.2 AS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS E A TRANSFORMAÇÃO DAS NARRATIVAS.....	44
3.3 O MODO DE OPERAR DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS INTERATIVAS E O DESDOBRAR DE ENREDOS E NARRATIVAS.....	49
<b>4 O ADOLESCER E SUAS NARRATIVAS.....</b>	<b>54</b>
4.1 AS PASSAGENS E A VIRTUALIZAÇÃO DAS NARRATIVAS.....	55
4.2 A OPERAÇÃO DE PASSAGEM ADOLESCENTE.....	58
4.3 AS MARCAS SOCIAIS DO ADOLESCER.....	61
4.4 TRAVESSIAS SUBJETIVAS COLOCADAS EM CURSO NA PASSAGEM ADOLESCENTE.....	62
4.5 DIFERENTES MODOS DE PASSAR: OS JOVENS EM SOFRIMENTO E AS INSTITUIÇÕES.....	64
4.6 O USO DE DIFERENTES SUPORTES E TECNOLOGIAS NA CONSTITUIÇÃO DE ESPAÇOS DE PASSAGEM.....	68
<b>5 DESDOBRAMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>70</b>
5.1 CONTEXTO NO QUAL A PESQUISA SE INSERE.....	70
5.2 O DESDOBRAR DAS OFICINAS JUNTO AO AMBULATÓRIO DOS ADOLESCENTES E O PROCEDIMENTO DE REGISTRO DA EXPERIÊNCIA.....	72
5.3 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS .....	75
<b>6 ANÁLISE DO FAZER DAS OFICINAS.....</b>	<b>78</b>
6.1 HISTÓRIAS DOS PARTICIPANTES E SUAS DIFERENTES APROPRIAÇÕES DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS AO LONGO DAS OFICINAS.....	79
6.1.2 Anelise.....	82
6.1.3 Diana .....	84
6.1.4 Davi.....	84
6.1.5 Cristiane.....	86
6.1.6 Manuel.....	88
6.1.7 Oficineiros.....	89

6.2 POSSIBILIDADES DE ENDEREÇAMENTO, INTERAÇÃO E COMPARTILHAMENTO NAS OFICINAS.....	93
6.3 O DESDOBRAMENTO DE ENREDOS E NARRATIVAS E A PRODUÇÃO DA EXPERIÊNCIA E DE PASSAGENS SUBJETIVAS.....	105
6.3.1 As Histórias da Amizade.....	106
6.3.2 A Coletiva História de Contar Histórias.....	112
6.3.3 Entre o Signo e o Significante: a busca de um lugar de enunciação.....	117
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>124</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>132</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>138</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Lo que importa es que las vidas no sirven como modelos. Sólo las historias sirven. Y es duro constituir historias en las que vivir. Sólo podemos vivir en las historias que hemos leído u oído. Vivimos nuestras propias vidas a través de textos. Pueden ser leídos, cantados, experimentados electrónicamente, o poden venir de nosotros, como los murmullos de nuestra madre diciéndonos, lo que las convenciones exigen. Cualquier forma o medio, esas historias nos han formado a todos nosotros; e son las que debemos usar para fabricar nuevas ficciones, nuevas narrativas. (HEILBRUN apud CONNELLY e CLAUDININ, 1995, p.1).

Esta dissertação tem como foco de análise as Oficinas de Informática desenvolvidas, ao longo de 2007, com seis jovens em atendimento ambulatorial no Centro Integrado de Atenção Psicossocial (CIAPS) do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP). Buscamos investigar como se deu o desdobramento de enredos e narrativas no espaço da oficina, e refletir também sobre os impasses e passagens subjetivas que ali se evidenciaram.

Portanto, este trabalho versa sobre enredos, narrativas e passagens que constituem tanto o seu pano de fundo, como a matéria de sua existência e construção.

Entendemos a narrativa, a partir da leitura de diferentes autores, como a costura de tramas: enredos no tempo e no espaço os quais possibilitam que a

experiência, enquanto “travessia da existência” possa ser produzida<sup>1</sup> (LARROSA, 2002). São as histórias que constituímos e nos constituem que ensejam ou não o desdobrar de outras. Estamos denominando enredos os fragmentos de interesses que se enlaçam com a história singular de cada um, produzindo assim a trama narrativa.

Diferentes passagens serão referidas durante a dissertação: as passagens das tecnologias pelo CIAPS; as passagens institucionais que deram origem ao serviço; as passagens entre as condições infantil/adolescente/adulta. Esta dissertação também se constitui na experiência de passagem da psicóloga-trabalhadora pela academia, bem como do reencontro da acadêmica–pesquisadora com o seu campo de trabalho. Nesse encontro, a universidade ocupa o lugar de terceiro que possibilita a produção dessa experiência através da acolhida a um endereçamento. Essa experiência de passagem fica evidenciada nos diferentes lugares de enunciação assumidos pela autora ao longo desse trabalho, nos quais ora se coloca como parte da equipe do serviço, ora como integrante da equipe da pesquisa.

Estamos entendendo por passagem, como menciona Meiches (1998, p. 436), os momentos incessantes de transformação subjetiva, vividos ao longo das trajetórias de nossas existências, nos quais somos destituídos dos nossos “sítios identificatórios” e imbuídos a vir ocupar outro lugar. Momentos de transformação nas condições que nos antecipam e atravessam. Travessias essas “nas quais a força operadora do mito, nas suas múltiplas narrativas, torna-se sensível para nós”. Esse conceito será retomado ao longo da dissertação.

---

<sup>1</sup> Os conceitos de narrativa e experiência serão desenvolvidos no segundo capítulo desta dissertação.

A seguir, trazemos alguns recortes de histórias não só como forma de apresentar esta introdução, mas principalmente com intuito de visibilizar algumas das convocações que nos movem a escrever esta dissertação.

Recorte1:

*“Eu quero escrever a minha história...”*

Assim o jovem Castro, após navegar em diferentes páginas no *Google*, resolve singularizar o convite, feito pelaicineira, de construir algum relato ou história que pudesse ser disponibilizada no *Blog* coletivo do CIAPS-HPSP<sup>2</sup>. Manifestação essa que surpreendeu todos, principalmente pelas lágrimas com que foi regado esse momento de, ao mesmo tempo, desabafo e criação.

Castro, como outros jovens que chegam à internação do HPSP, parece, à primeira vista, um dos tantos personagens do trágico espetáculo narrado pelos meios de comunicação: quatro meses de uso de crack, envolvimento com furtos e a quase compra de um revólver, abortada por uma intervenção institucional. Sua aparência franzina e ainda infantil parece contrastar com uma história de vida tão repleta de imagens de violência. A produção dessas imagens parece ser uma tentativa de Castro responder ao apelo fálico vivido. Apelo que o convoca a ter que se situar no mundo desde um outro lugar que não o da infância.

Entretanto, Castro, vivendo quase como um efeito anônimo de uma rede de significações e imagens que o atravessam e excedem, e que insiste em nele se repetir, enuncia no espaço da oficina o desejo de afirmar-se, não só como personagem, mas como autor de sua história. O pedido “eu quero escrever a minha

---

<sup>2</sup> *Blog* construído pelo projeto Oficinando em Rede visando acolher as publicações dos jovens e da equipe, o qual será historiado ao longo da dissertação. Endereço eletrônico: [www.oficinandoemrede.blogspot.com](http://www.oficinandoemrede.blogspot.com)

história” é também endereçado à sua referência no serviço, e enuncia um convite para que acompanhem a construção do seu texto nos seus ensaios no teclado, as suas descobertas nas oficinas e, principalmente, que o acompanhem nos atendimentos individuais durante esse duro e breve tempo de internação.

Pedido que clama para ser sustentado e não se perder nem nos enredos subjetivos, nem nas rígidas e, ao mesmo tempo, frágeis tramas de uma rede social e de saúde (da qual também fazemos parte). Esta, muitas vezes, mais captura que acolhe e dificulta, dessa forma, que se constituam tessituras viabilizadoras de passagens subjetivas.

#### Recorte 2:

Em outro momento, na mesma oficina, encontramos Anelise: jovem de 13 anos atendida no ambulatório – outro espaço institucional que também busca legitimação dentro do CIAPS e do hospital. Anelise, assim como Castro, também vive impasses em suas passagens, embora de ordens diferentes, pois padece pela impossibilidade de enunciar seu “adolescimento”.

Já que o acesso a outro lugar, que não o de casa, lhe é dificultado, Anelise ensaia a sua saída para o mundo na tela do computador, na busca de *Chats* na Internet, e no espaço de interação criado no *Blog*, em que mantém contato com outros jovens, trocando informações sobre bandas de música, por exemplo.

Esses recortes de histórias das Oficinas de Informática no CIAPS-HPSP falam de diferentes tentativas dos jovens usuários, na busca de construção de si, articularem enredos e narrativas através do seu endereçamento aos demais jovens, aos profissionais e ao serviço.

O CIAPS é um serviço de saúde mental que atende crianças e adolescentes ambulatorialmente e em internações breves. Esse serviço, como será historiado ao longo da dissertação, constitui-se nas bordas<sup>3</sup> do HPSP e também, assim como os jovens que atende, padece de impasses e busca articular passagens.

No CIAPS, encontramos jovens muitas vezes marcados pelo empobrecimento de laços constitutivos – com fragilidades de diferentes ordens nas suas estruturas subjetivas – e, sobretudo, pelos mandatos sociais estigmatizantes que, ao mesmo tempo, lhes conferem um excesso de visibilidade enquanto estigma e uma invisibilidade enquanto sujeitos.

Acolhemos essa população em um serviço que está ligado, em sua estrutura, ao outrora manicômio do estado, Hospital Psiquiátrico São Pedro, lugar que ainda hoje carrega a marca histórica e social do esvaziamento narrativo e da “objetalização”.

Mesmo reconhecendo a transformação das práticas instituídas, no sentido de uma busca de humanização da atenção, nem sempre as mudanças ocorrem na direção de transformação de estigmas e prescrições sociais. Algumas vezes, pelo contrário, têm o efeito de atualizá-los e sedimentá-los fornecendo-lhes um estatuto científico, o que traz entraves para que a produção singular da experiência dos jovens possa acontecer.

A introdução das tecnologias digitais<sup>4</sup> no serviço através de um projeto de pesquisa-extensão<sup>5</sup>, como veremos no primeiro capítulo, aparece como uma

---

<sup>3</sup> A expressão “nas bordas” tem duplo sentido. De um lado, o CIAPS surge como uma tentativa da equipe técnica de aproximá-lo à dinâmica dos serviços substitutivos; de outro, fisicamente situa-se em um prédio com acesso direto da rua.

<sup>4</sup> Estamos denominando como tecnologias digitais as tecnologias surgidas com o advento da revolução informática e que tem alterado, como lembra Lévy (2006,p.17) os modos de ser, conviver e se relacionar dos coletivos. No CIAPS destacamos a utilização da fotografia e dos computadores.

<sup>5</sup> Oficinando em Rede: um modo de constituir/habitar redes. Projeto conjunto CIAPS/UFRGS (Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional e Pós-graduação em Educação da UFRGS)

proposição frente às necessidades de mudança nas tecnologias de saúde<sup>6</sup> que a atenção a crianças e adolescentes tem convocado no contexto social contemporâneo. Para isso, levamos em conta que, atualmente, as tecnologias digitais tomam a cena social incorporando-se ao desejo e à forma de operar e relacionar-se dos coletivos, disponibilizando novas oportunidades de conexão, compartilhamento e representação.

O ingresso das tecnologias digitais também se constituiu em uma estratégia do coletivo do Oficinando em Rede na busca da virtualização tanto das significações fechadas que incidem nas histórias dos usuários, como também das práticas de saúde existentes no serviço. Utilizamos o conceito de virtualização a partir de Lévy (2005,p.18), que o entende como “possibilidade de problematizar a atualidade inicial” criando o vazio motor “capaz de gerar novas soluções, atualizações”. Essa questão será melhor desenvolvida no segundo capítulo.

O modo de operar das tecnologias digitais tem o potencial de provocar flexibilizações em fronteiras rígidas, tais como dentro/fora do hospital, singular/coletivo, realidade material/realidade virtual; por isso, problematiza o que já está dado, tanto em relação às narrativas dos usuários como também em relação às narrativas que constituem o próprio serviço. O problematizar, na medida em que gera um espaço de tensão pode propiciar um deslocamento de posições. Assim os sujeitos e coletivos são convidados a produzir novas atualizações<sup>7</sup>, ou seja, construções que digam desses deslocamentos e dessas passagens subjetivas e institucionais.

---

<sup>6</sup> Estamos empregando o termo “tecnologias de saúde” na acepção dada por Mehry (1999) que utiliza esse termo para designar o conjunto de ferramentas empregadas por um trabalhador de saúde

<sup>7</sup> “Solução de um problema que não estava contido previamente no enunciado. A atualização é criação a partir de uma dinâmica de forças” (LÉVY, 2005, p.16).

Consideramos a adolescência como um momento estrutural em que as narrativas do Outro, como alteridade simbólica constituinte do sujeito, são colocadas mais intensamente em questão, como trabalharemos ao longo do terceiro capítulo. Assim, as saídas do adolescimento, quando ocorrem, podem se dar em uma via de realização dos mandatos e prescrições sociais já dadas. Contudo, podem também atualizar mudanças que incidam na posição narrativa desses sujeitos, ou seja, na posição diante da qual se reconhecem em relação a essa alteridade simbólica e, decorrentemente, enunciam sua história e o seu destino.

Nesse sentido, a realização do *Oficinando em Rede*, assim como desta dissertação, também tem sua origem nas inquietações cotidianas da autora que, como trabalhadora de saúde mental lotada no CIAPS, busca, nos seus movimentos institucionais, contribuir na construção de uma ética de tratamento e cuidado com os jovens dentro de uma vertente de ruptura e transformação de lógicas “manicomializantes”.

Contextualizada em um momento histórico na saúde – que é o da Reforma Psiquiátrica – esta dissertação nutre-se também do cotidiano de experiências de outras pesquisas e de outros serviços em que o uso de diferentes tecnologias nas produções narrativas dos usuários já se tornou uma prática corrente. Nesse contexto, lembramos de ações realizadas no Rio Grande do Sul (RS), como as experiências do Cine-Debate do CAPS Centro de Porto Alegre discutidas por Trevisan (2006) e aprofundadas por Rainome (2007) na sua dissertação de mestrado e da pesquisa realizada por Francisco (2007), que propôs oficinas de informática para pessoas em sofrimento psíquico usuárias de um CAPS, em que recursos informatizados foram utilizados como ferramentas para habilitação psicossocial.

Dessa forma, como mencionado anteriormente, este trabalho insere-se em um fluxo de outras produções e também se constitui em uma narrativa que pretende contribuir para fomentar outras.

Esta dissertação, como descrevemos no início da introdução, tem como objeto de pesquisa os enredos e narrativas produzidas por seis jovens que participaram, ao longo de 2007, de uma experiência com oficinas de informática no ambulatório do CIAPS, através das quais viemos a investigar como se deu o encontro do adolescer em sofrimento com a tecnologia.

Referimos no título sobre o encontro do adolescer em sofrimento com a tecnologia porque partimos da hipótese de que o impasse observado no contexto social, institucional não é somente o sofrimento dos jovens atendidos no serviço, mas principalmente é a própria (im)possibilidade que eles teriam de constituir o movimento de alienação /separação que viabilizaria a passagem adolescente. Passagem essa que poderia lhes oportunizar condições subjetivas para que suas construções singulares no laço social possam ser realizadas.

Buscamos responder com esta dissertação as seguintes questões:

- O encontro com a tecnologia, e o seu modo de operar em um espaço específico de compartilhamento e escuta (oficina tecnológica), pode contribuir para o desdobramento de enredos e narrativas de jovens que vivem entraves de diferentes ordens no seu processo de adolescimento? De que forma?
- Que impasses e passagens esse desdobramento (ou não) de enredos e narrativas põe em evidência nas oficinas?

No delineamento da dissertação pretendemos construir alguns nós de articulação entre campos conceituais distintos: o campo da Psicanálise, a partir de Freud, Lacan e de outros autores; o campo das narrativas, como Benjamin, Gagnebin, Connely e Claudinim; e o campo das novas tecnologias, a partir de Lévy, bem como alguns conceitos surgidos no âmbito da saúde mental coletiva, guardando os limites que as fronteiras desses campos explicitam.

Definimos, a partir dos registros das oficinas e da fundamentação teórica referida, alguns marcadores que orientaram a análise da experiência, os quais possibilitaram apontar importantes direções da análise tendo por base as narrativas produzidas nas oficinas.

Constatamos que, ao longo das oficinas, houve um favorecimento do desdobramento de enredos e narrativas, a partir do encontro com as tecnologias. Esse favorecimento parece ter ocorrido tanto pelo modo de operar das tecnologias (na forma em que pôde ser apropriado pelos usuários eicineiros) quanto pela proposta da oficina e de seu lugar institucional, bem como pelas transferências singulares dos jovens com esse espaço.

A possibilidade de virtualização espacial e hipertextualização presentes em ferramentas como o *Google* favoreceram a ampliação dos recursos imaginários e simbólicos dos participantes, incrementando suas possibilidades narrativas. O acesso a ferramentas virtuais como o *Blog* e também os *Chats* ampliaram seus leques de experiências e relações, diversificando possibilidades identificatórias e também possibilitando diferentes lugares de enunciação. Aparece também o favorecimento e registro do emergir inconsciente, possibilitando, através da escuta, o deslocamento de questões.

Assim, através das postagens, diálogos e histórias surgidas nas oficinas foi sendo possível que se evidenciassem diferentes impasses e passagens subjetivas como: a busca de filiação, o próprio adolescer, o dentro/fora casa, o dentro/fora hospital. A análise dos registros também trouxe à tona nossos impasses como oficineiros: a tensão entre lógicas e tecnologias totalizantes e a invenção cotidiana de outras lógicas e tecnologias de escuta na constituição de uma instituição da passagem.

Convidamos, então, o leitor a acompanhar o desdobrar desta dissertação nos capítulos que seguem.

## **2 PASSAGENS SOCIAIS E INSTITUCIONAIS CONSTITUINTES DO CONTEXTO DAS OFICINAS TECNOLÓGICAS**

Por entendermos que não só os sujeitos são convocados às passagens, mas as próprias instituições têm necessidade de operarem as suas, traremos alguns elementos históricos e contextuais que nos auxiliem a refletir sobre os impasses e possibilidades vividas na busca de constituição de um serviço no qual as narrativas dos jovens possam ter lugar.

Iniciamos o capítulo fazendo algumas considerações contextuais sobre a atenção em saúde mental à Infância e Juventude no Brasil e no Rio Grande do Sul (RS). Retomaremos, então, alguns elementos da história do HPSP: a transformação das diferentes práticas de atenção e seus suportes técnicos, e como se deu a passagem institucional que possibilitou o surgimento de um lugar específico para o atendimento ao jovem. Refletiremos também sobre as mudanças institucionais que a juventude convoca; entre as quais, o surgimento do Projeto Oficinando em Rede e os seus reflexos na instituição.

## 2.1 O CONTEXTO DE ATENDIMENTO EM SAÚDE MENTAL INFANTO-JUVENIL NO BRASIL E RIO GRANDE DO SUL

A história da assistência em saúde mental à Infância e Adolescência em nosso país foi e ainda é marcada por traços de uma forte relação com uma política higienista e segregatória, que trouxe como decorrência o confinamento e exclusão social de muitos jovens, como ressaltam Lobo (2003), Couto (2001) e Pereira (2003).

Como evidencia Couto (2001), o processo de discussão e implementação de ações em saúde mental, condizentes com os princípios da reforma psiquiátrica no que se refere à infância e adolescência, ainda é bastante recente. A autora resalta uma diferença em relação à população adulta, em que essa discussão já está em curso há mais de vinte anos, com propostas efetivas de constituição e transformação dos serviços, ampliação da gestão e do aparato jurídico e normativo. Os argumentos articulados na Política Nacional em relação à Saúde Mental Infantil (BRASIL, 2005) só são destacados na Segunda Conferência de Saúde Mental em 1992, ganhando força efetiva de proposição na Terceira Conferência de Saúde Mental em 2001. A instituição de normativas específicas sobre a assistência a essa população só ocorreu com a Portaria nº. 336, instituída em janeiro de 2002, que regulamentou os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), entre esse o Capsi - Caps Infância e Adolescência.

Em 2003, a reunião de diferentes entidades e segmentos sociais<sup>8</sup>, a partir de um grupo de trabalho instituído com objetivo de construir uma Política de Saúde

---

<sup>8</sup> Diferentes entidades federais, estaduais e municipais da área da saúde (infância e adolescência, saúde básica, DST/AIDS), além de serviços, entidades da justiça, direitos humanos, educação, entidades e federações da sociedade civil ligadas à área.

Mental para as crianças e adolescentes, deu origem ao Fórum Nacional da Saúde Mental Infanto-Juvenil<sup>9</sup>: espaço de articulação intersetorial e de discussão permanente sobre políticas para essa área, o qual vem estabelecendo diretrizes para implementação dos serviços destinados a essa população, além de promover a articulação e interlocução entre as diversas instituições que atuam nesse campo. Por ser um espaço de caráter representativo e deliberativo, o Fórum vem mantendo plenárias de quatro em quatro meses, além de organizar seminários, encontros temáticos e fóruns de discussão pela Internet (BRASIL, 2005).

Esses movimentos, que contam com menos de uma década, têm provocado um incremento de ações e políticas de atenção aos jovens e mobilizado discussões em torno das circunstâncias da infância e da juventude em sofrimento psíquico nas diferentes regiões do país.

No estado do Rio Grande do Sul, a maioria dos serviços de assistência em Saúde Mental Infanto-Juvenil ainda está em estruturação, sendo que quase a totalidade deles é posterior à Portaria de regulamentação dos CAPS em 2002.

O CIAPS, serviço que é tomado como campo de pesquisa e reflexão desta dissertação, tem sua trajetória atrelada a essa história de atenção em Saúde Mental à Infância e Adolescência, tanto no Estado do Rio Grande do Sul como no Brasil.

Porém, o serviço guarda a peculiaridade de instituir-se no interior de um hospital psiquiátrico, fato que traz matizes distintos quando comparado a outros serviços que se articulam baseados exclusivamente na Portaria que delibera sobre a criação dos CAPS. Retomar brevemente essa história se faz necessário para caracterizar as especificidades do serviço em questão, além de também ser importante para contextualizar, a partir do entrelaçamento com as tecnologias

---

<sup>9</sup> Instituído pela Portaria do Ministério da Saúde GM n°. 1608 de 3 de agosto de 2004.

digitais, as diferentes práticas de cuidado e tratamento que se estruturaram ao longo da história do HPSP.

Nesse sentido, o surgimento de um espaço de atendimento para crianças e adolescentes – nos moldes da reforma psiquiátrica – tem demandado a busca de outros suportes tecnológicos de intervenção.

## 2.2 A INSTITUIÇÃO HPSP E AS TRANSFORMAÇÕES DAS PRÁTICAS DE ATENÇÃO

O CIAPS situa-se “nas bordas do secular Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP), instituição que abriga histórias deste e de outros tempos em relação ao atendimento em saúde mental da população do Estado do Rio Grande do Sul.

Fundado em 1884, o HPSP teve seus momentos de reconhecimento na época em que a forma de tratamento à loucura era o isolamento social e a institucionalização. Seu surgimento e estruturação estiveram amparados tanto nos ditames da medicina social – e suas propostas higiênicas de organização do espaço urbano – como nas descobertas e afirmações da psiquiatria nascente. Em um primeiro momento, como conta-nos Yonissa Wadi (2002), os representantes do saber médico desempenhavam um papel coadjuvante na instalação do manicômio, em função do número restrito de formados e licenciados. Mas a autora afirma que, apesar de uma inserção tímida de início, a psiquiatria encontrará no HPSP<sup>10</sup>, ao longo de sua história, um importante espaço para sua estruturação e afirmação como discurso.

---

<sup>10</sup> Um dos indícios desse movimento da afirmação da psiquiatria é relatado pela própria mudança do nome do hospital, que inicialmente chamava-se São Pedro e passa a ser denominado Hospital Psiquiátrico São Pedro.

Amparados nas concepções etiológicas sobre a origem física e mental da loucura, as principais terapêuticas propostas no final do século XIX, e em grande parte do século XX, eram principalmente de ordem física e moral, como menciona Wadi (2002). Dessas propostas derivavam diferentes práticas e tecnologias que lhes davam suporte. As terapêuticas físicas são classificadas como aquelas que empregam meios (diríamos tecnologias) que incidem diretamente sobre o corpo do doente, como ponto de apoio e ação. As terapêuticas morais são definidas por Wadi (2002, p. 148) como “conjunto de medidas morais que atuam diretamente sobre o espírito do alienado, primariamente na sua produção mental”. Como lembra Birman (1978), tanto as terapêuticas físicas como as morais, no sentido estrito, acabavam tendo por base o saber psiquiátrico da época.

Algumas terapêuticas de ordem física, como a sangria, o purgativo, os banhos, a malarioterapia, a insulino-terapia e alguns casos de convulsoterapia – cardizol e cloreto de amônio – (SANTOS, 2005; WADI, 2002), entraram em desuso com a modificação do pensamento científico. Outras terapêuticas, que tinham como suporte tecnologias como a eletroconvulsoterapia (ECT), continuam ainda sendo empregadas na psiquiatria atual, embora com modificações em relação aos seus objetivos<sup>11</sup> e aos procedimentos de execução. Com o respaldo de pesquisas da área, entretanto, a ECT foi eliminada do HPSP<sup>12</sup>, bem como restringida sua indicação nos usuários do hospital quando encaminhados a realizar esse procedimento em outro estabelecimento hospitalar detentor dessa tecnologia. O processo de mudança em relação a essa terapêutica parece ter sido influenciado pela pressão contrária a essa prática por parte do próprio movimento de reforma

---

<sup>11</sup> Os relatos de antigos moradores e funcionários mostram uma história de uso do ECT, nas suas origens, também como forma de castigo e disciplina.

<sup>12</sup> O Hospital não dispõe mais de aparelhos de ECT.

psiquiátrica<sup>13</sup>. Tal processo levou à reestruturação de legislações específicas<sup>14</sup>, as quais definiram critérios de indicação do ECT, bem como regulamentaram condições éticas e técnicas para o uso do procedimento.

Na esteira das terapêuticas físicas, o uso da medicação continua sendo largamente empregado no contexto do hospital. O tratamento medicamentoso parece ter contribuído para a diminuição da frequência e duração das internações psiquiátricas, em função do controle da intensidade e da qualidade das manifestações sintomáticas dos usuários. Mas quando o medicamento é tomado como única via de tratamento, corre-se o risco de “objetalização” do paciente, reduzindo sua existência a mera manifestação orgânica da doença. A administração disciplinadora dessa medicação em uma via de anestesiamento do sujeito surge, em alguns momentos e em condições específicas dentro do hospital, como uma repetição que irrompe de práticas manicomiais não transformadas.

O destaque na medicalização parece ser favorecido pelo recrudescimento do discurso centrado em uma explicação neuro-biológica reducionista, bem como na valorização de referências empírico-pragmáticas, como lembra-nos Pereira (2007).<sup>15</sup> Tal opção incorporada na cultura contemporânea mais além do hospital, algumas vezes, esvazia a discussão psicopatológica, substituindo a postura clínica clássica, que valorizava a escuta singular, pela atenção unicamente focada nos sintomas.

As atividades ocupacionais foram sempre desenvolvidas no hospital por várias razões. De início, como forma de “distração”, “abatimento da excitabilidade”, “estabelecimento de equilíbrio nas funções fisiológicas” e combate ao “grande mal

---

<sup>13</sup> Esse processo teve como decorrência o projeto de Lei n° 901/2002 de autoria de Marcos Rolim, que trata, entre outras providências, sobre a regulamentação restritiva da eletroconvulsoterapia.

<sup>14</sup> Resolução do CFM n°1.640, de 10 de julho de 2002, publicada no Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 de agosto de 2002, seção1,p.189.

<sup>15</sup> Encontrando sua expressão máxima no DCM-IV e CID-10.

da ociosidade”, argumentos esses presentes no discurso do primeiro diretor do HPSP, o médico Carlos Lisboa, e resgatados por Wadi (2002, p. 150) na reconstituição da história do hospital.

A defesa da atividade ganha diferentes significações ao longo desses séculos de existência. Surge, inicialmente, como uma forma de impedir a ociosidade; mas depois, com o avanço do saber médico na demarcação do espaço e das regras de funcionamento institucionais do HPSP, a atividade também aparece como forma de corrigir o desvio moral. A partir de toda mudança de paradigmas que surge com o advento das transformações na saúde mental, e com a busca de novas formas de atenção, a atividade também se inscreve como estratégia de inclusão social e construção de si quando surge como alternativa não-prescritiva e via de expressão singular do usuário. Essa diversidade de conotações parece conviver ainda hoje no HPSP, configurando as diferentes práticas e concepções que permanecem vivas no hospital, onde também o projeto de oficinas tecnológicas está inscrito.

A criação de diferentes atividades enquanto espaços de expressão (oficinas de arte e de música, por exemplo) como também a proliferação de diferentes espaços de escuta (individuais e em grupo) passaram a compor, ao longo da existência do HPSP, o quadro de terapêuticas da instituição.

### 2.3 AS PASSAGENS INSTITUCIONAIS QUE VIABILIZARAM O SURGIMENTO DE UM LUGAR PARA O JOVEM NO HPSP

Em relação ao trabalho com a população infanto-juvenil, Hartmann e colaboradores (2007) constataam que o ingresso de crianças e adolescentes no

HPSP ocorreu desde a fundação do hospital. As autoras observam que não havia um lugar diferenciado para essa população em relação à população adulta, já que no final do século XIX, a categorização de infância e adolescência não existia como a concebemos hoje<sup>16</sup>. Concepção essa que se transformará ao longo da história do hospital, assim como o que é considerado patológico e motiva a internação infanto-juvenil. As autoras ressaltam, entretanto, que o que parece repetir-se na história das internações é a origem social pobre, bem como a presença de dispositivos jurídico-policiais relacionados com a internação infanto-juvenil.

O surgimento de um lugar específico para o tratamento de crianças ocorre somente em meados de 1960 através da criação da Unidade de Psiquiatria Infantil e Ambulatório Melanie Klein, esboçando-se, assim, o início de uma diferenciação institucional: crianças e adultos.

A preocupação com uma especificidade em relação ao atendimento ambulatorial e à internação de jovens, entre 12 e 18 anos, só ocorreu em 2000 com o surgimento do CIAPS.

Nota-se, desse modo, que “ser jovem” no hospital é uma categoria muito recente. Fato que contrasta com uma ampla discussão social, existente há mais de vinte anos<sup>17</sup>, o qual preconiza a diferenciação entre jovens e adultos.

Na década de 1990, a crescente demanda por internação de jovens, principalmente dos usuários de drogas, superlotavam as internações de adultos.

Além disso, eram também crescentes as queixas advindas de membros das equipes do hospital em relação à intensidade das manifestações sintomáticas dos jovens, a sua natureza impulsiva, a suas atitudes transgressivas, o que tornava

---

<sup>16</sup> Hartmann e colaboradores referem que pelas leis da época a partir dos 14 anos os jovens já eram aptos a responder penalmente.

<sup>17</sup> Culminado com o surgimento do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA).

evidente que a juventude surgia, dentro do hospital, como uma espécie de perturbação ao funcionamento institucional. Tal contexto forçou, na época, que medidas judiciais<sup>18</sup> fossem tomadas no sentido de garantir um lugar diferenciado de atendimento para essa população.

Nota-se que, embora os dispositivos jurídico-policiais já estivessem presentes na história do HPSP no que tange às internações infanto-juvenis, como referem Hartmann e colaboradores (2007), o atravessamento da Justiça e Ministério Público foi intensificado<sup>19</sup> a partir da criação de um espaço diferenciado para atendimento dos jovens no hospital. Além da Justiça, a presença de outros atores sociais, como os conselhos tutelares, as escolas, os setores da assistência social, bem como as entidades não-governamentais que trabalhavam vinculadas a essa população, passaram a compor a rede mais ampla na qual o CIAPS do HPSP foi intensamente convocado se inserir.

O CIAPS, inicialmente denominado Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), surge em 2001 com intuito de abarcar várias demandas sociais e organizacionais contraditórias e, por vezes, paradoxais. Uma delas foi a de compor uma equipe destinada ao atendimento de crianças e adolescentes, tendo como finalidade a construção de um serviço único. Outra demanda bastante instigante foi a possibilidade de tornar-se um CAPS, disponibilizando atendimento semi-intensivo e intensivo a crianças e adolescentes em sofrimento psíquico, buscando, com isso, ser substitutivo às internações psiquiátricas. Entretanto, essa convocação entrava em conflito com a demanda de manter as internações de crianças, que já existiam no

---

<sup>18</sup> No dia 8 de dezembro de 1999 foi firmado um termo de compromisso entre Ministério Público, Secretaria Estadual da Saúde e direção do HPSP comprometendo o hospital a fixar em área física diferenciada o atendimento de crianças e adolescentes, definindo vagas e fluxos, tanto em relação à internação como em relação ao atendimento ambulatorial.

<sup>19</sup> No ano de 2004, por exemplo, 54% dos encaminhamentos dos jovens para internação foram através de ordens judiciais (dados da estatística produzidos pelo CIAPS).

SAIC (Serviço de Atenção Integral à Criança)<sup>20</sup> e, ao mesmo tempo, propiciar um espaço para a internação de adolescentes.

No entanto, como o serviço ainda estava diretamente referido ao HPSP, inclusive através dos leitos de internação, ele não pôde se cadastrar como CAPS, de acordo com a Portaria<sup>21</sup> que regulamenta essa modalidade de atendimento. Assim, seu nome foi modificado para CIAPS (Centro Integrado de Atenção Psicossocial). O nome foi escolhido por guardar semelhança com a proposta original, na esperança, por parte de alguns técnicos, de poder, no futuro, ser transformado em um CAPS.

O CIAPS se constitui como um serviço misto: abarca tanto internações provenientes de diversas regiões do estado do Rio Grande do Sul<sup>22</sup>, como desenvolve um trabalho ambulatorial circunscrito aos bairros de Porto Alegre próximos ao hospital<sup>23</sup>. Trabalha dentro dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estabelecendo rede com os demais serviços da comunidade.

Desde sua criação, o atendimento no CIAPS é realizado por uma equipe multiprofissional<sup>24</sup> que busca, através de uma intervenção junto ao usuário, família e comunidade, priorizar um trabalho que venha manter e qualificar os vínculos, levando em conta as particularidades de cada situação.

---

<sup>20</sup> Serviço anterior ao surgimento do CIAPS que atendia crianças até 12 anos incompletos em internação, hospital-dia e grupos semi-intensivos.

<sup>21</sup> Portaria 336, de janeiro de 2002, citada anteriormente.

<sup>22</sup> Preferencialmente 1ª, 2ª e 18ª Coordenadorias Regionais de Saúde do Estado, embora receba, por ordem judicial, casos de outras regiões.

<sup>23</sup> Partenon, Lomba do Pinheiro e Agronomia.

<sup>24</sup> Três psicólogas, duas assistentes sociais, dois médicos psiquiatras, uma médica pediatra, um médico clínico, três psicopedagogas, uma enfermeira, dezesseis auxiliares de enfermagem, uma terapeuta ocupacional, um professor de educação física, residentes da Residência Integrada em Saúde Mental, estagiários de diferentes áreas, incluindo artes plásticas e musicoterapia.

Ao longo de sua existência, o CIAPS constituiu-se como um pólo que recebe grande parte das problemáticas<sup>25</sup> que não conseguem serem acolhidas pelas diferentes comunidades. Tais problemáticas parecem extrapolar as disponibilidades políticas, culturais e técnicas de cuidado estruturadas nessas comunidades. Em muitos casos, entretanto, essas situações de adoecimento social e subjetivo, pela marca social de exclusão nelas contidas, parecem também concretizar o mandato histórico de reclusão dirigido ao secular manicômio Hospital Psiquiátrico São Pedro.

O modo de relação entre as instâncias de cuidado e de atendimento da população infanto-juvenil faz com que, em algumas ocasiões, o CIAPS participe de “curtos-circuitos”, como explicita Scisleski (2006), que acabam por ocasionar o retorno freqüente das crianças e adolescentes para internação. Esse fato entra em contradição com o desejo e esforço de grande parte dos profissionais que lá trabalham na busca do restabelecimento de fluxos subjetivos, familiares e interinstitucionais, visando dar sustentação ao usuário do serviço, evitando novas internações.

Refletimos que esse nó no qual o CIAPS se encontra pode ser entendido tanto como ponto de captura e interrupção dos fluxos, mas também como um ponto em que se possibilita a costura de algo que se rompeu. A ausência ou falta de acesso a outros serviços e instituições<sup>26</sup> faz com que o CIAPS acabe, algumas vezes, ocupando um lugar central. Assim, o desdobramento de sua atividade pode, na contramão de suas intenções, fortalecer uma lógica “hospitalocêntrica”, o que contraria e se opõe a outro tipo de lógica de atenção fundamentada na noção de

---

<sup>25</sup> Entendemos por problemáticas não só os sintomas ou pacientes identificados como doentes ou desviantes, mas toda a trama familiar e social presente na sua constituição, bem como as significações e respostas sociais que a partir dela emergem.

<sup>26</sup> A situação ocorre tanto pela vasta regionalização na qual o hospital se coloca como referência como pela precarização de outros recursos e referências sociais.

rede: menos centralizadora e mais aberta a múltiplas interconexões nas quais a equipe ambiciona poder se inserir.

Verifica-se que as marcas sociais de exclusão presentes nas histórias dos jovens, e entendidas também como constitutivas de suas sintomáticas, têm, não raras vezes, um efeito empobrecedor de suas condições narrativas - as quais são entendidas, nesta dissertação, como possibilidades dos sujeitos contarem suas histórias e falarem dos seus destinos (LARROSSA, 1995). A desertificação narrativa, por sua vez, implica, com frequência, uma fragilização das condições de inscrição social dos jovens em suas comunidades de origem, fazendo com que alguns deles ou sucumbam a psiquiatrização ou filiem-se a redes de tráfico cujo destino é marcado pela violência, por conflitos com a lei e pelo sofrimento psíquico.

Em relação à assistência, uma fixidez na construção de sentidos e expectativas em relação ao atendimento a essa população também dificulta a virtualização das problemáticas com as quais a equipe se depara. Como decorrência, essas dificuldades trazem empecilhos para que tais problemáticas sejam atualizadas em uma via de criação de alternativas que levem a deslocamentos institucionais e subjetivos.

Cientes de algumas armadilhas, muitos técnicos da equipe do CIAPS têm buscado construir contrafluxos a essa lógica em duas direções: 1) invenção de outras estratégias de cuidado e tratamento; 2) ampliação do leque de referências. Em relação ao primeiro item, tem-se a multiplicação de espaços de escuta, criação de oficinas, organização de trabalhos sociais e de clínica ampliada junto à comunidade de bairros situados nas regiões adjacentes ao hospital. Em relação à ampliação do leque de referência, tem-se a participação em fóruns municipais,

regionais e estaduais de Saúde Mental, em redes nacionais de conversação pela Internet<sup>27</sup>, como também a participação de instituições de ensino.

Propostas<sup>28</sup> como Acompanhamento Terapêutico, criação de novas oficinas, interconsultas com instituições que participam da rede de saúde e assistência social, consultorias a escolas, bem como a busca ativa de mapear recursos culturais e de lazer, visando constituir um território<sup>29</sup> para os usuários, têm feito, cada vez mais, parte do cotidiano do CIAPS.

É a partir desse contexto de contradições e embates, mas também de experimentação e criação, que foi possível a equipe do serviço acolher um trabalho compartilhado de pesquisa-intervenção com a universidade. Nesse ponto, é importante lembrar desde quando esse encontro se deu, colocando em questão, nesse processo, a necessidade de produção de um novo coletivo (UFRGS/CIAPS).

#### 2.4 AS PASSAGENS ENTRE AS TECNOLOGIAS DE SAÚDE E O SURGIMENTO DO PROJETO OFICINANDO EM REDE

Em 2004, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)<sup>30</sup> foi convidada pela direção do Hospital Psiquiátrico São Pedro a construir uma oficina tecnológica no espaço do CIAPS a partir da promessa, feita por uma instituição particular, de doação de computadores para o hospital. Essa doação acabou não se efetivando, mas a discussão sobre projetos conjuntos já estava em curso de forma

---

<sup>27</sup> Algumas pessoas da equipe têm participado de uma rede de conversação nacional denominada CAPSi na reforma desde 2007.

<sup>28</sup> A possibilidade de efetivação dessas propostas também tem se dado, através da parceria com a universidade, nos estágios curriculares de psicopatologia, psicologia social e clínica.

<sup>29</sup> O território não é (apenas) o bairro do sujeito, mas o conjunto de referências socioculturais e econômicas que desenham a moldura do seu cotidiano, do seu projeto de vida, de sua inserção no mundo (TENÓRIO, 2001).

<sup>30</sup> Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional e Pós-Graduação em Educação.

que o CIAPS e a UFRGS buscaram viabilizá-la ao encaminhar um projeto através do edital CNPq 19/2004 – Universal que nos possibilitou recursos para o início da pesquisa. A articulação destes eventos deu origem ao projeto *“Oficinando em Rede: um modo de constituir/habitar redes psíquicas, simbólicas e sociais”*.

Esse projeto de pesquisa-intervenção vem implementando oficinas que utilizam os recursos das tecnologias digitais, como informática e fotografia digital, tendo como objetivo pesquisar como o jovem faz rede, tomando a rede na sua polifonia (sociais, virtuais simbólicas).

O desenvolvimento de ações e pesquisas pelo Oficinando em Rede no CIAPS<sup>31</sup> possibilitou, entre outras intervenções, a organização do laboratório de informática, em 2005, e o desenvolvimento de oficinas de informática junto à internação dos adolescentes e internação infantil e também junto ao ambulatório, tanto para o público infantil como para os adolescentes. Atualmente, o laboratório dispõe de cinco computadores ligados à Internet. Todo o trabalho é desenvolvido em *software* livre.

A construção desta pesquisa tem se dado, passo a passo, sendo objeto de reflexão de uma equipe composta por profissionais técnico-científicos<sup>32</sup> do hospital e por professores, alunos de graduação e de pós-graduação das unidades de Educação e Psicologia da UFRGS.

Vale lembrar que, embora a proximidade com os recursos tecnológicos das tecnologias digitais não fizessem parte do repertório imediato de experiências da própria equipe fixa<sup>33</sup>, habitavam o desejo e as vivências dos usuários do serviço,

---

<sup>31</sup> Várias pesquisas simultâneas têm sido desenvolvidas nesse espaço, que já foi campo para duas dissertações de mestrado, além desta em curso, e está sendo campo de duas teses de doutorado.

<sup>32</sup> Psicólogas, psicopedagogas, terapeuta ocupacional, assistente social e médica neurologista.

<sup>33</sup> Técnico-científicos e técnicos de nível médio que compõe a equipe fixa do CIAPS.

bem como dos jovens aprendizes que aqui circulam: estagiários, bolsistas e residentes.

O ingresso das tecnologias digitais, se por um lado tem gerado algumas inibições e impasses; por outro, tem propiciado deslocamentos importantes em relação à posição de saber institucional, já que muitas vezes os próprios usuários têm mais domínio sobre a técnica do que os instrutores da oficina. A equipe, assim, vê-se prioritariamente convocada a acompanhar um processo de descoberta, mais do que operar com um saber prévio.

Nos espaços das oficinas – como são chamadas as oficinas no laboratório de informática – o foco não se coloca em um treinamento no uso da tecnologia, muito embora a aquisição de alguns conhecimentos seja necessária para o seu andamento. As oficinas objetivam, prioritariamente, colaborar na virtualização e atualização de enlaces subjetivos dos usuários e de suas condições narrativas ao proporcionar a eles a ampliação de seu campo de experiência através das interações e produções no ambiente em rede (criação de hipertextos, *Blogs*, histórias coletivas) e do compartilhamento dessas vivências com osicineiros e com o grupo.

Nas oficinas, em curso a partir de 2005 no CIAPS, essa nova forma de relacionar-se tem sido experimentada pelas crianças, pelos adolescentes e pela equipe através da interação com distintas ferramentas disponíveis na Internet. O trabalho na oficina é mediado por um membro da equipe técnica do CIAPS e um acadêmico da universidade, sendo o compartilhamento dessa experiência da oficina as transferências e endereçamentos ali estabelecidos, considerados como pontos fundamentais na constituição do trabalho. As oficinas são semanais, com uma duração de 90 a 120 minutos, tendo participação livre.

Com o decorrer do trabalho, diversas questões vinham surgindo: algumas levantadas pela própria equipe do CIAPS<sup>34</sup>; outras, pela equipe do Projeto (UFRGS e CIAPS)<sup>35</sup>. Todas as questões referiam-se à necessidade de construção das bordas desse espaço que pudessem dar alguma sustentação à intervenção. Surgiu, então, a necessidade de constituir princípios para intervenção<sup>36</sup>:

1. A intervenção não toma como norte à aprendizagem quanto ao uso e possibilidades da tecnologia. A condução do trabalho parte dos efeitos para cada sujeito da relação que ele estabelece com as possibilidades que a tecnologia abre.
2. Identificar e respeitar diferentes modos de relação com a rede de computadores, mesmo quando as formas de relação subvertem o uso corriqueiro da tecnologia em jogo.
3. Privilegiar a conversação real e virtual entre os participantes da oficina.
4. Ter como horizonte a construção de uma comunidade virtual da qual façam parte usuários do sistema de saúde, profissionais de saúde, membros do projeto de pesquisa.
5. Ter em consideração que a introdução da tecnologia no hospital e a rede que ela propicia afeta a lógica da clausura própria à instituição hospitalar e potencializa uma nova territorialização da própria instituição, abrindo uma porta para a rua e, mais do que isso, incluindo-a no seu âmago.
6. Considerar e respeitar as diferentes possibilidades de trânsito dentro/fora – que a tecnologia convoca – para os diversos sujeitos que façam parte do projeto.
7. Ter em conta que o trabalho do *Oficinando* pode gerar questionamentos para a própria universidade, indagando a forma como essa conduz a formação dos profissionais.
8. Ter em conta que o trabalho gera diferenças com as quais a equipe do hospital vê-se demandada a lidar.
9. Utilizar no ambiente somente *softwares* livres, mantendo-se em consonância com o princípio de acesso democrático à tecnologia (UFRGS, 2007, p.17).

Tais princípios objetivam “manter o grau de abertura necessário à criação de novos modos de existência e de expressão, mas delimitam um fechamento necessário ao aconchego dos encontros e ao acolhimento das produções”. (UFRGS, 2007, p.17)

---

<sup>34</sup> Por exemplo, questões referentes ao sigilo e aos riscos da rede.

<sup>35</sup> Por exemplo, propor algo mais dirigido, ou deixar o espaço mais aberto à criação, até que ponto possibilitar ou limitar a navegação.

<sup>36</sup> Princípios construídos a partir das discussões no grupo de pesquisa.

A fim de poder analisar o desdobramento das oficinas com jovens no ambulatório é importante poder refletir sobre as diferentes narrativas e a produção da experiência, bem como sobre as especificidades das questões colocadas em jogo pelos adolescentes.

### 3 NARRATIVAS, TECNOLOGIA E PRODUÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Ao retomarmos a trajetória do HPSP e do surgimento do CIAPS, podemos ver o quanto as diferentes práticas de saúde que marcam a história da instituição, a partir do suporte de diferentes tecnologias de saúde, ora dificultaram, ora viabilizaram que a narrativa dos usuários pudesse ter lugar, ou seja, que a produção da experiência pudesse acontecer.

É importante fazer uma pequena digressão sobre o entendimento que fazemos de *experiência* nesta dissertação. Para isso, contamos com a contribuição de Larrosa (2002), Benjamim (1994) e Agamben (2005).

Larrosa (2002) menciona que a experiência não é algo que fazemos, ou acumulamos, mas sim algo que nos atravessa, que nos afeta, algo que experimentamos (*experi*). O autor resgata o prefixo *ex*, de exterior, de estrangeiro e de existência; e o segmento *peri*, de perigo, ou *per*, de travessia a partir da qual ele associa que a experiência é a “passagem da existência”. Passagem de um ser que não tem essência ou razão, ou fundamento, mas que simplesmente *ex-siste* de forma sempre singular, finita, imanente, contingente. Passagem que também contém um risco, um perigo.

Em Benjamin (1994), Gagnebin (2004) e Agamben (2005) encontra-se a reflexão sobre os diferentes contornos que a experiência emoldura em distintos momentos na história do nosso pensamento.

Benjamin (1994) refere-se à experiência (*Erfahrung*) enquanto experiência compartilhada. Essa pressupõe uma tradição e uma narrativa que lhe anteceda, o que possibilita a apropriação e o compartilhamento de sentido entre narradores e ouvintes, já que participam do mesmo contexto.

A experiência compartilhada inscreve-se numa temporalidade de várias gerações, aparecendo como característica das sociedades orais e em declínio nas sociedades modernas e contemporâneas nas quais a aceleração e descontextualização propiciada pelas transformações tecnológicas e científicas trouxeram empecilhos à produção de narrativas.

O autor também apresenta a *Erlebnis* como experiência vivida ou vivência<sup>37</sup>, que é característica do advento do capitalismo, do progresso técnico e do individualismo. A vivência não busca mais seu sentido em um coletivo, mas remete à interiorização do sujeito; assim, o compartilhamento e a apropriação do vivido são esvaziados.

Agamben (2005) fala do projeto da ciência moderna que substitui a experiência pelo experimento. Transfere-a para fora do homem: aos instrumentos e aos números, e esvazia, assim, a autoridade que essa experiência continha.

Vemos, ao longo da história do HPSP, o esvaziamento da experiência, tanto dos usuários como dos trabalhadores, como um efeito ocasionado pela aceleração

---

<sup>37</sup> Gagnebin (2004) traduz esse termo como experiência vivida. Outros autores traduzem como vivência, que é a opção que utilizamos neste trabalho.

da vida contemporânea<sup>38</sup> e pelo atravessamento de uma leitura do vivido a partir do paradigma da ciência moderna – a qual busca a predição dos fatos e dos sujeitos.

A fim de poder empreender a reinvenção de uma prática em que as histórias dos jovens possam ter lugar, traremos, inicialmente, elementos para pensar as narrativas.

Faremos uma breve reflexão sobre os diferentes gêneros narrativos que surgem nas histórias com a mediação de diferentes suportes técnicos e sua relação com a produção da experiência. A fim de termos elementos para pensar como os novos gêneros narrativos têm se constituído nas passagens subjetivas dos jovens na instituição, exploraremos, na seqüência, de que forma a introdução das tecnologias digitais incide na transformação narrativa.

### 3.1 AS DIFERENTES NARRATIVAS E A PRODUÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Kehl (2001, p. 58), em “Minha vida daria um Romance”, lembra-nos da demanda social, que é vivida individualmente por nós, de buscar construir um “fio narrativo ligando começo, meio e fim” como forma de mantermos a idéia de sermos “indivíduos coesos e reconhecíveis ao longo do tempo”. Assim, podemos dotar nossa vida de sentido, evitando tomá-la como “uma sucessão de dias transcorridos a esmo”.

Essa necessidade imperiosa de romancear, como refere Kehl (2001), surge nas formações sociais modernas e contemporâneas como efeito da necessidade de se nos inserirmos em ordens “complexas e abstratas”, as quais não dão conta de

---

<sup>38</sup> Em nosso serviço o significante “correrias” atravessa todos: os adolescentes ao falar dos seus atos em busca da droga (“fazer correrias”) e a equipe ao falar do acúmulo de demandas e da necessidade imperativa de atender as emergências.

nossas filiações simbólicas. Complexidade incrementada pelo declínio da tradição e religião como ordenadores simbólicos das subjetividades.

Entretanto, a transformação de nossas vidas em narrativas romanceadas como forma de constituir nossa experiência, autorizando-nos como sujeitos, nem sempre ocorreu da mesma forma na história da humanidade.

Benjamim (1994), em seus textos “Experiência e Pobreza” e “O Narrador, considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”, pensa a relação do surgimento e disseminação das diferentes formas de comunicação humana (a narrativa, o romance e a difusão da informação propriamente dita) com as distintas possibilidades ou impossibilidades de os sujeitos, em diferentes épocas e contextos, poderem apropriar-se de suas experiências.

A narrativa, nas sociedades orais, tinha como principal tarefa a transmissão da experiência e não a afirmação da autoria do narrador, uma vez que a autoridade estava contida nessa transmissão. Por ter “florescido num meio artesão”, como lembra-nos Benjamim (1994,p. 205), seja no campo, no mar ou na cidade, a narrativa apresentava-se como uma “forma artesanal de comunicação”. O narrador não estava interessado em “transmitir o puro em si da coisa narrada”, mas dar conselhos que permitissem o desdobrar da trama no tempo, sendo ele próprio alguém que também tinha o dom de “ouvir” e tecer. Benjamim afirmava:

Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido.Quando o ritmo de trabalho se apodera dele. Ele se escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. (1994, p. 205).

O romance, ao contrário, tem sua origem no desenraizamento do coletivo. Os personagens aparecem como heróis solitários, sem nenhuma pretensão em

constituir-se como exemplo, ou como elo que possibilite o desdobrar da narrativa. Ao contrário, como menciona Gagnebin (1994), “toda ação se constitui como uma busca: seu sucesso, ou seu fracasso” (p.14). O leitor também compartilha dessa solidão e desamparo. O que se torna prevalente nesse contexto é a experiência vivida ou vivência (*Erlebens*) que não busca mais seu sentido em um coletivo, mas na interiorização do sujeito. Dessa forma,

O romance não é significativo por descrever pedagogicamente o destino alheio, mas porque esse destino alheio, graças à chama que o consome, pode dar-nos o calor que não podemos encontrar no nosso próprio destino. (BENJAMIN, 1994, p. 214).

Ao ignorar, como refere Kehl (2001, p.17), “a dimensão que lhe ultrapassa”, ou seja, “a narrativa que lhe constitui e que ele não é, nem pode ser seu único autor”, o indivíduo que surge a partir da modernidade padece de solidão e de falta de legitimidade de sua existência. Assim, restituir sua chama através do calor do destino alheio, ou laçar-se, como autor solitário do romance de sua vida, em uma “compulsão neurótica de tudo dizer”, constituem movimentos que configuram, ao mesmo tempo, buscas de inscrição dessa experiência, mas que acabam se armando como tentativas de “deter o tempo e o movimento errático da vida”. Todavia, em uma via diferente a essa detenção, ao mesmo tempo também, começam a se esboçar, como lembra Kehl (2001), exercícios de algumas formas de experiências de vida<sup>39</sup> que permitam aberturas para *falta-a-ser*, para criação de uma ficção mais imprecisa, cheia de elipses, que dê suporte aos enigmas<sup>40</sup>.

---

<sup>39</sup> Como, por exemplo, as experiências propiciadas pela arte ou pela análise.

<sup>40</sup> Lacan (1998) e Kehl (2001) utilizam como metáfora a possibilidade de o indivíduo moderno poder transformar suas vidas de romances a contos, como forma de virem a sustentar a falta, o inconcluso. Efeito esse também desejável em uma análise.

Benjamim (1994) ressalta também a disseminação da informação como uma forma de comunicação que se torna predominante com as transformações surgidas com a invenção da imprensa e com a consolidação da burguesia e do capitalismo. Essa forma de comunicação é apontada pelo autor como um dos principais responsáveis pelo empobrecimento da experiência. Assim, os eventos vividos não encontram possibilidade de serem apropriados pelos sujeitos, nem podem ser tecidos como experiência, uma vez que não encontram, como refere Kehl (2001), um discurso social que os legitime e os autorize na sua diferença.

Gagnebin (2004) menciona que Benjamin, com essa reflexão, expõe os paradoxos da nossa sociedade na sua dificuldade de poder traduzir em experiência o excesso de produções informativas. O autor não se propõe, entretanto, a recuperar uma autoridade ou narratividade perdida; pelo contrário, propõe-se a articular, a partir dos fragmentos de enlace resultantes dessa perda, a produção de uma outra história. Indica o surgimento de outra narratividade que possa resgatar a voz dos esquecidos e apagados das histórias oficiais em uma via, como falávamos anteriormente, de não paralisia do tempo. Nesse sentido, Benjamim (1994) entende o tempo como uma construção a partir do presente, que implica a experiência de cada um de poder reconstituir, a partir das reminiscências, imagens de passado, como também de futuro.

Lembramos que, na época em que Benjamim (1994) esboçou sua obra, na década de trinta do século XX, ainda não estavam em curso as mudanças operadas pelas transformações tecnológicas advindas da informática. Portanto, o autor centra sua análise nas transformações narrativas surgidas com as passagens das sociedades orais para as diferentes formas ou gêneros de comunicação escrita, e as mudanças decorrentes do progresso técnico e do incremento do capitalismo.

Embora as reflexões trazidas por Benjamin (1994), tanto em relação ao empobrecimento da experiência quanto à necessidade de buscar uma nova narratividade, continuem bastante pertinentes para analisar questões relativas ao nosso contexto, é necessário, entretanto, que nos debruçemos sobre as transformações advindas da revolução propiciada pelo ingresso dos suportes técnicos informatizados, já que além de radicalizar processos de transformação que já estavam em curso, produziram novos efeitos de mudanças nas formas de comunicação, narratividade e produção da experiência.

### 3.2 AS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS E A TRANSFORMAÇÃO DAS NARRATIVAS

Para traçar algumas das possíveis transformações das narrativas ocasionadas pelo advento das tecnologias digitais, apoiaremos nossas reflexões em Pierre Lévy (1997, 2000, 2005). Esse autor analisa, em diferentes momentos de sua obra, de que forma as mudanças sociais e transformações dos suportes técnicos, ao longo da história da humanidade, acabam incidindo nos processos de subjetivação, cognição e comunicação humana.

O autor entende *comunicação* não como “simples transmissão de informação, mas como possibilidade de dar sentido às mensagens trocadas” (LÉVY, 1997, p.21). Esse sentido emerge e constrói-se no contexto que é sempre local, datado, transitório.

Lévy (2000) lembra que nas culturas orais as mensagens eram recebidas no local e no momento da emissão. Havia a interação entre o emissor e os receptores

que partilhavam o mesmo universo semântico e o mesmo contexto, formando uma totalidade que o autor define como *unidade estabilizada de significados*.

Nas culturas escritas, a partir da criação do suporte técnico do livro, torna-se possível a disjunção entre o emissor e o receptor, assim como entre os contextos, os lugares e os tempos.

O suporte técnico do livro permite o texto circular em diversos universos semânticos e lingüísticos estranhos ao contexto de origem. Essas diferentes possibilidades afetam a interpretação e a experiência. Frente a essas demandas de circulação das mensagens, independente do contexto, e da necessidade de interpretá-las, surge o imperativo de produzir uma universalidade totalizadora de sentidos, na qual o texto deveria carregar ao máximo seu contexto.

Essa universalização totalizadora, ao tentar elidir as singularidades dos diferentes contextos de apropriação, limita a interação, focando a difusão na qual o receptor tem um papel de decodificador, receptor e não-construtor. Esse processo encontra sua expressão máxima em práticas publicitárias que utilizam os meios de comunicação de massa.

A cultura mediada pela rede de computadores pressupõe a recepção das interações em contextos diferentes. Propõe outra maneira de instaurar a presença virtual da humanidade (o universal) que não pela identidade de sentido (totalidade). Nessa nova leitura do universal, que se opõe à homogeneização de um discurso globalizado, o universal aparece, ao contrário, como sinônimo de extenso, entrecortado, interativo, menos totalizável.

Lévy (1997) participa da discussão contemporânea sobre o efeito das mudanças tecnológicas na sociedade. Discussão bastante controversa, uma vez

que alguns autores acentuam sua face catastrófica, enquanto outros, como Levy (1997), Parente (2004), Latour (2004), Callon (2004), acentuam suas possibilidades de reapropriação e ruptura.

Entre os autores que têm uma leitura mais pessimista sobre as novas tecnologias estão Baudrillard (1993), que fala do risco de aniquilação do real. Para o autor, a abstração do suporte material transformaria a realidade em simulacro, tornando, dessa forma, as imagens auto-referentes. Virilio (1993), na imagem que cria do “paralítico tecnologizado”, também expõe o risco da inércia ao substituímos as ações humanas por máquinas.

Lévy (1997, p. 188), ao contrário desses autores, acentua a tecnologia como uma produção humana; por isso, destaca: “Nenhuma técnica tem uma significação intrínseca, mas apenas o sentido que é dado a ela, sucessiva e simultaneamente, por múltiplas coalizões sociais”.

Ao refletir sobre as relações entre o progresso técnico e os seus efeitos, Lévy (1997) afirma que, na contramão do efeito homogeneizante provocado pela introdução dos meios de comunicação de massa em nossa sociedade, a introdução das novas tecnologias da informação e comunicação tem propiciado também a invenção de novas formas de conexão, compartilhamento e representação dos sujeitos. Dessa maneira, tal transformação tem possibilitado, a partir de uma pluralidade de sentidos, articulações singulares.

Nesse sentido, o autor, ao contrário de ressaltar o potencial acelerador e de fragmentação que esse encontro pode propiciar, coloca o acento nas possibilidades de apropriações singulares que podem ser constituídas a partir das mesmas.

Entendemos, a partir de Lévy (1997) e Parente (2004), que as novas tecnologias surgem, ao mesmo tempo, como constituintes e como efeito das produções humanas e da forma como os homens estabelecem suas relações. Se considerarmos a sociedade não como um todo homogêneo e fixo, as suas produções tecnológicas disponibilizariam diferentes direções e movimentos, dependendo dos limites e possibilidades inscritos na sua própria forma de operar, mas também na virtualização propiciada pela articulação com os diferentes discursos e movimentos.

Nossas condições sociais hoje possibilitam outras formas narrativas de transmissão, compartilhamento e representação das experiências. Acreditamos que seus efeitos poderão ser diversos, dependendo da história dos sujeitos e dos coletivos, e da forma como esses forem articulados.

Lévy (2005), em outro momento de sua obra, analisa o conceito de virtual, indo além da definição de não-presencial, sem efetuação material. Retoma sua raiz a partir da filosofia, *virtuos* (força, potência), do qual esse conceito se origina, definindo-o em oposição ao atual (solução para uma determinada situação problemática), e não ao real (tomado como sinônimo de realidade). Menciona:

Contrariamente ao possível, estático e já constituído. O virtual é um complexo problemático, um nó de tendências e forças que acompanham uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer e que chama um processo de resolução: atualização. (LÉVY, 2005 p.16).

Ao analisar a virtualização dos textos escritos, ao longo da história da humanidade, Lévy (2005) menciona que desde a sua origem eles sempre foram independentes de seu suporte material. Isso porque o texto em si só ganha significação a partir de um leitor, que, para poder apreendê-lo em um sentido, recorta-lhe, destaca algumas partes e omite outras, relaciona-o a outros textos, ou

seja, fabrica um novo texto, apesar de todos os esforços universalistas dos produtores de textos.

Dessa forma, não entende a “virtualização” como decorrente unicamente da introdução dos suportes informatizados. Esses têm o potencial de ampliar as possibilidades de leitura, compreensão e escrita<sup>41</sup>, bem como propiciar um acesso imediato e singular a esse campo de informação e comunicação, criando viabilidades para que a “subjetividade humana entre nesse circuito” e, assim, a virtualização possa ocorrer.

Lévy (2005, p. 40) afirma que a virtualização, na medida em que problematiza esse campo, gera um “movimento a indeterminação do sentido” e “uma propensão do texto a significar”, tensão essa que só poderá ser resolvida na leitura, através de uma interpretação, ou seja, de uma atualização. Apesar de não serem experiências totalmente novas, as tecnologias digitais ampliam, de modo marcante, os processos de interação com os textos, o que pode significar modulações ricas na experiência.

O autor menciona que o aparecimento da escrita na humanidade acelerou o processo de “artificialização, exteriorização e virtualização da memória” (p.38). Assim, a disjunção entre saber e sujeito, que surge em decorrência desse processo, favoreceu o surgimento de uma tradição crítica. Teve também, como decorrência, “a prevalência dos saberes teóricos e hermenêuticos sobre os saberes narrativos das sociedades orais” (p.38).

Além disso, é preciso perceber que, a par de uma individualização crescente (como, por exemplo, a leitura silenciosa), a escrita produziu também práticas coletivas, tais como a experiência da intertextualidade, ou seja, autores comentando outros autores. Foi a partir dessas práticas que o próprio escrever pôde ser tomado

---

<sup>41</sup> Ao invés de uma leitura linear, uma leitura hipertextual como será explicitada mais adiante no texto.

como experiência, tornando possível a constituição de escolas de pensamento. Assim, se tomarmos a escrita como experiência – e não somente como representação da experiência – podemos pensar que ela também possibilita seu enriquecimento. Pensemos nas bibliotecas, na relação entre autores, nos editores, na crítica literária e em toda gama de ampliação do universo de experiências que a escrita nos têm propiciado.

As novas possibilidades interativas que surgem no texto dinâmico, geradas a partir de um suporte técnico digitalizado em rede, além de incrementarem experiência e construção coletiva, segundo Lévy (2005, p. 39) “têm a possibilidade de reconstituir a co-presença da mensagem e do contexto vivo que caracteriza a comunicação oral”.

Embora tenhamos algumas diferenças em relação ao autor, no sentido de seu otimismo em relação à interação digital, seria importante pensar com ele, e com outros autores, quais as peculiaridades das tecnologias digitais e quais as possibilidades narrativas que se abrem a partir da rede informatizada. Pensamos que essas possibilidades são atualizadas a partir de um grande trabalho de interação.

### 3.3 O MODO DE OPERAR DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS INTERATIVAS E O DESDOBRAR DE ENREDOS E NARRATIVAS

Lévy (2005) menciona que a virtualização do espaço e do tempo, propiciada pelas tecnologias digitais interativas, afeta diretamente as narrativas clássicas. Dessa forma, a sincronia (obtida pela interação em tempo real pelas redes virtuais,

pelo sistema de telepresença e por transmissões ao vivo) substitui a unidade de lugar, e a interconexão afeta a unidade de tempo, uma vez que é possível obter uma continuidade de ação, mesmo em ações descontínuas, como é o caso do correio eletrônico.

Essas mudanças trarão efeitos de leitura e escrita aos sujeitos que interagem na rede e também na forma como constituem suas relações e experiências.

Em relação à leitura/escrita, é importante refletirmos como o hipertexto digital<sup>42</sup> e suas características interferem nessa transformação.

A ausência de um roteiro linear na navegação do hipertexto digital convoca o internauta a assumir um papel mais ativo: é ele quem escolhe, a partir dos conjuntos de nós disponíveis, o seu percurso e a forma de construir sua leitura e escritura na rede. Isso porque, na medida em que cria novas ligações, ou até mesmo novos comentários e informações em alguns suportes, ele interfere alterando o texto original, texto esse que muitas vezes já é a composição de muitos outros. Dessa forma, autor/leitor tendem a trocar de papéis.

Freitas (2005), em sua pesquisa sobre os sites produzidos pelos adolescentes, observa que os jovens buscam ativamente informações não somente na Internet e em outros suportes, como livros e revistas. Há também o uso constante de colar, tanto em relação ao código-fonte quanto em relação ao conteúdo. Processo que os faz, ao mesmo tempo, leitores, produtores e emissores de informação.

---

<sup>42</sup> Texto estruturado em rede que se constitui de nós e de ligações entre os nós e que, segundo Lévy (1997), tem como características principais: metamorfose (estar em constante construção e renegociação); heterogeneidade (nós e conexões heterogêneas de sons, palavras, etc.); multiplicidade de encaixes (cada nó é constituído de toda uma rede); exterioridade (a composição da rede depende de um exterior indeterminado); topologia (no hipertexto tudo funciona por proximidade); mobilidade de centros (a rede tem diversos centros móveis que se deslocam de um lugar para outro desenhando outros contornos).

Nessa escrita dinâmica a linguagem também é afetada. Com as interações em rede, surge um novo tipo de escritura, escritura ideográfica, tal como foi nomeada por Lévy (1991), na qual elementos heterogêneos como sons, imagens, palavras e expressões próprias, criadas a partir dessa cultura em rede, hibridizam-se na composição dos diferentes enunciados dos sujeitos. Lévy (1991, p. 17) refere que essa forma de linguagem “seria inimaginável antes do desenvolvimento da microinformática convival, uma linguagem intrinsecamente ligada às capacidades de memória e interação dos computadores contemporâneos”.

Diversos autores têm pesquisado a respeito das mudanças ocorridas na linguagem e escrita a partir da interação digital. Mayansi (2000) busca refletir sobre o novo gênero de comunicação que surge através dos *Chats*, o qual o autor denomina como “gênero confuso”, já que impõe uma lógica própria que é diferente das precedentes, mescla características da escrita formal ( mais reflexiva), e do registro oral (espontâneo, onde há a presença de outros elementos como os *emotes*<sup>43</sup> que também favorecem a comunicação). Esse novo gênero no qual a escrita é desprovida da obrigação de cumprimento das regras gramaticais, a comunicação ocorre de forma instantânea, pouco elaborada, mas o seu potencial de compartilhamento e interação permite que se constitua, segundo a autora, uma obra coletiva, fragmentária e vital.

No que se refere às possibilidades relacionais, as mudanças em relação às espacialidades e temporalidades provocadas pelas novas tecnologias parecem trazer alguns riscos, mas também criam potencialidades diversas. Riscos de empobrecimento da experiência e despersonalização, quando o não compartilhamento do contexto possa acontecer no sentido de prescindir do laço com

---

<sup>43</sup> Símbolos agregados ao texto que buscam comunicar emoções numa tentativa de substituir a comunicação gestual.

o outro (por exemplo, numa fixação nos jogos pelo computador) ou restringir-se a relações não presenciais; mas também há possibilidades de potencializar os laços, quando surge a chance de 'inventar' novas formas de encontro através do contexto da Internet, como no caso dos amigos virtuais e das próprias relações que vão se tramando nas redes constituídas na própria oficina.

Costa (2005) constata que a possibilidade de os relacionamentos serem estabelecidos de forma passageira ou duradoura nas redes parece análoga a dos relacionamentos presenciais, sendo que essas diferentes formas de relacionamento colocam-se, muitas vezes, como complementares. Posição enunciada também por Lévy (2006) ao ressaltar o potencial das comunidades virtuais na tradução de projetos, conflitos, amizades, paixões.

Prestes (2005) ressalta a importância dos *Chats* e *Messenger*, no contexto atual, como alternativas de contato permanente com os iguais para jovens que se vêem privados de interação social, favorecendo a criação de lugares de pertença junto aos pares, bem como oportunizando processos de identificação. A dimensão lúdica desses espaços e o jogo com a identidade, presente nos personagens criados através dos nicks, também favorece certo descanso frente às obrigações sociais.

No dia-a-dia do CIAPS também temos observado diferentes impasses e possibilidades de aberturas através do acesso à rede. Lembramos alguns casos de jovens nos quais o encontro com o computador e com a Internet parece ter funcionado tanto como enunciador de uma errância subjetiva e também como propulsor de uma vivência de despersonalização. Adolescentes que chegaram até a internação, em que um dos fatores que precipitaram a crise, ou nos quais essa pôde ser visualizada, estava relacionado ao estabelecimento de uma relação exclusivista com o computador e com a Internet.

Outras experiências, inclusive as que estamos tendo nas oficinas, evidenciam encontros que favorecem a emergência de lugares enunciativos diversos, bem como favorecem aberturas para o conhecimento e diálogo com outros espaços sociais, como detalharemos ao longo da dissertação.

Isso nos leva a pensar que a forma de operar com as novas tecnologias pode ser vivida ou experimentada de diferentes modos pelos sujeitos, dependendo da condição contextual e subjetiva em que se dá esse encontro e das disponibilidades transferenciais, operativas e de mediações simbólicas ali colocadas. Tal diversidade de possibilidades faz com que a análise das narrativas produzidas pelos jovens usuários do CIAPS seja importante para construir conhecimentos que subsidiem intervenções no serviço.

Para tanto, no capítulo seguinte retomaremos as questões subjetivas que estão em jogo na passagem adolescente para, então, pensar como os diferentes suportes e tecnologias podem favorecer passagens subjetivas.

#### **4 O ADOLESCER E SUAS NARRATIVAS**

O breve percurso pela história de atenção em saúde mental infanto-juvenil no HPSP mostra que se constituiu um espaço para crianças e, posteriormente, também para os jovens na instituição. Esses espaços que foram sendo criados parecem relacionados às diferenciações entre lugares da infância e juventude que vão acontecendo também no contexto mais amplo, ao longo da história do hospital como aparece nas pesquisas de Hartmann e colaboradores (2007).

Os serviços surgidos, por sua simples existência, não significam que as narrativas infantis e adolescentes passem a ter lugar dentro do hospital, o que exige um trabalho de transformação institucional para que isso seja possível.

Este capítulo tem o intuito de pensar algumas especificidades que estão colocadas na experiência dos jovens usuários. Jovens que também vivem em um momento histórico-cultural da cultura ocidental no qual a passagem entre a condição infantil e adulta inscreve-se e ganha visibilidade através do adolescer. Jovens que ao representarem, a céu aberto, os impasses próprios do seu tempo, mobilizam também reações e convocam transformações sociais e institucionais.

Para efeito desse trabalho vamos tomar os jovens como adolescentes, no sentido de dar centralidade à operação psíquica e social em questão nas suas

trajetórias, embora a definição de *adolescentes* esteja delimitada normativamente no CIAPS a partir da concepção baseada nas teorizações da psicologia do desenvolvimento que a delimita a partir de uma faixa etária<sup>44</sup>.

#### 4.1 AS PASSAGENS E A VIRTUALIZAÇÃO DAS NARRATIVAS

Concordamos com Benjamim (1994) de que uma visão do tempo linear como mera sucessão de fatos naturalizados, nos quais quem profere a leitura não está implicado, tem como efeito a homogeneização dos contextos e também das pessoas.

Esse viés de leitura está bastante presente no discurso contemporâneo e atravessa-nos a todos, e têm diversos interlocutores na ciência. Por exemplo, nas temporalidades presentes no discurso médico, o qual busca, a partir dos fatos ocorridos, categorizar os usuários e predizer seus destinos, as leituras psicologizantes da adolescência a entendem como mera etapa naturalizada que deve ser evolutivamente transposta; ou em uma vertente sociológica funcionalista de juventude, que compreende a adolescência como período de transição para um ajustamento social posterior.

Para psicanálise, a partir de Freud e Lacan, o tempo do sujeito é uma construção singular: não é uma mera sucessão de etapas.

É a partir da possibilidade de uma antecipação, da constituição de um lugar de espera no campo do Outro<sup>45</sup>, como refere Costa (2006), que o sujeito poderá se

---

<sup>44</sup> O programa do CIAPS, baseado no ECA, define crianças até os 12 anos e adolescentes, dos 12 aos 17 anos e onze meses. No dia-a-dia do serviço essas fronteiras estão mais flexíveis e acabam sendo definidas a partir de uma série de fatores, nem sempre concordantes entre si, como: estruturação subjetiva, compleição física, exposição a riscos.

constituir, mas esse lugar só poderá ser significado *a posteriori* a partir da experiência vivida.

O lugar de espera, conforme explica a autora, tem relação com as possibilidades de antecipação de uma representação imaginária, na tentativa de produzir uma unidade corporal (eu), como também está relacionada à aposta simbólica de que ali “um sujeito fale”, ou seja, que haja a possibilidade de inscrição de um sujeito na estrutura da linguagem. Inscrição essa que não se esgota em um momento vivido, mas que se atualiza em diversos momentos na história de cada um<sup>46</sup>.

Fortes (2006) observa que há, no tempo psicanalítico do “a posteriori do inconsciente”, uma dissemetria entre o antes e o depois. O tempo da psicanálise também é, para a autora, o tempo da irreversibilidade enquanto impossibilidade de retorno aos sentidos produzidos anteriormente.

[...] a produção subjetiva na psicanálise implica um modo de temporalização que implica na experiência de perda e dissipação. Por meio desta última, o sujeito pode seguir criando a cada vez um novo sentido para sua existência, diferenciando sempre o presente do passado e, podendo com o seu desejo, apostar na dimensão do futuro (FORTES, 2005, p. 205).

Essa produção subjetiva, na psicanálise, sempre está referida ao que se dá no laço com o Outro, necessitando que haja esse lugar terceiro, saber reflexivo, que possibilite a passagem. Costa refere:

Falar de passagem implica colocar em evidência a possibilidade de inscrição cultural desse objeto/traço resultante da ligação do sujeito/Outro (2001 p. 53).

---

<sup>45</sup> Definimos o Outro, a partir de Lacan (1998, 1964), como a alteridade simbólica a partir da qual o sujeito se constitui, lugar de onde provém a cadeia significante que se presentificará nos sujeitos e marcará, nas diferenças das posições que assume no seu ordenamento, o seu lugar no mundo.

<sup>46</sup> Entendemos, a partir da psicanálise, que estruturação psíquica do sujeito tem seu curso nesse processo de alienação e separação do outro, “semelhante”, e do Outro, atualizada em diferentes momentos em sua vida.

Esse processo tem seu curso na busca singular de um significante<sup>47</sup> que contenha esses encontros heterogêneos (eu, Outro), mas que, ao mesmo tempo, mantenha essa dualidade irresolutível. Costa (2004) também refere que é justamente nos momentos de perdas e mudanças em relação aos referentes (que ordenam o lugar de cada um no mundo) que essa passagem se faz necessária.

Na cultura ocidental, um dos momentos em que isso ocorre é denominado adolescência. Momento que demarca a passagem de uma condição infantil para uma condição adulta, entre um espaço de existência e pertença relacionado ao familiar<sup>48</sup>, ou parental, e a inclusão no laço social. Passagem que coloca em questão o lugar do sujeito e, decorrentemente, a alteridade simbólica que lhe constitui (Outro).

O esvaziamento temporário e o necessário reordenamento desse Outro na passagem adolescente fazem com que essa operação não seja mera decorrência da infância, como refere Rassial (1999, p. 10), mas que, com ela, se inicie um tempo de “recapitulação”. Tempo em que as inscrições anteriores podem ter novos arranjos. Mas é também um tempo de “inauguração”, já que, na medida em que há um reordenamento da alteridade simbólica, há uma possibilidade de mudança de posições subjetivas e da condição narrativa do sujeito.

Talvez esse seja o ponto em que a possibilidade virtualizadora<sup>49</sup> dessa operação possa se colocar em evidência. No processo de constituição de um outro espaço identificatório, o sujeito vê-se confrontado com a virtualidade da cadeia

---

<sup>47</sup> O significante, para a Psicanálise, é o elemento discursivo constituinte da cadeia simbólica que representa e determina o lugar do sujeito.

<sup>48</sup> Estamos considerando o familiar, a partir de Poli (2005), como lugar de alienação fundamental do sujeito, do qual ele deve se separar para alcançar uma condição de enunciação singular.

<sup>49</sup> Utilizamos para essa leitura a contribuição de Deleuze (1982), o qual menciona que o tempo da estrutura vai sempre “do virtual ao atual”, ou seja, “o tempo é sempre um tempo de atualização, segundo o qual se efetuam, em ritmos diversos, os elementos de coexistência virtual” (DELEUZE, 1982, p.285).

significante, que poderá ser atualizada em diferentes vias. Essas, ao se concretizarem, afirmam sua inscrição anterior.

#### 4.2 A OPERAÇÃO DE PASSAGEM ADOLESCENTE

Neste estudo interessa-nos situar a adolescência como uma operação psíquica de passagem entre uma condição infantil e uma condição adulta, tal como foi definida por Rassial (1999).

Nesse sentido, o que marcaria a diferença entre a condição infantil e adulta é a narratividade através da qual os sujeitos significam suas vivências. A adolescência é entendida como operação que possibilita o sujeito fazer a transposição entre essa posição, na qual a narratividade em relação ao seu lugar está mais diretamente referida a Outro Primordial<sup>50</sup> (condição infantil), para uma outra condição na qual o sujeito autoriza-se a falar em nome próprio a partir do reordenamento desse Outro (condição adulta). Reordenamento que se constituirá, como refere Rassial (1999), nessa passagem do sujeito do familiar, diríamos parental, ao laço social.

Jerusalinsky (2004) afirma que um dos aspectos diferenciais entre a condição infantil e a adulta é a forma como elas estão situadas em relação à lei social. Na condição infantil, os sujeitos não têm que responder pelos seus atos, os quais podem ser tomados como um “faz de conta”. Estão, por isso, submetidos a um tutelamento de uma lei “*ad hoc*”, circunscrita ao universo dos seus cuidadores. Os

---

<sup>50</sup> Tomamos como Outro Primordial a instância responsável por inscrever o sujeito na linguagem, engendrar o lugar do sujeito. Jerusalinsky (2001) define-o como a matriz simbólica e enunciativa, responsável por, inicialmente, inscrever e sustentar, no real, os significantes que lhes constituem até que a elaboração de um saber a respeito de lugar do sujeito possa vir a operar.

adultos, entretanto, estão referidos à lei social de forma que podem ser responsabilizados pelos seus atos.

A travessia adolescente, de acordo com esse autor, é marcada em relação a essa mudança de estatuto, e, por isso, comumente vivida como um estado de indecisão e de exceção. A condição de exceção acaba favorecendo movimentos que se situam nessa margem ou buscam delimitá-la.

Notamos que muitas crianças que atendemos estão jogadas desde cedo em uma condição de exceção. Embora legalmente (conforme o ECA) não possam se responsabilizar pelos seus atos, não têm referências que respondam por eles em função de uma fragilização social e psíquica de suas famílias. Dessa forma, têm que se deparar diretamente com normatizações legais e burocráticas que determinam os seus destinos, sem poder contar com outro amparo que lhes pudesse assegurar marcas de filiação.

Rassial (1997) ressalta a frequência com a qual os jovens buscam, no lugar da exclusão, a inscrição de outra lei: lei do bando ou da seita. Dessa forma, torna-se bastante comum que o apelo dos jovens se faça em uma via mais transgressiva.

Entretanto, essa transgressão não necessariamente se dá na via de atos infracionais, mas também pode se concretizar em uma via de criação na cultura, como nos lembra Kehl (2000). A autora ressalta o quanto a experiência marginal de alguns grupos fundados por jovens (como, por exemplo, os movimentos em torno do hip-hop) ao buscarem inscrição, têm a possibilidade de “forçar a contínua re-escritura do pacto civilizatório” (KEHL, 2000, p.41).

Consideramos que é essa a nossa busca na proposição de estratégias, entre as quais estão as oficinas: possibilitar novos suportes em que os jovens possam vir a constituir a singularidade de suas experiências de vida, favorecendo, com isso,

tanto suas construções de si, como as modificações das bordas e fronteiras institucionais e da própria cultura na qual estamos inseridos.

Consideramos que o acesso aos lugares e à condição infantil, adolescente ou adulta, não ocorre naturalmente, nem depende diretamente de uma cronologia.

Portanto, podemos encontrar crianças que não tiveram acesso a uma condição infantil, ou que são jogadas em um processo de adolescimento precoce; jovens que ainda estão referidos a essa condição infantil, não conseguindo adolecer, ou ainda podemos encontrar adultos estacionados na passagem adolescente.

A convocação para a saída da infância, nos casos atendidos, é delimitada por fatores de diferentes ordens. Fatores que vão desde a puberdade, como, em alguns casos, a perda (real ou simbólica) de pessoas com função de referência e proteção, com a conseqüente demanda de assumir algo do sustento (subjetivo e financeiro) de si e dos familiares. Essas convocações, aliadas ao apelo a um posicionamento sexuado, podem, ou não, desencadear um processo de adolescimento. O repertório disponível para essa inscrição está dado pelas possibilidades e virtualidades presentes na cultura e também na história de constituição dos sujeitos e dos coletivos dos quais eles participam. Entretanto, as decorrências desse processo poderão ser singularmente inscritas, tendo também a possibilidade de serem reordenadas a partir de um espaço de trabalho subjetivo.

Entendemos que é a partir das diferentes possibilidades e impossibilidades de passagem pela condição infantil, e de como as inscrições psíquicas serão reafirmadas ou reordenadas pela convocação à passagem adolescente, que poderemos considerar os casos que nos chegam.

Becker (2002, p. 72) refere que as passagens podem ocorrer em diferentes momentos da vida, mas o que torna específico a passagem na adolescência é que “a crise é determinante para que a passagem assim se faça sem a qual o adolescente não poderá atualizar sua vida desejante em nome próprio”. O que faz, todavia, com que na nossa sociedade essa passagem possa ser comumente vivida através de uma crise?

#### 4.3 AS MARCAS SOCIAIS DO ADOLESCER

Diferentes autores, entre esses Rappaport (1993), Calligaris (2000), Rufino (1995), Rassial (1999) e Costa (2004) analisam o surgimento da adolescência, ainda na modernidade, como decorrente da crescente diluição de ritos e práticas societárias capazes de dotar de eficácia simbólica a passagem entre a condição infantil e a condição adulta.

É nesse sentido que Rappaport (1993, p. 41) coloca o adolescer como “substituto e herdeiro da eficácia ritual perdida”. A autora entende que essa eficácia é o que permitia que as mudanças corporais da puberdade e os apelos sociais tivessem uma inscrição subjetiva, possibilitando aos sujeitos a travessia entre a condição infantil e adulta.

Essa sociedade disponibiliza algumas práticas que se assemelham a rituais, mas que ocorrem em diferentes direções. Padecem da falta de narrativas e referentes sociais que as autorizem, tornando mais trabalhosa a possibilidade de garantirem um estatuto subjetivo para os jovens que as acessam. Esses têm que empreender singularmente esse trabalho de busca e legitimação de si.

Assim, tanto a passagem pelo uso de drogas como pelo ingresso em uma banda, em uma gangue, em um curso técnico ou em um vestibular, podem ser consideradas buscas que ocorrem no lugar de uma ritualização da passagem, mas que podem ter efeitos subjetivos diversos: algumas levam a um aprisionamento imaginário (não permitindo que o jovem prescindia das mesmas para que se sinta alguém); outras, propiciando efeitos mais simbólicos (inscrevendo um significante entre muitos que o representam). Os diferentes efeitos dessas práticas parecem depender tanto dos riscos e das possibilidades nelas inscritos, da posição em que são ofertadas, como do lugar em que acabam ocupando no enredo que compõe a vida desses jovens<sup>51</sup>, ou seja, aparecem nesse cruzamento de suas histórias individuais com as histórias coletivas.

É importante ressaltar que essa demanda social de legitimação de si é dirigida a todos nós que vivemos nesse momento social e cultural, não se restringe aos jovens, embora neles esteja mais fortemente explicitada. Justamente por essa razão, como lembra Calligaris (2000), eles tornam-se, muitas vezes, depositários dos ideais dos adultos (sonhos, desejos não realizados) como também dos seus pesadelos (desejos esquecidos e recalçados).

#### 4.4 TRAVESSIAS SUBJETIVAS COLOCADAS EM CURSO NA PASSAGEM ADOLESCENTE

Durante a passagem adolescente, existem algumas necessidades de reordenamentos reais, simbólicos, imaginários relacionados à estruturação de um

---

<sup>51</sup> Talvez pelo acesso ou não a possibilidades de interlocução e testemunhos que possibilitam a travessia dessas experiências

lugar sintomático próprio<sup>52</sup>, que faz com que a operação de passagem adolescente, como refere Rassial (1999), possa ser vivida como um novo nascimento.

Desse modo, os jovens, ao se depararem com as mudanças advindas da puberdade<sup>53</sup> e de como elas incidem no olhar do Outro convocando-os a assumir uma posição sexuada, necessitam de um trabalho de reapropriação dessa imagem modificada<sup>54</sup>. Imagens cujas bordas não mais são delimitadas pelos significantes que surgem a partir do Olhar parental, e sim dos significantes que emergem na relação com outros adolescentes, principalmente os considerados parceiros do sexo oposto.

As modificações corporais, por exemplo, ao mesmo tempo em que perturbam a imagem do corpo, como refere Rassial (1999), contribuem, junto com o direcionamento sexual para fora da família, para a perda da consistência imaginária e simbólica das figuras de referência que, ao se assemelharem aos adolescentes, perdem seu lugar idealizado.

Essa vivência, aliada à constatação de envelhecimento e da possibilidade de morte dos pais, altera o lugar dos jovens na cadeia de gerações, fazendo com que os adolescentes possam se reconhecer como mais um elo nessa teia o que modifica as possibilidades de ordenamento simbólico e transmissão.

Poli (2005, p. 225) ressalta também que o confronto com o “real do sexo na puberdade e o seu efeito injuntivo decorrente” coloca em curso a necessidade de reformulação de narrativas elaboradas na infância, como as teorias sexuais infantis. Segundo a autora, os romances familiares, assim como foram relatados por Freud em 1908, aparecem como “versões da fantasia sobre a origem de um corpo

---

<sup>52</sup> Entendemos o sintoma como a forma com que o sujeito costuma registrar-se nos seus laços, a partir dos seus impossíveis, inscrevendo seus limites (angústias, inibições) e possibilidades (COSTA, 2001).

<sup>53</sup> Como nos lembra Rassial (1997) mudanças em relação aos seus atributos (seio, pilosidade) e também do funcionamento do seu corpo (mudança de voz, menstruação, possibilidade de genitalidade);

<sup>54</sup> Momento lógico que Rassial (1997, p. 17) denomina “*a posteriori* do estágio do espelho”.

habitado pelo desejo e ordenado pelo significante fálico”. Para Freud (1989, 1908), as diferentes versões narrativas desse romance, construídas na infância, surgem impulsionadas tanto pela necessidade de desprendimento da autoridade parental, como pela urgência em poder representar os impulsos de rivalidade sexual. Poli (2005) escreve que os romances familiares representarão o pólo de alienação do sujeito nessa passagem<sup>55</sup>. Alienação ao mesmo tempo necessária para que, em outro momento, o jovem possa construir sua própria versão sobre as suas origens<sup>56</sup>.

#### 4.5 DIFERENTES MODOS DE PASSAR: OS JOVENS EM SOFRIMENTO E AS INSTITUIÇÕES

Se as mudanças da convocação adolescente implicam uma transformação de lugares para os jovens em questão, exigindo um trabalho de luto frente ao que se perdeu (seu corpo e lugar infantil, bem como das pessoas que ocupam o lugar parental), também colocam a necessidade de reordenamento de lugares subjetivos por parte da parentalidade dos mesmos. Essa terá também a tarefa de, como refere Rassial (1997, p.89), “conduzir o jovem para fora” de casa. Processo ao mesmo tempo radical e progressivo que demanda dessas figuras a busca de, em cada novo momento, encontrar uma política de equilíbrio entre “conter” e “separar-se”.

No CIAPS, lidamos com casos em que a inscrição dos sujeitos na ordem da linguagem vem se constituindo muito fragilmente desde a infância, às vezes por uma via diversa à estruturação neurótica. Há dificuldades variadas, que vão desde sintomas que parecem colocar em questão o endereçamento a um Outro, um

---

<sup>55</sup> A posição do sujeito na sexualização e filiação fica submetida aos efeitos imaginários de uma herança nobre ou denegrada (POLI, 2005).

<sup>56</sup> Mito individual do neurótico.

reordenamento ou uma construção sintomática própria, até casos em que essa passagem, pelas condições psíquicas e fragilizações de referências familiares e sociais, trazem como conseqüências rupturas mais severas. Usuários cujas bordas da imagem corporal tiveram dificuldades de serem sustentadas na infância pela pouca consistência desse lugar de referência, ou pela presença totalizante que impossibilitava a separação. Nesses usuários, as mudanças da puberdade, por exemplo, acabam sendo vividas mais como um abalo do que uma convocação, necessitando de uma intervenção terceira, muitas vezes representada pelos espaços de atendimento, para que possa (ou não) vir a se tornar uma operação psíquica.

Para outros, a trama metafórica ocorreu minimamente, embora com muitas fraturas, sendo que a convocatória de vir a ocupar outro lugar evidencia dificuldades de colocar em curso essas mudanças psíquicas.

Jerusalinsky (2004), ao lembrar a semelhança entre adolescer e adoecer, aponta para o sofrimento implicado na perda de proteção vivida nessa passagem, nesse estágio entre uma vida protegida (infância) e uma vida exposta (adulta).

Nem sempre as crianças e os jovens que chegam até nós falam de um estado de proteção na infância, não só em função de uma exposição delas mesmas, mas também das pessoas que cumprem o papel de referência em um contexto de adoecimento e violência. Entretanto, a saída da infância, de um modo geral, é vivida como uma exposição: às vezes, por essa transição não estar inscrita nos sujeitos e nos seus laços de parentalidade; outras vezes pelos jovens não terem figuras que possam testemunhar essa passagem, ou por essas não existirem ou por estarem esvaziadas de suas funções. Nesse último caso, o esvaziamento ocorre tanto por situações de adoecimento e morte das figuras parentais, como também por estas

não corresponderem aos estereótipos socialmente valorizados, ou por buscarem se igualar aos adolescentes.

Jerusalinsky (2004) refere também que as diferentes circunstâncias sociais e culturais determinam particularidades diversas no confronto desses sujeitos com a difícil tarefa, que é comum a todos nós, de saber o quanto vale, ou seja, o que simbolizam nossos atos e nossas palavras no discurso social.

Nesse sentido, lembramos as contribuições de Soares (2005), que ressalta o quanto essa busca de pertencimento e identificação torna-se mais difícil para os jovens pobres e negros de nossa periferia. As marcas de estigmatização social na mesma medida que lhes fornecem um excesso de visibilidade enquanto estigma, lhes invisibilizam enquanto sujeitos, tornando-os, muitas vezes, incomunicáveis.

Poli (2005), em sua tese, também reflete sobre a estigmatização presente nos jovens institucionalizados. Menciona que nas instituições “o estigma muitas vezes pode tomar lugar dos significantes familiares recalcados, ou até mesmo apagados” (POLI, 2005, p.11). Dessa forma, ao invés das histórias individuais, toma-se como referência a história das instituições, reduzindo os sujeitos ao que denomina “Um Universal”. A autora considera que o processo de exclusão, ou seja, esse alto grau de alienação no Outro, quando tomado como marca diferencial que diz do lugar desses jovens na cultura, muitas vezes remete-os a um lugar objetivado frente ao Outro, mas também de exceção frente à lei social, dificultando com que possam vir a constituir testemunhos e atos singulares que constituam o seu lugar.

Ana Costa (2001) ressalta também que o apelo social a diferenciarem-se, a construírem uma privacidade necessária à constituição de um lugar, encontra-se problematizado em jovens institucionalizados e em situação de exclusão social. Há

uma invasão massiva desse Outro social de forma legalista e genérica determinando o lugar desses jovens, o que obtura a sua singularidade. Essa impossibilidade de poder ter um lugar de espera nesse Outro, impele-os os jovens ao *actig-out*<sup>57</sup> como forma de diferenciar-se, ou a *passagem ao ato*<sup>58</sup>, ao verem-se identificados com que é expelido, deixado cair nessa relação.

Muitos dos jovens atendidos no CIAPS situam-se nessa condição de estigmatização, sendo que o jogo com a morte, tanto pelo abuso de drogas como também por reiteradas tentativas de suicídio, e ainda pela repetição de atos infracionais, parece ser uma tentativa de marcar um lugar, mesmo que seja “se jogando fora ou nas bordas da sociedade”.

Notamos que as “soluções” burocráticas e institucionais de enfrentamento das problemáticas, quando não leva em conta uma implicação singular do jovem dentro do seu contexto nem a construção de uma elaboração própria em relação a sua situação, acaba por incrementar ainda mais seus *ating-outs* e/ou *passagens ao ato*.

Percebemos que essas relações ambíguas se traduzem em “im-passes” nas diferentes instituições que trabalham com adolescentes. Instituições essas que, assim como os adultos frente aos questionamentos dos jovens em relação às referências, ora se ausentam, ora se presentificam excessivamente, tendo dificuldades de ocupar espaços simbólicos que favoreçam endereçamentos e testemunhos reflexivos.

---

<sup>57</sup> Ato impulsivo inconsciente que é dado a ser decifrado para aquele ao qual o sujeito se dirige. Tem uma função de evitar a angústia (CHEMAMA, 1995, p.8).

<sup>58</sup> Ato impulsivo motivado por uma angústia incontrolável ocasionada pela abolição da distância entre o sujeito e o lugar objetual que ocupa para o outro. Aparece como um “jogar-se fora”, entretanto, esse movimento não é dirigido a ninguém, nem uma interpretação do outro (CHEMAMA, 1995, p.9).

Abrir espaços para outros tipos de atos (atos criativos), e para que possam se constituir narrativas que lhes possibilitem ir constituindo esse lugar é a alternativa que temos no sentido de favorecer passagens subjetivas.

#### 4.6 O USO DE DIFERENTES SUPORTES E TECNOLOGIAS NA CONSTITUIÇÃO DE ESPAÇOS DE PASSAGEM

Na busca de elementos da cultura que possam operar como máquinas de cerzir na articulação de tramas e enredos de passagem, encontramos as teorizações de Ana Costa (2001).

Essa autora relaciona a função desempenhada pela escrita do diário que, muitas vezes, opera como um suporte na construção corporal da passagem adolescente.

O diário permite o trânsito pelo limbo do reconhecimento: do corpo da infância, perdido na casa parental, para o corpo ainda não completamente constituído no grupo de iguais. Contém uma impossibilidade de registro que não fica nem metabolizada pelo endereço aos pais, nem pelo endereço aos iguais (COSTA, 2001, p.136).

Através do diário, os adolescentes colocam em construção essa travessia que a passagem adolescente convoca. Constroem um espaço privado que se situa fora do domínio dessas figuras parentais, já que pressupõem uma distância das mesmas, ao mesmo tempo em que reafirmam suas inscrições (se não houvesse inscrições não teriam do que se separar). Anunciam Outro lugar (endereço ao grupo de iguais) mesmo que, muitas vezes, ainda não estejam referidos a esse.

Observamos que, com a ampla penetração das tecnologias digitais, essas diferentes formas de registro de si na adolescência têm diversificado seus suportes tecnológicos: não só a folha de papel, mas também a escrita digital e a fotografia, por exemplo. A experiência dos pesquisadores mencionados a seguir, e também a

nossa com as oficinas de informática, mostra indícios de que a escrita de muitos jovens, que surge nesse espaço digital, também tem sido sustentadora e operadora dessa passagem adolescente.

Santos (2005), em uma pesquisa que guarda semelhança com esta, explorou como opera-se a invenção de si em adolescentes através dos diários e *Blogs* na Internet. Esses últimos, segundo a autora, é um recurso que possibilita a via metafórica de elaboração da relação dentro e fora, uma vez que a escrita é feita no espaço íntimo, mas endereçada a ser reconhecida pelos outros e pelo Outro.

Freitas (2005), cuja pesquisa se dá nos sites produzidos pelos adolescentes, descreve o espaço do site como mais um espaço de construção de subjetividade. Segundo a autora, o espaço virtual apresenta-se integrado ao dia-a-dia do adolescente, constituindo um espaço de encontro com outras pessoas e também de compartilhamento de interesses próprios no seu processo de transição.

Visando apresentar a experiência das oficinas de informática e pensá-las em como operam na atualização de narrativas e passagens, falaremos, no próximo capítulo, de como foram estruturadas e qual a metodologia utilizada no seu registro e análise.

## 5 DESDOBRAMENTOS METODOLÓGICOS

Nos capítulos anteriores resgatamos as diferentes narrativas que deram origem a esta pesquisa e que a embasam teoricamente. Neste capítulo, detalharemos como ocorreu a construção do espaço de pesquisa-intervenção das oficinas de informática e analisaremos os procedimentos de seu registro. Descreveremos também o processo de construção dos marcadores de leitura e análise das narrativas elaboradas pelos usuários – e também por nós, a fim de contar a experiência das oficinas. Processo esse que faz com que esta pesquisa se constitua como dissertação.

### 5.1 CONTEXTO NO QUAL A PESQUISA SE INSERE

A presente pesquisa está inserida em um Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão denominado **Oficinando em Rede**, o qual foi instituído, em 2004, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul<sup>59</sup>. O **Oficinando em Rede**, como

---

<sup>59</sup> Pós-graduação de Psicologia Social e Institucional e Pós-graduação em Educação.

historiamos anteriormente, surge como um projeto de pesquisa conjunto entre a UFRGS e o HPSP. Em sua definição, o programa:

Tem como objetivo analisar as possibilidades de uso das tecnologias da informação e comunicação nos modos de atenção e gestão da saúde mental, priorizando a noção de rede como operadora de conexões entre diferentes posições de sujeitos, saberes e práticas.<sup>60</sup> (UFRGS, 2007)

A partir dessa proposta, desdobraram-se várias pesquisas<sup>61</sup>; entre as quais, esta dissertação de mestrado.

O programa *Oficinando em Rede* sustenta-se na metodologia de pesquisa-intervenção enquanto “modalidade de investigação na qual o campo é constituído conjuntamente pelas ações e práticas tanto do pesquisador como dos atores e instituições envolvidos<sup>62</sup>” (UFRGS, 2007)

Nessa modalidade de investigação, tanto o pesquisador como os demais atores e as instituições envolvidas têm um papel ativo na produção de outros sentidos sobre os seus modos de ser e de viver no encontro com a pesquisa, o que implica também uma responsabilidade ética frente ao que é produzido.

Nesse sentido, a pesquisa-intervenção é destacada, como refere Maraschin (2004, p. 99), por “sua potência instituinte”, ou seja, por desestabilizar modos de ação já recorrentes na instituição “na medida em que põe em movimento, no mesmo ato, conhecimento, intervenção e autoria”.

Esta pesquisa, *Oficinando Enredos de Passagem: O Encontro do Adolescer em Sofrimento com a Tecnologia*, tem como marca peculiar uma dupla inserção: sua autora está implicada como psicóloga e também como pesquisadora.

---

<sup>60</sup> Disponível em <http://www6.oficinandoemrede/oficinando>. Acesso em 23 fev. 2008.

<sup>61</sup> Já se realizaram duas dissertações de mestrado.

<sup>62</sup> Idem 59.

Assim, as narrativas e leituras inscritas nesse lugar institucional como psicóloga necessitaram serem problematizadas e ressignificadas a partir do encontro com as narrativas dos demais atores e com a constituição do lugar de pesquisadora na construção do campo de pesquisa.

## 5.2 O DESDOBRAR DAS OFICINAS JUNTO AO AMBULATÓRIO DOS ADOLESCENTES E O PROCEDIMENTO DE REGISTRO DA EXPERIÊNCIA

A oficina de informática com os adolescentes do ambulatório iniciou em março de 2007, sendo antecedida por uma oficina piloto de fotografia, a qual foi desenvolvida em dezembro de 2006 e janeiro de 2007, e contou com a participação de alguns dos usuários que também vieram a integrar a oficina de informática. O período que tomaremos para análise será de março a dezembro de 2007.

A oficina surge como proposta de ser constituído um espaço de interação e compartilhamento para jovens em atendimento no CIAPS, que, por diferentes situações sociais e psíquicas, estavam enfrentando impasses de ordens diversas no seu adolecer.

Jovens que começavam a ser convocados a situar-se em outro lugar que não o da infância, tanto pelos desdobramentos das transformações da puberdade quanto pelos apelos da família e do meio social, como também do próprio serviço, os quais estavam gerando conflitos. Para alguns, as mudanças vividas pareciam estar convocando a necessidade de recapitulação e reordenamento subjetivo<sup>63</sup> a partir de um novo olhar e de uma nova relação com a alteridade; para outros, essa

<sup>63</sup> Reordenamento que terá diferentes vias para ser efetivado, dependendo dos enlaces sociais e da forma como a operação adolescente poderá ou não ser inscrita.

recapitulação parecia colocar em evidência ainda a busca de ancoragens subjetivas, os quais, pela fragilização das referências simbólicas, tinham entraves na sua constituição.

Além das propostas referidas, a oficina também buscava integrar outros jovens dos bairros próximos ao serviço que, por algum motivo (atendimento aos seus familiares, participação em outras oficinas destinadas à comunidade), tivessem alguma circulação pelo espaço do hospital e se interessassem pelas oficinas.

Propunha-se igualmente constituir, em relação aos jovens do ambulatório e da comunidade, um lugar de passagem que, ao mesmo tempo, permitisse um compartilhar de experiências – relações e descobertas nesse espaço – e também os auxiliassem a abrir portas para suas circulações e inserções em outros espaços sociais. Desse modo, a oficina, com essa proposta, configura-se como um espaço aberto, em contraposição ao histórico de clausura do hospital.

Nesse sentido, ao longo da mesma oficina, foi proposta, pela equipe envolvida com a pesquisa, uma atividade de “Acompanhamento Terapêutico Informático”. Nessa atividade, três bolsistas ligados ao Projeto propunham-se a circular com os jovens pelas suas comunidades e descobrir, com eles, lugares de acesso a Internet gratuitos, como telecentros e escolas. Essa atividade não pôde ser efetivada em função da impossibilidade de autorização de alguns familiares. Entretanto, alguns jovens empreenderam espontaneamente uma busca individual por esses lugares.

Ao longo do ano, participaram efetivamente da oficina seis jovens. Alguns tiveram uma participação mais breve em um período durante o ano; outros passaram a compor o cotidiano das mesmas. Ao longo do ano, outros jovens

também foram convidados a integrar esse espaço, tendo participações ocasionais nas oficinas.

A oficina ainda em curso hoje, ocorre semanalmente no laboratório de informática com duração de uma hora e meia.

O convite para participar tem se dado a partir de uma entrevista individual, que é marcada com os adolescentes e suas famílias, sendo que a adesão ao grupo é feita a partir do desejo desses jovens em participar, bem como de suas famílias em consentir essa participação. No momento da entrevista é citada uma autorização prévia através de um termo de consentimento livre e esclarecido, tanto para os jovens como para suas famílias.

No espaço das oficinas convidamos os jovens a compartilhar experiências em torno dos recursos virtuais como: pesquisa na Internet, construção de histórias individuais e coletivas, construção coletiva de um *Blog* do CIAPS<sup>64</sup>, e participação de *Chats* de conversação.

Temos como dinâmica de funcionamento, de um modo geral, em um primeiro momento, traçar com os jovens propostas de atividades para o dia (que nem sempre são coletivas, embora privilegiemos que em algum momento possam ser coletivizáveis) e, no final da oficina, buscamos fazer um momento de compartilhamento do trabalho desenvolvido.

Na entrada de um novo integrante no grupo, ocorre o convite para que os jovens possam contar o que vem desenvolvendo nas oficinas anteriores, bem como falar de outras experiências em relação à rede e em torno da informática. Esse compartilhamento tem como objetivo tanto integrar os novos participantes no fluxo narrativo do grupo como possibilitar que cada um possa ir construindo os enlaces do seu desejo com as produções e situações vivenciadas na oficina. Essas produções

---

<sup>64</sup> [www.oficinandoemrede.bolgspot.com](http://www.oficinandoemrede.bolgspot.com)

podem ou não (dependendo do desejo de cada um) serem publicadas no *Blog* coletivo do CIAPS.

Nesse momento, explicitam-se mais claramente os pontos de interesse em comum no grupo, que poderão ser articulados pelos oficinairos em algumas propostas de atividades mais específicas ou coletivas no decorrer das oficinas, como por exemplo: visitação a alguns *sites*, conversa em rede ou criação de histórias coletivas.

O andamento desse trabalho tem sido discutido semanalmente pelos usuários e oficinairos, sendo que os oficinairos relatam em um diário de campo as intera es e produ es surgidas em cada encontro.

Esses relatos acabam constituindo-se em narrativas construídas pelos oficinairos. Dessa forma, o registro da experiência vivida nas oficinas, a partir do diário de campo, não   uma mera transposi o factual do ocorrido, mas sim uma reconstru o ativa que leva em conta os aspectos transferenciais envolvidos. Como material empírico, contamos com os diários de campo dos oficinairos e pesquisadora, além das produ es dos participantes e suas publica es no *Blog*.

### 5.3 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

A leitura do material empírico possibilitou-nos a constru o de marcadores de análise, os quais buscam responder as questões já anunciadas na introdu o da disserta o:

- O encontro com a tecnologia, e o seu modo de operar em um espaço específico de compartilhamento e escuta (oficina tecnológica), pode contribuir

para o desdobramento de enredos e narrativas de jovens que vivem entraves de diferentes ordens no seu processo de adolescimento? De que forma?

- Que impasses e passagens esse desdobramento (ou não) de enredos e narrativas põe em evidência nas oficinas?

Entendemos que são as interações (mediadas ou não pela via virtual) e as produções surgidas, a partir das possibilidades transferenciais colocadas nesse espaço, que tornam possível que essa experiência possa ser configurada no tempo e espaço como narrativa.

Estamos denominando enredos, os pequenos fragmentos de interesse em um ou outro assunto, temas que se enlaçam, no tempo, com a história singular de cada participante, produzindo a trama narrativa. Assim, as falas singulares e produções coletivas surgidas nesse espaço compartilhado podem ir, ao mesmo tempo, inscrevendo e constituindo a experiência vivida.

Nesse sentido, temos como objeto de análise os enredos e narrativas produzidas pelos participantes da oficina e por esta pesquisadora, a partir dessas interações. Como é característico desse método de investigação, fez-se necessária uma reconstrução ativa de cada encontro, por parte da pesquisadora e também dos demais bolsistas participantes, de forma a constituir micronarrativas que possam relatar cada encontro.

É importante fazer uma ressalva no sentido de que esse trabalho não tem a pretensão de reconstituir tudo o que foi vivido nas oficinas, já que entendemos, a partir da psicanálise, que só é possível constituir uma representação do vivido ao poder recortá-lo. Esse recorte se dá a partir dos significantes que emergem nesse espaço transferencial e que nos fazem questão ou enigma, como menciona

Jerusalinsky (2004). Tais recortes permitem o desdobrar tanto da relação transferencial e dos endereçamentos que se estabelecem nesse espaço, como da própria pesquisa que se dá na direção de desdobrá-los em uma compreensão que permita relaná-los.

Dentro desse propósito, utilizaremos como ferramenta de análise a psicanálise na qual, como nos refere Passos (2001, p. 243) “não há um sistema fechado de decodificação e que o efeito de sentido vai depender do trabalho na transferência”.

Dessa forma, na leitura do material, pela via da associação livre, podemos observar a repetição e recursão de temas que nos permite construir e a aprimorar os marcadores que foram destacados no projeto. São esses:

- História dos participantes e suas diferentes apropriações da tecnologia digital ao longo das oficinas;
- Possibilidades de endereçamento, interação, compartilhamento nas oficinas;
- O desdobramento de enredos e narrativas pessoais e coletivas nas oficinas e a produção de experiências e passagens.

## **6 ANÁLISE DO FAZER DAS OFICINAS**

Destacaremos, inicialmente, a história dos participantes e suas diferentes apropriações das tecnologias digitais ao longo das oficinas. Esse marcador objetiva apresentar os participantes da oficina e refletir sobre a contribuição do modo de operar das tecnologias digitais, da forma como pôde ser apropriado pelos jovens eicineiros, na interação e desdobramento narrativo.

A seguir, retomaremos as possibilidades de endereçamento, interação e compartilhamento nas oficinas a fim de pensar de que forma as oficinas tecnológicas têm contribuído para a constituição de um espaço de encontro e produção de experiências.

Depois, com o último marcador, analisaremos o desdobramento de enredos e narrativas nas oficinas, refletindo sobre a peculiaridade desse desdobrar e as passagens subjetivas e institucionais que foram evidenciadas.

## 6.1 HISTÓRIAS DOS PARTICIPANTES E SUAS DIFERENTES APROPRIAÇÕES DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS AO LONGO DAS OFICINAS<sup>65</sup>

Conforme mencionamos anteriormente, apresentaremos, a seguir, a história dos participantes e suas diferentes apropriações das tecnologias digitais ao longo das oficinas.

### 6.1.1. Vicente

Jovem de 15 anos, mora com a mãe, padrasto e irmãos. Estudou até a 2ª série do ensino fundamental, estando há mais de dois anos fora da escola. É atendido no serviço desde os 7 anos de idade. Já passou por diversos tipos de atendimento no HPSP, desde internação e hospital-dia, até atendimentos ambulatoriais (atendimento familiar, psicoterapia, acompanhamento terapêutico-AT, acompanhamento psiquiátrico) com dificuldades de serem sustentados por ele e sua família. Durante o período que frequentou as oficinas ele esteve em atendimento psiquiátrico individual e em Acompanhamento terapêutico. Sua mãe também foi acompanhada em entrevistas esporádicas ao longo de 2007.

Foram as fotos<sup>66</sup> que trouxeram Vicente para a oficina de informática. Brincar com as imagens da realidade e poder alterá-las foi um convite a continuar explorando esse ambiente digital.

---

<sup>65</sup> Os nomes dos participantes foram trocados a fim de preservá-los de uma situação de exposição, conforme orientações do Conselho de Ética do hospital.

<sup>66</sup> O seu notável interesse pelo computador desde o primeiro contato com o equipamento, o qual ocorreu na oficina piloto de fotografia, desenvolvida em dezembro de 2006 e janeiro de 2007, tinha nos levado, a convidá-lo a participar desse espaço. Também o seu desejo manifesto de fazer novas amizades contribuiu para esse convite.

Na sua passagem pela oficina de informática, eram também as diferentes imagens que buscava que tramavam seus enredos e permitiam o desenrolar do seu diálogo com osicineiros: a busca de diferentes lugares (praia de Torres), objetos (carros, bicicletas), pessoas (meninas, grupos ligados ao funk) e animais (cachorros, cavalos, galinhas), permitiam o desenrolar do seu diálogo com osicineiros.

Observamos que o acesso imediato ao mundo virtual tinha como efeito, para Vicente, a ampliação de recursos imaginários e simbólicos que muitas vezes mostravam-se empobrecidos no seu discurso nos atendimentos tradicionais. Através do computador, Vicente pôde contar com recursos diversos (imagens, textos) a partir dos quais foi possível ir recortando, de forma singular, o universo virtual no qual habitavam também seus interesses. Dessa forma, o jovem foi constituindo enredos que falavam de futebol, de bichos, de aventuras nos bailes funks e de histórias de suas abrigagens temporárias na cidade.

A passagem para o registro da escrita talvez tenha sido seu grande entrave na oficina. As dificuldades de leitura e escrita faziam que a participação de Vicente tivesse de ser sempre mediada pelosicineiros.

A partir de julho, quando o espaço de conversação está mais constituído e a proposta dos *Chats* começa a ter uma grande aceitação dentro da oficina, Vicente, com o auxílio dosicineiros, participa de alguns *Chats*, embora não evidencie muita paciência nessa interação, querendo, logo em seguida, navegar em outros *sites*. Nesse período, começa a atrasar-se e faltar às oficinas.

A necessidade de mediação dosicineiros parecia incrementar ainda mais os impasses de Vicente na comunicação com os demais integrantes da oficina. Observávamos que o jovem não tinha paciência de esperar o tempo do outro para

escrever, e somente com bastante insistência aceitava colaborar com o diálogo ou com a história que estava sendo construída.

Essa dificuldade de tolerância ficou bastante evidente na construção da história coletiva sobre “O Menino e o Gato” relatada a seguir. Todavia é, ao mesmo tempo, atenuada pela possibilidade de virtualização do espaço/tempo propiciada pelo uso dos computadores.

O uso do recurso das janelas que permitia uma simultaneidade entre estar na história e pesquisando outras coisas, ajudou-nos a sustentar a presença e participação do jovem nessa construção. Assim, quase simultaneamente à construção da história, Vicente e eu fomos descobrindo juntos os *sites* de uma Associação Protetora dos Animais, e enviamos também um e-mail no qual Vicente se disponibilizava a desenvolver uma atividade junto a essa entidade, como era do seu desejo.

No seu retorno às oficinas, em setembro, após um período de ausências, os seus interesses parecem mudar em relação ao mundo digital. Ao invés de propor-se a fazer buscas individuais, chega à oficina interessado em acessar um e-mail que fez em uma *Lan House* com os amigos. Nesse momento, não consegue acessar e desiste de fazer outro e-mail com o nosso auxílio. Logo em seguida, abandona os atendimentos. O contato esporádico com a mãe (entrevistas, telefonemas) prossegue ao longo do ano. Segundo seu relato, o jovem finaliza 2007 buscando inserir-se em atividades de trabalho, embora não consiga retomar os atendimentos.

### 6.1.2 Anelise

Jovem de 13 anos, mora com pais e irmãos e frequentou a 4ª série do ensino fundamental durante 2007.

Atendida no serviço desde os 8 anos de idade em função de problemas de aprendizagem e dificuldades de relacionar-se com os colegas. Já esteve em atendimento psicopedagógico e psicológico (individual e grupal) no serviço, sendo que, durante as oficinas, frequentou também atendimentos psicológicos individuais. Sua mãe é usuária do ambulatório.

A mãe tem uma forte ancoragem no serviço, buscando-o como referência sustentadora no exercício de sua função materna. Tem dificuldade de permitir que os filhos cresçam e, assim, não reconhece o movimento de Anelise como sujeito e seu processo de adolecer. A jovem também mostra interesse pela informática e desejo de fazer novas amizades. Durante o ano de 2007, frequenta psicoterapia individual e oficina de informática no ambulatório.

Anelise, quando chega às oficinas, já tinha tido acesso ao computador na casa de uma vizinha sua, mas nunca tinha tido oportunidades de interagir com o equipamento. Chegou, inicialmente, muito entusiasmada com as oficinas, querendo fazer um e-mail e acessar *sites*.

Sua participação, nos primeiros meses, mostra dificuldades de ela poder utilizar, sozinha, os recursos que descobre. Além disso, a jovem tem dificuldades de acessar o computador fora do serviço. Apesar de anotar seu e-mail, quase sempre erra ao digitá-lo e dificilmente consegue acessá-lo sem o auxílio dosicineiros. Em uma oficina em que estávamos ensaiando construir uma página, ela escreve um texto de apresentação falando seu nome e dizendo que queria muito fazer amigos.

Assim como Vicente, sua interação na rede virtual, de março a junho, ocorreu mais em função da exploração de *sites* de seu interesse, como os de cantores e artistas famosos, em especial o da banda RDB, e *sites* de jogos, principalmente o da Barbie, no qual brincava de vestir a boneca e de decorar sua casa. Nessas buscas, mesclam-se interesses mais infantis com outros mais identificados ao seu adolescimento.

Com a entrada de novos integrantes no grupo e ampliação das propostas interativas digitais, como o *Chat* e o *Blog* do CIAPS, há um incremento do interesse e das habilidades de Anelise em relação ao computador: não solicita quase a ajuda dos oficinairos e aprende a navegar, ao mesmo tempo, em diferentes espaços. Passa a fazer ações simultâneas como: conversar no *Chat* e, ao mesmo tempo, responder correspondências no *Blog*, do qual torna-se a principal correspondente, sendo esse um lugar onde mantém amizades e expectativas.

Paralelamente às interações no *Blog* e nos *Chats* com os demais integrantes da oficina, Anelise começa a se aventurar, com outras amigas, em *Lan Houses* no seu bairro. Descobre, então, possibilidades de acessar *Chats* abertos. Com essas novas amizades, a gama de seu interesse, como também de seu vocabulário, vai se modificando. Há um incremento no uso de gírias e de expressões próprias das salas de conversação.

Durante as oficinas, por diversas vezes, a jovem tenta acessar o *Chat* aberto da novela *Malhação*, mas como a nossa rede de Internet<sup>67</sup> tem limites em relação a alguns *sites*, resolve acessar o *Google* mania. A partir desse momento, o acesso a salas de conversação abertas irá lhe interessar mais do que qualquer outra proposta levantada na oficina. Anelise ensina também Cristiane a acessar os *Chats* abertos.

---

<sup>67</sup> A rede que utilizamos no CIAPS é uma rede cedida pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Nessa rede foi bloqueado o acesso ao ORKUT, por exemplo, a fim de limitar o uso da Internet a finalidades de ensino.

### **6.1.3 Diana**

Diana é uma jovem de 14 anos de idade, que freqüenta a sétima série do ensino fundamental, e mora com seu pai, o qual é paciente do ambulatório do HPSP.

Diana tem pouco acesso a outros grupos de adolescentes e, segundo o pai, mostra-se tímida e tem dificuldades de fazer novas relações. Preocupação pela qual ele buscou o serviço.

A jovem, embora tivesse se recusado a outros atendimentos, interessou-se em freqüentar o espaço das oficinas.

Inicia as oficinas em julho, já tendo tido um contato anterior com o computador na escola. Seu interesse em relação à informática é que a motivou participar desse espaço, sendo que sua saída, em setembro, se deu pela conquista de uma bolsa que pleiteava desde o início do ano em uma oficina profissionalizante de informática. Sua participação no grupo aconteceu ao mesmo tempo em que se introduziu no grupo a ferramenta dos *Chats*. Diana destacou sua preferência por essa ferramenta ao longo de toda sua participação nas oficinas, através da qual buscou conhecer e fazer amizades com os demais integrantes.

### **6.1.4 Davi**

Davi é um jovem de 15 anos que mora em um abrigo residencial por ter perdido seu pai e ter sido abandonado por sua mãe.

Os pais sociais trazem-no para atendimento em função de sua dificuldade de relacionar-se e também de engajar-se em alguma atividade profissionalizante que lhe garanta o sustento após completar dezoito anos.

Davi interessa-se pela proposta de interagir no computador e poder construir histórias (habilidade que os pais sociais destacam no jovem). Não se interessa, no seu momento do seu acolhimento no serviço, em manter acompanhamentos psicológicos individuais.

Davi, assim como Diana, também já tinha tido contato com o computador anteriormente. Sua entrada na oficina também se dá nesse momento (agosto) em que a tônica do grupo é o diálogo através dos *Chats*.

No início de sua participação nas salas de conversação, o jovem não busca fazer uma diferença entre o espaço linear da escrita formal e a escrita no *Chat*. Sua construção é bastante cuidadosa e suas respostas carecem de espontaneidade como a dos demais.

Utiliza-se, em muitos momentos, da ferramenta digital como suporte de sua escrita. Escrita essa que ainda é construída linearmente, talvez também pela nossa dificuldade como oficinairos de propormos atividades no computador que provoquem a uma escrita mais hipertextual.

Estamos tomando a escrita linear como a escrita tradicional que se caracteriza, segundo Roberto Costa (2005), por ser desenvolvida em parágrafos sucessivos que, normalmente, são lidos do início ao fim. A escrita hipertextual caracteriza-se por ser “um conjunto de dados textuais que possuem um suporte eletrônico e que podem ser lidos de diversas maneiras, por diversos caminhos” (COSTA, 2005, p.116).

Entretanto, essa dificuldade de inserir-se em uma leitura-escrita mais hipertextual não se limitava a Davi. Alguns de nós oficinairos, que não fomos alfabetizados na era digital, estávamos ainda apropriando-nos dessa nova forma de leitura/escrita e, assim, nossas propostas ainda centravam-se em tomar o novo suporte como se fosse apenas uma máquina de escrever.

Ao longo das oficinas, Davi não demonstra interesse pelo *Blog* do CIAPS; todavia, é com ele que se inauguram as construções de histórias coletivas. Em muitos encontros, principalmente nos últimos em que o jovem participa das oficinas, tem uma exploração mais individual dos *sites* do *Google* que lhe interessam: instituição Calábria, site do grêmio, *sites* de jogos e videogames.

Em outubro, a conflituosa busca em relação a sua filiação ocasionaram momentos de desestabilizações subjetivas que resultaram em internação psiquiátrica e fugas do abrigo. Perde-se, dessa forma, o contato com Davi, que deixa, então, de comparecer ao serviço.

### **6.1.5 Cristiane**

Cristiane é uma jovem de quinze anos, filha única, que frequenta a quinta série do ensino fundamental. Foi encaminhada ao CIAPS em função de atrasos no seu desenvolvimento decorrentes de uma marca orgânica (pequena lesão), mas também por uma marca fantasmática na família.

Cristiane tem um convívio social pobre em função do fechamento da sua família em torno de si. Já participou de um trabalho de Acompanhamento Terapêutico que possibilitou algumas aberturas, e frequenta psicoterapia individual e atendimento psicopedagógico no CIAPS.

Desde o início do ano, a equipe indicava o seu ingresso no grupo como uma via de ampliação de suas possibilidades relacionais e identificatórias; entretanto, esse ingresso no grupo só foi autorizado por sua mãe em final de setembro.

Cristiane já tinha uma experiência anterior com computadores, pois freqüentava uma oficina de informática na escola e também tem um computador em casa. Estava apropriada da correspondência por e-mail, embora os seus correspondentes gravados na sua caixa de e-mail fossem seu pai, sua mãe e sua professora.

Nas oficinas, seu grande movimento de descoberta e apropriação digital ocorreu nos *Chats* e também no *Blog* do *Oficinando em Rede*.

Sua forma de interagir nas oficinas, e o seu peculiar desdobrar de narrativas nesse espaço, levou-nos a pensar sobre essa relação entre a multiplicação de lugares e vozes no espaço virtual e a dificuldade de constituição de um lugar singular desde onde falar. Cristiane, em uma via fictícia, escolhia outros nomes para nomear-se, mas muitas vezes confundia-se com esse ensaio ficcional. Nos momentos em que surgia algum conflito e a comunicação tornava-se difícil, costumava também apelar para o inglês.

Entretanto, certa literalidade nessa inserção na linguagem também a tornava mais atenta a perceber os deslizamentos dos demais na escrita, que se tornavam freqüentes na “escrita apressada” dos *Chats*. Essa observação aguçada levava-lhe a sublinhar esses tropeços nos quais o inconsciente se enunciava. Os apontamentos acabavam trazendo outros matizes à discussão do grupo.

### 6.1.6 Manuel

Manuel é um jovem de 14 anos de idade, que frequenta a quarta série do ensino fundamental e estava participando, junto com sua escola, de oficinas de arte no hospital, em um espaço de abertura à comunidade.

Manuel é filho único do segundo casamento de seu pai, tendo um casal de irmãos mais velhos por parte do pai, que vieram a falecer em virtude da exposição a situações de violência em suas comunidades. Manuel, segundo relato de sua mãe, ficou muito abalado com essas situações de perda que ocorreram cerca de dois anos, principalmente do seu irmão, que era bastante próximo a ele.

Ele e sua família revelam interesses na sua participação em diferentes espaços que pudessem lhe possibilitar pensar sobre a sua vida e, ao mesmo tempo, novas aprendizagens.

Manuel chega para oficina no final do ano. Já é um menino inserido digitalmente: frequentador de *Lan Houses*, com habilidades de fazer e-mails, conversar em *Chats*. Dificilmente solicita o auxílio dosicineiros para sua interação com o computador; pelo contrário, com ele aprendemos alguns recursos do *Google* que não conhecíamos, como a possibilidade de construir um perfil ao invés de colocar uma foto para identificar-se.

No encontro inicial, no qual escolhe detalhar o seu perfil, passa toda a oficina construindo a descrição de sua imagem através de palavras. Nota-se, nesse processo, mais do que uma tentativa de buscar uma verossimilhança consigo mesmo, o empenho da construção de um personagem, pois os dados que coloca nem sempre correspondem aos dados da realidade, como por exemplo, a cor dos seus olhos. Não comenta nada a respeito do seu personagem.

Notávamos que Manuel tinha bastante facilidade de conversar através do recurso do computador. O jovem participou, entretanto, poucas vezes das oficinas, já que já tinha programação de campeonato de esportes para as férias.

### 6.1.7 Oficineiros

A equipe de oficineiros que participou<sup>68</sup> desta pesquisa foi formada, inicialmente, por mim, psicóloga do HPSP e mestranda da UFRGS e por Póti Gavillon, bolsista do Oficinando. Depois, no segundo semestre, integraram a equipe as bolsistas do projeto Mariana Bernardes e Kelly C. de Oliveira Souza. Nós, enquanto oficineiros, tínhamos apropriações diferentes em relação à tecnologia digital, principalmente em relação ao ambiente de *software* livre.

Entretanto, algumas experiências compartilhadas anteriormente nas oficinas de informática junto à internação dos adolescentes possibilitaram-nos um repertório em comum no que se refere a algumas estratégias possíveis de serem propostas aos jovens do ambulatório.

Nos meses de março a junho, os principais recursos utilizados referiam-se à construção e comunicação através de e-mails e acesso a *sites* diversos através do *Google*.

No decorrer do ano, com a entrada de Geraldo A. Ferreira Junior, bolsista que se torna responsável em assessorar tecnicamente o projeto, tivemos acesso a outros recursos, como a construção de um *Blog* coletivo do CIAPS e a possibilidade de armar *Chats* entre o grupo. Assim, a partir de julho, ampliaram-se as interações

---

<sup>68</sup> Também contamos com a participação esporádica dos bolsistas Nithiane Capanema e Geraldo F. Junior no período de férias do bolsista Póti.

do grupo, tendo um caráter mais virtual através de diversas inserções no *Blog* do Oficinando e também através das proposições de *Chats*.

Nossa postura acabou tornando-se flexível ao longo do ano: em alguns momentos (nos meses iniciais e com a entrada de novos integrantes sem muita experiência), tornava-se mais ativa, com intervenções mais diretas no sentido de possibilitar o aprendizado de ferramentas que possibilitassem aos jovens interagir no espaço virtual. Entretanto, na medida em que há a apropriação desses recursos por parte dos participantes, assumimos uma postura mais de acompanhamento do processo dos mesmos, com menos intervenções diretas.

Alguns usuários começam a surpreender-nos com sua desenvoltura, apropriação e autonomia em relação à exploração dos recursos virtuais, como a descoberta de *Chats* abertos e o controle do seu próprio tempo na oficina. Essa mudança de postura atualiza na equipe de oficinairos uma série de questões sobre as bordas desse espaço.

Por um lado, a abertura de circulação dos jovens em outros espaços sociais era um dos objetivos das oficinas de informática. Entretanto, essas aberturas também carregavam o risco inevitável de expô-los a algumas situações mais vulneráveis, principalmente por eles não estarem habituados a ter que se posicionar sem o amparo das mães, o que atualizava em nós receios e também um desconforto frente à demanda ainda tutelar depositada na equipe.

Esse paradoxo vivido transferencialmente levou-nos, algumas vezes, a atitudes reativas. Por exemplo: buscar coordenar a participação de Anelise na oficina frente a sua preferência em interagir no espaço virtual.

Entendíamos que estávamos vivendo também esses impasses e passagens entre uma lógica mais tutelar de ordenamento enquanto instituição, tão presente na

instituição total, e o ensaio de outra lógica que desejávamos inscrever: lógica de uma instituição capaz de sustentar passagens.

No percorrido dessas diferentes histórias de inclusão e apropriação do mundo digital por parte dos jovens eicineiros, percebemos o quanto a própria proposta das oficinas vai se constituindo junto com esses movimentos dos participantes. Assim, a construção de ferramentas digitais foi se dando ao longo do trabalho, disponibilizando vias diferentes de trabalho nesse espaço.

Inicialmente, os recursos mais explorados foram as pesquisas no *Google*, os jogos e a construção de e-mails. Notamos que a virtualização e hipertextualização dos textos, imagens, personagens, presentes no *Google* parecem ter contribuído para o incremento do repertório simbólico e imaginário dos participantes.

Lembramos o destaque dado por Lévy (1991) a essa nova forma de composição de enunciados surgidos a partir da microinformática convival. Ao hibridizar elementos heterogêneos como voz, imagens, sons, presentes na memória virtual coletiva contida nessa rede, essa forma de composição de enunciados amplia as possibilidades narrativas dos sujeitos.

Um exemplo no qual esse processo está presente é o caso de Vicente: jovem que, por toda sua situação contextual e pessoal, sofria de um empobrecimento na sua condição narrativa. Vicente passou a utilizar-se de recursos diversos como: imagens, fragmentos de escritos e também da sua própria fala para compor seus enredos durante as oficinas e endereçá-los aosicineiros e demais participantes.

O acesso simultâneo a diferentes entradas na rede através das janelas no computador constitui-se como facilitador de um movimento, ao mesmo tempo singular e coletivo nas oficinas. Lembramos o caso de Anelise, que algumas vezes prescindia das interações e propostas que estavam sendo construídas

presencialmente para estar interagindo individualmente no espaço virtual (*Chats* abertos e o *Blog* do Oficinando). Interações essas que tiveram efeitos importantes no deslocamento da sua posição na oficina e na sua vida. Em outros momentos, podia participar simultaneamente de propostas coletivas sem deixar de explorar seus interesses individuais.

Notamos, igualmente, que o recurso do acesso simultâneo a várias janelas tornou-se, em algumas situações<sup>69</sup>, sustentador da permanência dos jovens na oficina. O recurso foi utilizado como estratégia pelosicineiros para ajudar a sustentar o interesse dos jovens pelo espaço coletivo, quando a dispersão e o desinvestimento faziam-se mais presentes, como no caso de Vicente.

Remetemo-nos, novamente, às idéias de Lévy (2000) sobre o tipo de coletivo que a interação em rede contribui para constituir. Não um coletivo homogeneizador das singularidades, totalizador de sentidos, mas um coletivo no qual o universal possa ser sinônimo de extenso, entrecortado. Acrescentamos que essa constituição, ao se dar em um espaço de escuta e compartilhamento, pode contribuir também para construção de um coletivo no qual se torne possível a produção da experiência singular de cada um.

A seguir, deter-nos-emos mais em como foi acontecendo esse endereçamento, compartilhamento e essas interações nas oficinas, buscando também pensar de que forma as ferramentas digitais puderam ou não contribuir para esse processo.

---

<sup>69</sup> Como o caso do Vicente na construção da história "O Menino e o Gato".

## 6.2 POSSIBILIDADES DE ENDEREÇAMENTO, INTERAÇÃO E COMPARTILHAMENTO NAS OFICINAS

No período de final de março a início de julho, somente dois jovens participaram da oficina, Vicente e Anelise, sendo que, na maior parte do tempo, revezavam-se nos seus comparecimentos a esse espaço, tendo poucos encontros em comum.

Nesses momentos, a interação entre eles era pequena, apesar do convite dosicineiros para que pudessem se conhecer. Algumas atitudes espontâneas explicitavam o desejo de aproximação nos jovens tais como: as perguntas constantes de Anelise em relação à ausência de Vicente nas oficinas, ou o oferecimento de um presente<sup>70</sup> por parte de Vicente.

Nos momentos em que Vicente comparecia nas oficinas, mostrava-se tímido frente ao convite para falar. Podia-se observar, entretanto, por alguns comentários que, às vezes, arriscava a fazer, que ele estava atento a tudo que acontecia ao seu redor e que conhecia muita coisa, inclusive sabia ler e escrever (escrevia com dificuldades).

Anelise aceitou com entusiasmo a proposta de integrar as oficinas, endereçando a esse espaço o desejo de fazer novas amizades. Nos primeiros encontros, nos quais propusemos a escrita de um perfil, ela, apresentando-se, constrói um texto com a intenção de ser divulgado em rede. Texto que fala do seu desejo de fazer amigos. Nessa época, ainda não tínhamos constituído o *Blog* do CIAPS e esse texto, assim como seu desejo, não encontrava visibilidade na rede.

Nesses primeiros meses, os laços dos usuários com as oficinas, principalmente de Vicente, ainda estavam bastante centrados na figura dos

---

<sup>70</sup> Vicente oferece uma pomba de Origami construída por ele em um dos encontros para Anelise.

oficineiros e auxiliares do CIAPS. Parecia não existir para Vicente uma clara diferenciação entre o espaço da oficina e o da instituição total HPSP, o qual vinha ocupando, em muitas ocasiões de sua vida, um lugar substitutivo ao espaço de casa. A demanda de Vicente, em alguns momentos, era pela busca de cuidados. Por exemplo, na chegada ou saída das oficinas, costumava ir pedir bolachas para “tia Jussara” (auxiliar de enfermagem ligada à internação infantil), que sempre desempenhou um cuidado maternal em relação a Vicente.

Com a entrada de Diana no grupo, em julho, e a entrada de Davi, em agosto, as oficinas ganham novos contornos. A possibilidade de contarmos com um espaço coletivo tornava possível a proposição de *Chats* e uma maior interlocução no *Blog* que vinha sendo criado, bem como a construção conjunta (via *Chats*) de histórias coletivas. Essas novas estratégias, ao mesmo tempo em que favoreceram mudanças de posição de alguns jovens, como Anelise, colocaram em evidência entraves da própria equipe em relação ao ingresso no mundo virtual e a essa transição dentro-fora hospital, possibilitada pelo recurso ao virtual na oficina.

A proposta dos *Chats* parece ter sido bem aceita pelos jovens, que comentavam, ao final dos encontros, sua vontade de continuar conversando.

Vicente, contudo, teve alguns entraves na sua inserção. Mesmo que soubesse ler, a falta de destreza e familiaridade com esse mundo dificultava sua tímida inserção junto aos demais jovens, já que essa interação tinha que sempre ser mediada pelosicineiros. Havia, entretanto, um convite ativo das colegas do grupo no sentido de incluí-lo nesse espaço de conversação coletiva e, algumas vezes, aparece um movimento de Vicente também nesse sentido.

Notamos que a demanda de escrita ocorre justamente no momento em que o ingresso de outros jovens faz-se mais presente. Repetia-se, na oficina, algo que

enfrentava na sua vida lá fora, na qual as dificuldades de sustentação familiar e institucional a suas questões subjetivas e cognitivas ocasionaram um afastamento do espaço da escola, espaço culturalmente reconhecido de inserção social para crianças e jovens.

Em relação aos demais participantes do grupo, principalmente Diana e Anelise, esse momentos de conversas nos *Chats* eram intercalados com conversas frente a frente, nas quais as meninas confidenciavam entre si assuntos como apelidos familiares, e o que gostavam ou não de fazer.

Com a entrada do Daniel, em agosto, evidencia-se mais claramente o constrangimento que a aproximação com o outro sexo convocava. Tal situação veio a se repetir com o ingresso de Manuel, em dezembro. Esse constrangimento fez com que as jovens buscassem privilegiar a interação mediada pelos computadores em detrimento do diálogo direto. Assim, o contato face a face, em que a presença do corpo fazia-se evidente, era rapidamente evitado pelos jovens que propunham que as conversas iniciais fossem logo abortadas em prol do *Chat*. Essa situação repetiu-se novamente com o ingresso de Manuel nas oficinas, em dezembro.

Davi, durante o tempo que participou das oficinas, endereçou-se mais aos oficinairos, buscando seu reconhecimento e autorização em relação às buscas e escolhas que estava empreendendo na oficina e na vida.

Observamos, em seu primeiro *Chat*, sua preocupação em corresponder ao interesse demonstrado pelos oficinairos em relação a uma oficina de serigrafia que freqüentava e, em relação a qual parecia bastante entusiasmado. Buscava transcrever literalmente os apontamentos do seu caderno no espaço do *Chat*. Nesse momento, não demonstrava interesse no diálogo com os demais integrantes da oficina, que se tornava quase nulo.

Protagoniza, todavia, junto com os demais jovens, no decorrer dos encontros, a criação de uma história coletiva, que será detalhada ao longo da análise.

Talvez seja esse o momento das oficinas que Davi mais se permite dialogar com o grupo de iguais. Mesmo assim, ao longo da mesma, constrói, sozinho, um monólogo longo não se importando muito se os demais estavam com paciência de poder esperar para contribuir com o texto.

A descoberta do *Blog* por Anelise inscreve nesse espaço a possibilidade de um outro tipo de amizade: as amizades virtuais.

Os novos amigos virtuais vão despertar em Anelise, ao longo das oficinas, uma maior importância do que os colegas da oficina. Torna-se a principal correspondente do *Blog* coletivo do CIAPS, entrando em quase todas as postagens, principalmente dos meninos, convidando-os a clicar com ela.

Entre os seus correspondentes, descobre Francisco, que havia publicado nesse espaço uma foto da banda “50 cents”.

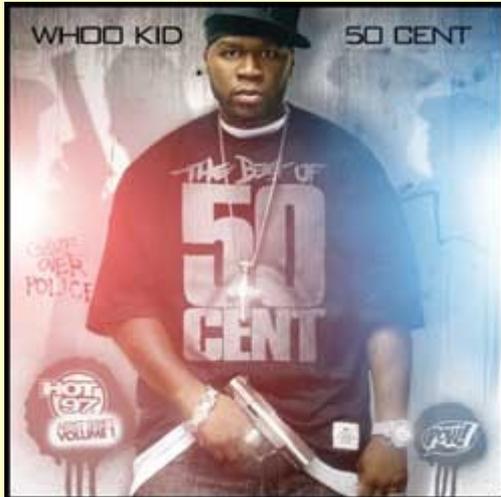
Francisco era um jovem que estava temporariamente internado no serviço e parecia utilizar o espaço das oficinas de informática como um espaço de janela para o mundo.

Ambos passaram a utilizar aquele espaço como uma porta que lhes possibilitava essa abertura para suas questões.

Essa interação é construída através da troca de imagens e mensagens, que foi se tornando cada vez mais pessoal como vemos a seguir:

# Oficinas

QUARTA-FEIRA, 8 DE AGOSTO DE 2007  
FRANCISCO:



Sou melho e maior fã do 50 cent e tambem sou do hip hop  
Francisco

Postado por Oficineiros às 08:01 

## 6 comentários:

Anônimo disse...

oi m Francisco eu tambem sou fa estu te esperando para nos comentarmos etc...

Anelise

13 de Agosto de 2007 10:50

Francisco disse...

Oi Anelise gostei muito de sua palavar.

Francisco

15 de Agosto de 2007 06:53

Anelise disse...

EU SOU FA DELES FRANCISCO EU AMEI POSSO TE MANDAR OUTRA TCHAU VOU PROCURAR OUTRA PRE VOCE VER

20 de Agosto de 2007 10:28

Anônimo disse...

Francisco sou eu a Anelise quando der pra entrar eu to aqui te esperando beleza blue te espero gato pra tecla

27 de Agosto de 2007 11:12

Anônimo disse...

Ano

# Oficinas

QUARTA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2007

## Francisco:



eu gostei dese carro como couquer PESSOA GOSTEI DO SUA Anelise.

Postado por Oficineiros às [07:02](#)

### 7 comentários:

Anônimo disse...

AMEI ESSA TUA FOTO NOVA TOMARRA QUE TODOS GOSTEM UM BJ Anelise

[3 de Setembro de 2007 10:30](#)

Anônimo disse...

EAI GURI Q FOTO MANERE VOCE ARRASO Anelise

[3 de Setembro de 2007 10:38](#)

Anônimo disse...

iaí guri tatadu bm bjbj Anelise

[10 de Setembro de 2007 10:36](#)

Anônimo disse...

VOLTA PRA CÁ TOMORRENDO DE VONTADE DE FALAR COM VC

[24 de Setembro de 2007 10:24](#)

Anônimo disse...

Anelise

[24 de Setembro de 2007 10:26](#)

[Postar um comentário](#)

Anelise faz várias hipóteses sobre o amigo virtual e lamenta seu afastamento, por ocasião de sua alta.

<h1>Oficinas</h1>
<i>SEGUNDA-FEIRA, 20 DE AGOSTO DE 2007</i>
<b>Anelise:</b>
<p><b><u>50 CENT PRA VOCE</u></b></p> <p><b>EU ETOU MANDANDO PRA VOCE Francisco E ANELISE EU FALEI ME MANDE UMA MENSAGEM SE QUIZER ESSA FOTO EU ACHEI PRA VOCE</b></p>
Postado por Oficineiros às <a href="#">11:03</a> 
<b>3 comentários:</b>
Anônimo disse...
Anelise acho que o Francisco não está podendo mais acessar o blog!Gostei muito das tuas fotos! Acho que és fã mesmo dessa banda! Um abraço! Tati!

Assim como Anelise, Daiane e Cristiane passam a ser frequentadoras desse espaço virtual. Cristiane torna-se oficialmente uma das pessoas responsáveis pela publicação.

Paralelamente aos *Chats* e às correspondências no *Blog*, prosseguiram as buscas de cada um por *sites* de seu interesse na internet.

Por ocasião da entrada de novasicineiras, propusemos ao grupo ampliar a frequência dos encontros, passando para dois encontros semanais, tendo a alternativa de um deles ocorrer virtualmente<sup>71</sup>. Em uma oficina sugerimos procurar na Internet os telecentros próximos a suas residências. Como Cristiane tinha

<sup>71</sup> Proposta que acaba não se viabilizando.

computador em casa, não se fez necessária essa busca para ela, só em relação à Anelise e Davi.

Ficamos de marcar uma reunião com os pais para discutir essa proposta. Entretanto, essa idéia acabou sendo antecipada por Anelise que a contou para sua mãe, gerando uma forte reação de oposição da mesma às oficinas, uma vez que entendeu que estávamos tentando encaminhar a menina para fazer oficinas em um Centro Comunitário<sup>72</sup>.

São realizados, então, momentos de reuniões com os pais a fim de poder trabalhar essa relação e esclarecer as propostas. Buscando não acirrar conflitos, a proposta de “Acompanhamento Terapêutico Informático” (como estávamos chamando essa possibilidade de circular com os jovens e conhecer os telecentros de suas comunidades) foi temporariamente adiada até que as mães pudessem estar mais transferenciadas com o espaço da oficina, podendo autorizar uma maior abertura em relação as suas filhas. O contato com os pais sociais de Davi não foi possível, de forma que não conseguimos trocar sobre esse assunto.

Com as saídas de Vicente, Diana e Davi, e ingresso de Manuel no grupo, Anelise e Cristiane é que passam a ter um maior convívio nas oficinas. As meninas começam a planejar atividades também fora dos encontros, como uma rifa para organização de uma festa ou para um passeio. A rifa acaba não acontecendo; entretanto, um passeio turístico com as jovens e suas famílias pela cidade acabou sendo efetivo. Todavia, esse passeio só contou com a participação de Cristiane e sua mãe, já que Anelise e sua família atrasaram-se para a atividade, e Manuel, ainda não familiarizado no grupo, não compareceu.

---

<sup>72</sup> Lembramos que, em anos anteriores, essa foi uma alternativa tentada pela equipe para propiciar um deslocamento do hospital como referência única para a família. Alternativa que trouxe uma série de conflitos e não conseguiu ser sustentada na época.

Também foram levantadas as possibilidades de encontrarmo-nos virtualmente com jovens que freqüentavam uma oficina de informática de uma escola próxima ao bairro do serviço que também tinha um laboratório de informática<sup>73</sup>, mas esse encontro acabou não acontecendo em função de incompatibilidade técnica entre os dois laboratórios, o que dificultou a efetivação de um *Chat* entre as duas instituições.

Manuel ingressa nas oficinas ao final do ano, em dezembro. Sua entrada é seguida novamente de constrangimento das meninas como o contato face a face; dessa forma, a conversa no *Chat* aparece como estratégia de aproximação, mas também de afastamento.

Manuel, apesar de demonstrar um interesse inicial pelo espaço da oficina e interação com osicineiros e com as demais participantes, encontrou alguns entraves para inserir-se nesse espaço. Anelise, nesse período, estava mais interessada em interagir no *Chat* aberto do que com os colegas da oficina. Cristiane não parecia ter interesses em comum com Manuel. Com isso, o jovem freqüentou por pouco tempo as oficinas, interessando-se mais em freqüentar um campeonato de futebol em sua comunidade.

Pensando sobre os endereçamentos, compartilhamentos e interações que se armaram no espaço da oficina, percebemos o quanto a virtualização do tempo e espaço contribuiu para aumentar o repertório de experiências. O acesso a um espaço virtual interativo como o *Blog*, por exemplo, possibilitou o desdobramento de amizades e interações entre jovens que talvez não poderiam se encontrar através de outras vias. Destacamos como exemplo as amizades virtuais de Anelise.

Lembramos das observações de Nicolaci da Costa (2005) e Prestes (2005) que ressaltam, respectivamente, a utilização dos recursos virtuais no contexto

---

<sup>73</sup> Escola Lucina de Abreu

contemporâneo, tanto como favorecedor da criação de novos vínculos como incrementador dos lugares de pertença para jovens que deles estão privados.

Os diálogos surgidos ensejaram também mudanças em Anelise e Cristiane em relação a seus interesses nas oficinas (inicialmente mais infantis), como também nas posições que ocupavam nas oficinas. Também observamos mudanças na suas escritas, bem como nos seus processos de apropriação em relação às tecnologias.

Nesse sentido, concordamos com as pesquisas de Freitas (2005) e Costa (2005), que consideram esses espaços de interação digital (*sites, Blogs, etc.*) como espaços tanto de compartilhamento como de construção da subjetividade nesse processo de transição.

O computador como suporte das oficinas parece ter favorecido sua utilização como um anteparo facilitador para lidar com essa emergência do real do corpo, tão própria do adolescer. Notamos como o contato face a face muitas vezes tornava-se siderante para alguns jovens que pareciam invadidos e emudecidos pelo olhar dos demais e dosicineiros. Assim, a tela do computador apareceu tanto como viabilizadora de proteção e abertura para que, então, os jovens pudessem utilizar a palavra com uma via possível de apresentarem-se e de relacionarem-se.

Retomamos as formulações de Ana Costa (2001), que relaciona a utilização de suportes, tais como os diários, na via de favorecer o trânsito e metabolizar essa impossibilidade de registro na passagem do corpo da infância para o que ainda não está completamente constituído no grupo de iguais. Parece que esse processo parece acontecer também nas oficinas tendo como suporte o computador e também os amigos virtuais.

A tela do computador aparece tanto como anteparo de proteção, igualmente como um espaço de circulação social e ensaio de um outro lugar subjetivo. Espaço

no qual se torna possível uma interação social sem que essa circulação tenha que lidar com a convocação pulsional do olhar do outro, em um momento em que ainda não é possível responder por uma posição sexuada. Dessa forma, os jovens assumem diferentes imagens, criam personagens e ensaiam relações não tendo que lidar diretamente com as conseqüências das mesmas.

Diferentes situações listadas nesse relato como: as dificuldades de Vicente em tomar o CIAPS como outro lugar que não o de substituto de casa; os empecilhos de algumas famílias em permitir uma saída das jovens<sup>74</sup> para outros espaços sociais que não o do hospital; a nossa dificuldade enquanto oficinairos em armar *Chats* com outros grupos na comunidade como tínhamos combinado previamente, evidenciam nossos impasses em viabilizar a inscrição de outra lógica de funcionamento institucional (lógica viabilizadora de passagem). Essas situações também explicitam a dificuldade que temos de produzir deslizamento nesse enodamento sógnico que cerca o hospital, e de possibilitar a transformação nesse imaginário totalizante que, mesmo no ambulatório, às vezes tem como efeito o esvaziamento de outras referências sociais. Ao mesmo tempo, a possibilidade de os jovens armarem novos vínculos e circulações, nas oficinas e fora delas, podem estar indicando algumas aberturas na possibilidade de constituir-nos em um lugar que permita o armar de redes.

---

<sup>74</sup> Anelise e Cristiane.

### 6.3 O DESDOBRAMENTO DE ENREDOS E NARRATIVAS E A PRODUÇÃO DA EXPERIÊNCIA E DE PASSAGENS SUBJETIVAS

O desdobrar de enredos e narrativas coletivas nas oficinas foi se dando na medida em que foi possível constituir minimamente um espaço de conversação. Esse processo começa a acontecer aproximadamente em julho de 2007, quando mais jovens passam a integrar e a compartilhar o espaço da oficina e há ampliação das propostas digitais. Traremos, a seguir, alguns desses enredos e narrativas que surgem nas oficinas a partir dos diálogos e da criação de histórias nos *Chats* e publicações nos *Blog* *Oficinando em Rede*.

Habitando também a condição de co-autores, personagens e leitores do desdobrar narrativo dos jovens, resolvemos atribuir títulos aos enredos e micronarrativas construídas, levando em conta os efeitos de sentido que elas ensejaram na narrativa geral das oficinas a partir dos significantes que destacamos em nossa leitura.

A escolha dos quatro recortes, a seguir apresentados três títulos<sup>75</sup>, ocorreu em função de eles esboçarem, nas suas seqüências, questões cruciais da passagem adolescente. “As Histórias da Amizade”, composta por dois gêneros textuais, um *Chat* e uma narrativa individual, falam dessa nova relação com a alteridade que convoca o adolescer. “A Coletiva História de Contar Histórias” fala da construção ficcional necessária de ser empreendida nesse processo de passagem.” *Entre o Signo e o Significante: a busca de um lugar de enunciação*” indica o

---

<sup>75</sup> As histórias da Amizade contêm um *Chat* e mais uma narrativa individual construída por uma integrante do grupo, Anelise. A Coletiva História de Contar Histórias. *Do Signo ao Significante: a busca de um lugar de enunciação*.

horizonte desejável da saída do adolescer: a possibilidade sempre inconclusa e singular de inscrição de um sujeito.

### 6.3.1 As Histórias da Amizade

As primeiras experiências da comunicação em *Chats* colocam em ação tanto a possibilidade de maior aproximação com a novidade que a ferramenta do *Chat* convoca, como com a possibilidade de estabelecer laços. O *Chat* que segue, ao mesmo tempo que constitui-se em um “espaço de fazer amizades” coloca em discussão, recursivamente, o que é ser amigo. Depois, destacamos uma narrativa construída por Anelise e publicada no *Blog*, que também colocava em cena, entre outras questões, a amizade. Abaixo, apresentaremos a reprodução do diálogo<sup>76</sup> surgido no *Chat* onde esse tema emerge:

Tati :	Oi Diana! Como está sendo tua estréia na Oficina?
Diana:	eu to gostando
Tati :	Anelise! bem vinda!
Anelise_lhs:	eu digo oi
Diana:	tu estuda na parada 2
* Geraldo	(usuario4@200.198.136.164) entrou no canal #oficinando
Tati :	Oi geraldo!
geraldos :	oi pessoal...entrei tambem agora!
Diana :	oi geraldo
Anelise_lhs :	claro como vc sabe
Geraldo:	oi diana!!
Tati :	Vocês já tinham conversado em chat antes?
Anelise_lhs:	naõ
Geraldo:	eu jah tinha experimentado este aqui antes com alguns amigos !
Tati :	É diferente , né?
geraldos :	a gente pode outro dia entrar em outras salas e podemos ate conversa com pessoas diferentes!
Diana :	quando eu vou no meu colegio te vejo
Tati :	Tu já conhecia a Anelise, Diana?
Diana:	conheco de vista
Anelise_lhs:	oi Diana como vc esta
Tati :	É uma idéia bem legal essa Geraldo? O que vocês acham meninas?
Geraldo:	quem vc ve Diana

<sup>76</sup> Resolvemos conservar o texto na íntegra, conforme foi copiado do Chat, também com os seus erros de digitação, somente os nomes foram trocados.

Geraldo:	ah tah...vcs ja se conheciam!
Tati:	Anelise tu se lembrava da Diana?
Diana:	to bem
Diana:	nao
Anelise_lhs :	nao pq
Diana:	muito boa
Anelise_lhs:	eu nunca vi ela antes
Diana:	de manha nao te lenbra
Tati:	É uma grande oportunidade de vocês se conhecerem! Fazerem amizade!
geraldo :	voces estudam no mesmo colégio...eh isso
Diana:	nao
Anelise_lhs:	Diana que serie vc esta
Diana:	setima serie
Geraldo:	mas entao quem vc disse que via no colegio::
Geraldo:	eu estou sem ponto de interrogação... o meu teclado esta ruim!!
Anelise_lhs:	de tarde
Diana:	eu estudo no colegio diferente, mas quando eu to indo eu vejo ela
Geraldo:	ah...agora entendi!!! voces devem morar perto uma da outra entao!
Diana:	de manha
Anelise_lhs :	aonde vc mora
Diana:	noa sei aonde ela mora
Tati:	Tu moras perto da escola Anelise?
Diana:	sim
Tati :	Será que vocês são vizinhas?
Diana :	nao
Anelise_lhs:	naõ
geraldo :	onde vcs duas moram entao
Diana:	eu moro perto da escola dela
Tati:	Vocês tem algum amigo ou amiga na rua de vocês?
Anelise_lhs :	eu moro longe da escola
Diana :	ainda nao me mudei faz pouco tempo
Anelise_lhs:	eu tenho varios
Diana:	amanha presta atencao
Anelise_lhs :	eu nc briguei com meus am
Diana :	gostei te conhecer
Anelise_lhs :	presta atencao aonde
Tati :	Nunca, nunquinha, Anelise? Às vezes a gente briga com as pessoas que gostamos!
Anelise_lhs:	eu tambem
Anelise_lhs:	nc nao
Geraldo:	eu ja briguei com meus amigos.. soh que a gente sempre faz as pazes depois!
geraldo	a gente nunca leva a serio as brigas!
geraldo	:)
Tati:	E tu Diana, já brigaste com algum amigo?
Anelise_lhs:	eu tenho otmos amigos que mora pq de mim desde nascida
Diana:	brigei uma vez serio fiquei bastante mal
Tati:	É <i>Chato</i> , né? Conseguiram retomar depois a amizade?
Diana:	mas sou amiga dela de novo
Anelise_lhs:	eu tenho uma miga des de cr
geraldo :	e voces ainda moram perto uma da outra Anelise

Diana_lhs	claro
Tati:	Existem amizades desde criança, outras que se fazem quando se vai crescendo...
Diana:	eu brigo muito com a minha prima mas gosto muito dela
Geraldo:	que beleza... e bom ter os amigos bem perto!!!
Tati:	Que idade tem tua prima Diana?
Diana:	15 ANOS
Diana:	15 ANOS
Anelise_lhs:	so meu amigo outro desde muito tempo se mudou
Geraldo:	mas voces ainda se vem de vez em quando
Diana_lhs:	mas eu ainda me dou bem com ele
Diana:	a minha melhor amiga faz tempo que nao a vejo
Tati	Está tão legal esta conversa! Pena que daqui a pouco teremos que termina-la. Anelise na semana que vem tu consegues chegar mais cedo?
Diana:	que pena ta tao legal
Anelise_lhs:	ele foi morar uma rua asima na faicha
Geraldo:	e verdade... e bem bom conversar por aqui!!!
Tati :	Poderemos entrar no site mais vezes! Acho que é uma experiência muito legal!
Anelise_lhs :	eu passo pela casa dele e vejo ele e spy que
Diana :	é otimo
Anelise_:lhs	eu amei estar nesse site
Diana:	eu tambem adorei
Geraldo:	a gente faz mais vezes entao!!! vai ser otimo :)
Tati :	O que vocês gostariam de falar na despedida?
Anelise_lhs:	amanhã aonde eu posso te ver em
Tati:	Vamos ver se conseguimos todos chegar no horário na próxima quarta para aproveitarmos e conversarmos bastante!
Anelise_lhs	sim
Diana	Anelise nao sei
geraldo	boa semana pra voces.....e venham semana que vem pra gente continuar!
Tati :	Pessoal, infelizmente teremos que acabar a oficina por hoje! Próxima quarta continua! Um grande abraço e boa semana
Diana	tudo bem um abraço pra todos
Anelise_lhs	vou tentar

O momento inicial parece de deslumbramento tanto dos oficinairos como das jovens frente à possibilidade de conversar em *Chat*. O interesse em fazer amigos motiva uma aproximação que, aos poucos, vai se incrementando.

O assunto desse *Chat* se dá em torno da amizade, que é um dos temas recorrentes nas oficinas e constitui uma das principais motivações para a participação dos jovens. As jovens e os oficinairos, nesse momento, questiona-se sobre o que é ser amigo: Não brigar? Poder brigar e reatar depois? São as amizades desde a infância, as amizades que se fazem quando jovens?

Tanto esse momento como outros na oficina remetem-nos a pensar sobre o lugar da amizade no adolescer, na construção do desprendimento necessário dos laços constituintes do sujeito, comumente encarnado nos laços parentais, a fim de estabelecer outra relação com a alteridade, marcando seu ingresso no mundo desde uma outra posição. Para pensar essa questão, tomamos o auxílio das reflexões de Kehl (2004) e Jerusalinsky (1997).

Jerusalinsky (1997), ao pensar na busca adolescente de uma posição desde onde falar e também do lugar do analista frente ao adolescente, menciona que a amizade, nessa passagem, “toma um relevo singular”. Constituída no “remanso do discurso”, na dimensão transicional entre o brincar infantil e a responsabilização pelo ato adulto, a amizade permite um “livre exercício da vida em hipóteses” que possibilita, entre outros aspectos, a ampliação das possibilidades identificatórias.(p. 11) Kehl (2004) também destaca os laços fraternos<sup>77</sup> como garantia de reconhecimento dos traços identificatórios constituídos na infância, mas não sedimentados, e também como campo de novas identificações.

---

<sup>77</sup> Refere-se a todos que ocupam um lugar semelhante na cadeia de gerações.

É dessa busca de compartilhamento e identificação com os outros jovens que nos falamos os adolescentes ao longo dos *Chats*. O caráter lúdico e exploratório da armação de novos laços é evidenciado nas oficinas, tanto nas conversas como na criação dos *nicks*<sup>78</sup> e perfis desde onde se apresentam. Através desses e de outros recursos, os participantes parecem ensaiar ludicamente diferentes possibilidades identificatórias. Ao longo das narrativas, veremos também o quanto essas novas possibilidades vinculares, seja na realidade ou em ambientes virtuais, vão ensejando modificações tanto nas posições que eles vão assumindo nas oficinas como nas narrativas que vão construindo.

Jerusalinsky (1997, p. 11) evidencia que “a amizade também se constitui como um refúgio frente ao olhar persecutório do Outro Social”, com seus mandatos e convocações imperativas. Kehl (2004), que também nos fala dos laços fraternos nessa relação com a alteridade simbólica, refere que esses laços, ao se estabelecerem enquanto laços de cumplicidade e, muitas vezes, de transgressão, permitem que os jovens possam separar a lei encarnada da lei simbólica, possibilitando também o processo de simbolização e forçando a possibilidade da inscrição da sua diferença na cultura.

Notamos que as possibilidades ou não de serem estabelecidos os laços de cumplicidade e amizade durante as oficinas provocaram ou a saída dos participantes para outros grupos ou a possibilidade de ensaiar outros movimentos antes não autorizados pelos familiares, ou previstos pelos oficinairos, como por exemplo: buscas de Anelise e Vicente com os amigos de *Lan houses* na comunidade e explorações de *Chats* abertos por Anelise e Cristiane dentro e fora da oficina. Esses

---

<sup>78</sup> Nomes fictícios utilizados para apresentar-se nos *Chats*, utilizados em alguns *Chats* acontecidos nas oficinas, como veremos mais adiante.

movimentos têm um lugar importante no estabelecimento da autonomia e na construção das bordas dos seus “eus”.

As jovens, nas suas falas durante esse *Chat* sobre Histórias da Amizade, também nos revelam as dificuldades e os receios que as buscas de novos laços deflagram. Anelise evidencia seus receios de rompimento na sua construção idealizada dos amigos com os quais nunca brigou.

Jerusalinsky (1997, p. 16) menciona que o que se arrisca na adolescência é justamente isso: “ganhar e perder pares”, ou seja, “suportar de modo dramático a solidão real” ou “estabelecer laços imaginariamente indissolúveis, substituto daqueles que o jovem necessitou tomar distância”.

Na conversa do *Chat* apresentado anteriormente, o desejo de fazer novas amizades atualiza o receio do rompimento e da solidão, trazendo à tona no diálogo as dificuldades singulares que Anelise vem enfrentando no seu movimento de separação e diferenciação de sua mãe.

Esses impasses e possibilidades de construir sua saída para o mundo também estarão presentes na história que cria e publica no *Blog* sobre a jovem roqueira, a seguir apresentada.

### A menina roqueira que fez sucesso quando ela foi para a faculdade



Era uma vez uma menina roqueira tao engraçada por ser roqueira. Ela ficava so todos queriam ser amigos dela mais ela nao queria ficar amiga de ninguem pois ela deichava de ter amigos ela evitava todomundo. Amava se vistir de roqueira tinha o seu quarto arrumado cheio de poster e passava todos os dias os estudar e arrumar seus poster. Logo ela cresceu e sua desisao foi virar famosa ela cantava montou uma banda de roqueiros e o seu nome era maria ela mudou para avril lavigne e fes muito susesso ela ficou rica de tanto susesso mais tanto susesso que nao podia nem sair pra trabalhar que ela se discediu se contratar muitos siguranças.

([www.oficinandoemrede.blogspot.com](http://www.oficinandoemrede.blogspot.com))

Trazemos as reflexões de Tfouni e Moraes (2003, p. 2), as quais observam que o distanciamento da realidade propiciado pelo discurso narrativo de ficção, facilita que a pessoa possa falar de si. Conforme as autoras, através dessas narrativas “a verdade do sujeito irrompe a sua revelia”, já que “não logra escapar de seu assujeitamento à linguagem”.

Assim, a menina roqueira criada por Anelise traz à tona a questão do futuro e os ideais sociais que estão ali colocados, os quais são tomados por ela na construção de sua ficção: ir para faculdade e tornar-se famosa. A personagem aparece como uma forma de resolver os conflitos que Anelise vivencia no cotidiano: sair ou não de casa, ter ou não ter amigos. A menina roqueira ganha um papel ativo

diante desses dilemas: ali é ela quem escolhe poder ter ou não ter amigos, sair ou não sair do seu quarto, o qual, ao mesmo tempo, é trazido como um lugar de refúgio e também de construção do seu mundo. É no quarto que a personagem brinca de roqueira (adorava vestir-se de roqueira), e essa brincadeira e seu desejo fazem, magicamente, com que seja roqueira e obtenha sucesso. Sucesso que a remete novamente a ficar trancada em casa e não poder sair.

### 6.3.2 A Coletiva História de Contar Histórias

Com a entrada de Davi no grupo, o convite para que escrevessem uma história coletiva acaba tornando-se realidade.

Descreveremos a seguir a história criada em *Chat*, que foi denominada pelos jovens como “O Menino e o Gato”.<sup>79</sup>

Davi assume a liderança da construção dessa história, iniciando-a. Depois, ela foi sendo complementada, com nosso auxílio, por Vicente e também por Anelise, que não necessitou de ajuda na escrita, só no aprendizado de como operar com janelas no computador. Tratava-se da história de um gato chamado Epaminondas seu dono, Gabriel, como vemos na história construída no *Chat* que será relatada a seguir.

Davi, Anelise e Vicente:

---

<sup>79</sup> O Chat no qual essa história foi construída encontra-se transcrito no Apêndice A. No Apêndice B encontra-se a história na forma como foi publicada no blog.

Era uma vez um gato muito brincalhão . Ele tinha um dono chamado Gabriel. Gabriel era um menino muito exibido “Epaminondas era um gato branco e muito fofo que adorava leite, comer peixe e correr atrás de borboletas” (Davi).

Esse gato, segundo Anelise, era tímido.

Certo dia, conta Davi, Epaminondas, o gato, tombou com outro gato, chamado House, que significa \*casa\*. Davi explica que esse gato tinha esse nome porque ficava o tempo todo dentro de casa. House, só saía de casa para incomodar os outros gatos. Vicente refere que House era chato e bobalhão e só gostava de fazer maldade para os outros. Anelise menciona que Epaminondas ficou amigo de House.

Davi segue a história contando que Gabriel foi para escola e deixou seu gato em casa. Menciona que na escola inventou de fazer uma historinha sobre o gato, baseada no futuro dos dois.

Anelise acrescenta que Gabriel pensou em deixar os dois famosos.

Davi continua boa parte da história: “Quando terminou a aula, ele foi direto para casa. Quando chegou, viu a casa toda revirada. Foi logo chamando: - Epamiondas!”.

Gritou tão alto que sua mãe ouviu-lhe e disse:

-Por que você está gritando, filho?

Gabriel respondeu:

- Olha só, mãe, o que Epamiondas fez.

E você não viu nada?

A mãe respondeu:

- Mas como eu iria ver, se eu estava dormindo?

Gabriel, muito esperto, respondeu:

-E você não ouviu o barulho?

-Quer saber!

Não.

Foi uma bagunça!! “

Estimulo a Vicente participar e ele me dita:

-Epaminondas deixou restos de comida espalhados! Soltou pêlo nos móveis!

Gabriel ficou muito brabo com Epaminondas porque ele teve que limpar tudo!

Davi segue novamente a história:

-Mas, depois de muito tempo, eles resolveram... Quando foram para o quintal viram Epamiondas e House estragando a grama. Maria, mãe de Gabriel ficou louca e disse:

-O que eu faço para eles pararem, filho?

Gabriel pensou e disse:

- Deixa comigo, mãe. Quando eu ler a historinha que fiz sobre Epamiondas, ele vai parar de bagunçar.

Gabriel chamou Epaminondas:

-Sente-se quieto que eu vou ler uma historinha sobre você.

Epamiondas sentou-se e ouviu seu dono falar. Depois de ouvir tudo aquilo, Epaminondas nunca mais fez bagunça em casa ou qualquer outro lugar. Sobre o que falava a historia? Eu não sei. É um mistério!”

A Construção dessa história coloca em questão recursivamente o fazer histórias, utilizando-se, para isso, de temas<sup>80</sup> surgidos nos enredos e narrativas que a precederam, e que se constitui um tramar próprio de uma construção narrativa.

<sup>80</sup> Observa-se que a história inclui temas surgidos no grupo em outros momentos, como os laços de amizade (Epaminondas e House) e a relação com os bichos.

Se uma das características da narrativa, como mencionam Toufani e Moraes (2003), é a polissemia (multiplicidade de sentidos) e a polifonia (várias vozes atuando simultaneamente)<sup>81</sup>, pensamos que disponibilização de alguns recursos a partir da utilização da tecnologia digital possibilitaria uma multiplicação dessas vias enunciativas e, decorrentemente, dos múltiplos sentidos que a narrativa ali produzida pode ensejar. É o que podemos analisar a partir dessa história.

Uma desses recursos que aparece no *Chat* mostrado anteriormente, mas também e em outros, é a possibilidade de escolher um *nick* a partir do qual os participantes se apresentam. Anelise escolhe apresentar-se como Gremistinha, Davi, como Clarck, e Vicente, pelo seu apelido Vi.

Esse artifício dos *nicks* possibilita que, para além dos personagens construídos na história, eles próprios possam se constituir como personagens, multiplicado, com isso, suas possibilidades identificatórias e enunciativas.

Em relação aos personagens criados, Epaminondas, House e Gabriel, vêem o quanto estão relacionados com o traço que muitas vezes os identifica diante do Outro. Epaminondas, na construção de Anelise, era tímido. House, assim como Davi, gostava muito de ficar em casa. House, segundo Vicente, era chato e bobalhão e só gostava de fazer maldade para os outros, discurso muito parecido com o dizer da família de Vicente em relação a ele.

Também parece relevante o lugar no qual é colocado o adulto da história: alguém que dorme e não vê nada da bagunça armada e, ao mesmo tempo, convoca o jovem para a tarefa de fazer pará-la. Talvez esse segmento possa estar evidenciando, por um lado, o esvaziamento das funções de referência na vida de alguns; por outro, a convocação para que produzam algum ato que venha dar uma

---

<sup>81</sup> Caracterizadas pelas distintas posições enunciativas do sujeito, por exemplo, enquanto narrador, personagem, leitor, etc.

saída para situações consideradas como desviantes ou não aceitáveis. Essas soluções acabam sendo construídas nessa história através do desfecho que resolvem dar.

A saída de casa com os amigos<sup>82</sup> como algo que “bagunça” a organização familiar, convocando a um novo ordenamento mais simbólico, lembra também o lugar que os semelhantes acabam ocupando na construção desse lugar Outro na passagem adolescente. Alteridade que acaba colocando em questão o lugar de origem, convocando os jovens a ressituares-se diante da sua história e dos lugares de referência até então constituídos.

Essa narrativa leva-nos a pensar sobre o momento de passagem e sobre o trânsito entre campos distintos, eu/Outro, familiar/social que o adolescer convoca. Tal delimitação vem a efetivar-se, como lembra Ana Costa (1998), ou através dos atos ou através da produção de uma ficção que possa representar o sujeito nesse encontro de heterogêneos. Ficção que ao mesmo tempo diga desse processo de alienação/separação do Outro.

A viabilização da escuta e a disponibilização de diferentes suportes, no caso dessa oficina o suporte tecnológico, objetivam possibilitar que os diferentes sujeitos possam construir-se nessas tramas, nessa escritura. Possibilitar que suas vivências possam ser apropriadas enquanto experiência. Não falamos aqui da experiência compartilhada das sociedades orais, mas da inscrição/transmissão que Benjamim (1994) anuncia que possa ser tecida por uma narratividade a partir dos fragmentos.

O desenrolar dessa história leva-nos a pensar em algumas questões como: Estariam eles falando, principalmente Davi, do efeito que o criar histórias sobre o seu presente e futuro poderia ter para eles? Estariam falando sobre expectativas em

---

<sup>82</sup> Presente na história de Epaminondas e House.

relação a sua vida, como fala Anelise – tornar-se famosa –, ou como Davi – tranquilizar-se ao reconhecer-se em uma história?

Observamos que Davi, nos momentos de busca individual nas oficinas, parecia bastante ocupado no resgate de histórias: a história da ONG Calábria<sup>83</sup>, a história do fundador dessa ONG<sup>84</sup> e a história do Grêmio. Essas histórias pareciam dizer de uma busca singular sua, de um traço que lhe possibilitasse um tramar de sua filiação simbólica. Busca essa que vai levá-lo à fuga do abrigo (em busca de sua família de origem) e ao conseqüente afastamento das oficinas no decorrer do ano.

Esse processo faz com que pensemos na função da constituição de uma narrativa pessoal, da constituição de “uma ficção de si”, como aquilo que possibilita o “amparo do sujeito” e sua “sustentação no circuito das relações e no circuito das identidades” (COSTA, 2001, p.121). A convocação para a constituição de uma narrativa de si parece estar mais presente nesses momentos de passagem como adolecer, a qual mobiliza os sujeitos a esse tramar.

Essa ficção, sempre inconclusa e impossível de ser totalizada, é que permite que o singular de cada um possa vir a incluir-se em uma ordem coletiva. Processo que se torna mais trabalhoso (mas não impossível) para jovens como Davi, cuja apropriação de sua história e das marcas simbólicas que o singularizam está dificultada em função do abandono familiar e do processo de institucionalização.

Lembramos as teorizações de Poli (2005), que menciona o quanto o estigma, ou a história institucional, pode muitas vezes tomar o lugar, para esses jovens, dos

---

<sup>83</sup> ONG da qual fazem parte o abrigo onde Davi mora e a oficina de serigrafia que ele estava freqüentando.

<sup>84</sup> Em uma dessas investigações mostra-nos que esse fundador foi alguém pobre que viveu com dificuldades e que fundou uma casa de meninos, como o abrigo no qual Daniel mora. Contou-nos que, no início das oficinas de serigrafia, leram sobre a história do fundador, pela qual se interessou. Levantamos a hipótese, naquele momento, que esse resgate estava possibilitando que o Davi não desistisse da oficina como fizera com outras nas quais fora matriculado.

significantes familiares recalçados ou apagados, trazendo empecilhos para a construção de si.

Entretanto, é, sobretudo, o mistério do que está escrito, e que possibilita o desfecho da história, que aparece como nó central da trama da narrativa construída. Escrita essa que, em nossa leitura, aparece como metáfora do Outro. Essa alteridade simbólica que, pela sua antecipação, possibilita um lugar de espera onde o sujeito poderá advir, mas que, no entanto, só torna-se possível de ser construída, como nos lembra Ana Costa (1998), no próprio ato de produzir uma ficção. Ou seja, é no próprio movimento de advir do sujeito que é possível que possamos reconhecer as condições que o antecipam e o constituem.

Talvez Davi, enquanto um dos principais escritores dessa Coletiva História de Contar Histórias estivesse nos falando dessa convocação à escritura, tão própria do adolecer, como também dos impasses e desejos ali colocados.

### **6.3.3 Entre o Signo e o Significante: a busca de um lugar de enunciação<sup>85</sup>**

A oficina que tomaremos para análise ocorre no início dezembro de 2007. Nesse dia, Manuel, novo integrante das oficinas, é apresentado aos demais jovens, Anelise e Cristiane. A seguir traremos o relato do diário de campo elaborado a partir do Chat.

Após um momento inicial de interação presencial, francamente marcado por um constrangimento entre eles, os jovens convidam osicineiros a dar continuidade

---

<sup>85</sup> Nesse título estamos condensando dois sentidos da palavra signo: signo do zodíaco e signo na concepção de Saussure enquanto unidade lingüística na qual um significante associa-se a um significado. No início de qualquer trabalho subjetivo a partir da psicanálise, com sujeitos neuróticos, é necessário que as significações fechadas possam vir a ocupar o lugar de significantes que possam interrogar o sujeito e, dessa forma, remetê-lo a esse trabalho subjetivo que permita desconstruí-las. Esse é o processo de advir do sujeito da enunciação no processo de tratamento.

à conversa no espaço virtual através de um *Chat*, como já vinha ocorrendo em outras ocasiões.

É importante ressaltar que o recurso de *Chat* que utilizamos, através do sistema Internet Relay Chat (IRC)<sup>86</sup>, é um recurso de transmissão textual no qual a voz também não está presente. Toda comunicação tem que se dar através da escrita ou no máximo com a utilização de imagens. Essa restrição, tanto ao olhar do outro como da voz, traz matizes diferentes a essa interação.

Observamos nessa oficina, como também em outras, que a emergência do real do corpo, do pulsional, presentificado pelo olhar e pela voz do outro, convoca-os à necessidade de produzir algum anteparo. Assim, os computadores aparecem nesse lugar de, ao mesmo tempo, permitir uma aproximação e de produzir um afastamento nesse momento de suas vidas em que essa emergência do pulsional ainda aparece como siderante. Essa borda tecnológica transicional acaba favorecendo, para esses jovens, suas possibilidades de expressão através do recurso da escrita.

Nesse processo de produção de um anteparo e também de busca identificatória, os jovens escolhem nomear-se com nomes diversos. Eu, como oficinaira, continuo, inicialmente, a manter meu nome, talvez pela dificuldade de entrar na brincadeira virtual de poder fazer-se de outro; mas, posteriormente, também troco de nomes. Manuel denomina-se como Bibi, Cristiane como Nataly e Anelise como Gringa.

Essa gama de apelidos (*nicks*) gera algumas confusões. Já no andamento inicial do grupo não se sabe direito a quem cada um está se endereçando.

---

<sup>86</sup> O Internet Relay Chat (IRC) “é um protocolo de comunicação bastante utilizado na Internet. Ele é utilizado como bate-papo (Chat) e trocas de arquivos, permitindo conversas em grupo ou privadas” (Wikipedia, acesso em 15 mar. 08).

Uma das confusões mais gritantes aparece entre mim e a Cristiane, cujos nomes-fantasia, inicialmente semelhantes, remetem-nos a ter que delimitar melhor a quem Manuel está dirigindo uma das suas perguntas no *Chat*, sendo assim convocadas a colocar mais palavras no lugar dessa nomeação.

Inicialmente, questiono se é a psicóloga ou a jovem de 15 anos. Questão que Cristiane corrige falando, a psicóloga ou a estudante, colocando em destaque também a marca de seu lugar social como estudante.

É interessante ressaltar que há uma repetição em diversos *Chats* dessa confusão com as escolhas dos *nicks* por parte de Cristiane que, seguidamente, escolhe nomes parecidos com os demais integrantes ou nomes masculinos, ou confunde-se com esse endereçamento durante os *Chats*. Confusões que talvez falem de sua história subjetiva, da dificuldade que encontra, no seu processo de estruturação, de poder habitar um lugar próprio desde onde falar, frente ao apelo engolfante da família. Nesse sentido, a saída identificatória a partir do lugar social de estudante, assinalou um importante movimento durante essa oficina.

Cristiane também, nos momentos em que parece confusa, começa a falar em inglês. Pensamos que talvez ela pudesse estar literalmente colocando em ato o fato de estarmos falando línguas diferentes. Pergunto se os demais participantes entendem inglês, buscando que a jovem pudesse dar-se conta de sua impossibilidade de interlocução, ao que o grupo responde que não.

Os temas que surgem, de modo geral, são introduzidos por Manuel que questiona sobre o meu bairro de moradia. Questão que remeto aos demais participantes. Busco coletivizar com os outros participantes as questões trazidas por Manuel, que parecem inicialmente dirigidas a um diálogo a dois.

Na seqüência do *Chat* surge o interesse, por parte de Manuel, em relação aos signos de cada um. Comentamos, então, sobre os signos. Bibi (Manuel) conta que seu signo é touro, que é um boi. Gringa (Anelise) fala que é libra, que é uma balança. Nataly (Cristiane) mais adiante responde que é aquário. Também falo que o meu signo é virgem. Busco explorar como se enlaça o signo com o que pensam a respeito de si, questionando sobre quais as características dos signos deles que eles acham que têm.

Bibi (Manuel) fala que sabe que touro é forte. Questiono se ele se acha forte. Bibi responde contando da briga que esteve envolvido pela manhã ao buscar defender seu primo. Busco explorar mais essa briga, o que aconteceu? Ao que ele responde que “uns guris” tinham machucado o seu primo e ele se meteu para revidar. Pergunto também para os demais se já tinham vivido uma situação como essa antes.

Gringa (Anelise) aconselha Bibi (Manuel) dizendo que era melhor ele “falar grosso, mas não bater!”

Aproveito a fala de Anelise para trabalhar essa relação que ele fez entre “ser forte” e “agressão”, acentuando que Gringa pensa que a melhor via de ser forte e lidar com brigas é falar forte, mas não bater! Ao mesmo tempo, buscando que o comentário não entrasse para uma via moral e, buscando uma associação com a história de Manuel<sup>87</sup>, falo da dificuldade que todos temos de vermos pessoas que gostamos serem agredidas e termos que se controlar nessas circunstâncias.

As meninas perguntam sobre as circunstâncias da briga. Manuel conta que foi uma briga no futebol e fala também do seu desejo de agir diferente, mas relata sua dificuldade em controlar-se. Fala que na escola é assim que todos agem.

---

<sup>87</sup> Manuel perdeu duas pessoas de sua família em função de situações de violência na comunidade.

Ao escrever brigar, entretanto, Manuel se equivoca e escreve, por duas vezes, “bringar”. Cristiane, bastante atenta à literalidade da escrita questiona: “O que é bringar?”.

Apono que essa mistura entre brincar e brigar talvez estivesse nos mostrando questões interessantes. Passamos então a falar das pessoas que brigam ao invés de brincar; daquelas que brincam para não brigar e dos momentos em que a briga aparece com uma brincadeira.

Manuel então conta outra circunstância ocorrida no final de semana: quase entrou numa briga em função de uma provocação de um menino. Sua família e sua amiga mais íntima, contudo, não deixaram a situação acontecer, endereçando que pudesse falar de suas brigas no espaço de tratamento. Manuel revela estar gostando dessa menina.

Finaliza-se o *Chat* em uma conversa presencial na qual combinamos o encontro seguinte.

Ao refletir sobre esse encontro observamos que desde o início se faz presente essa busca de um lugar desde onde falar e ser escutado.

Esta questão está presente na escolhas dos nomes fictícios e nas possibilidades ou não de cada um dispor-se a virtualizar ou não suas identidades nesse espaço. O incômodo vivido por nós em relação a essa possibilidade virtualizante de escolher um *nick* torna-se evidente. Incômodo que talvez fale do lugar diferenciado que acabamos ocupando no *Chat*; no meu caso, o lugar de psicóloga.

A função nomeante do nome, no sentido de inscrever uma diferença no Outro, e na falta dele, a função do lugar social a que cada um pode estar ou não referido

(psicóloga ou estudante), aparece na composição dessa narrativa sobre o lugar de cada um.

Os signos (do zodíaco) também entram na trama dessa história como marcas que dizem dos sujeitos e seus lugares.

No caso de Manuel: touro, forte e violência parecem enodados em um signo (na acepção de Saussure) fechado que necessita ter deslocamento. Deslocamento que talvez possa permitir que Manuel prescindia da repetição de atos de violência a fim de representar-se frente ao Outro.

Também para nós, enquanto técnicos do CIAPS, a violência, tão marcada no cotidiano dos jovens que chegam para nós e, decorrentemente, presentificada no nosso cotidiano como instituição, também torna difícil que não associemos qualquer manifestação física de brigas com violência. Nesse sentido, o ato falho “bringar” talvez também estivesse evidenciando o quanto também essas brigas surgem como brincadeiras, ou formas de iniciação que preparam esses jovens a um lugar de sobrevivência nesse universo social.

Observamos como a fala das demais jovens tem, nesse encontro, uma função fundamental. Tanto o dizer de Anelise podendo acrescentar outros elementos na re-significação do que é ser forte para Manuel, quanto o apontamento de Cristiane que, presa na literalidade da escrita, pôde sublinhar o ato falho da condensação entre brigar e brincar, o que permitiu que nos colocasse a trabalhar esses significantes.

Essa trajetória do signo ao significante na busca de lugar de enunciação que se desdobrou durante esse *Chat*, convida-nos a pensar na própria operação do adolecer. Operação que é inaugurada pela convocação imaginária, sígnica de ter que constituir uma nova imagem que dê conta do pulsional frente à dissolução do sítio identificatório e dos lugares de referência. Entretanto, esse processo só torna-

se passível de ser sustentado pelas articulações significantes e simbólicas. Simbólico que possibilita o desdobrar narrativo, permitindo o sujeito inscrever-se temporalmente na cadeia de gerações.

Ao contrário das críticas recorrentes, que muitas vezes responsabilizam a tecnologia por uma inflação imaginária e pela estabilização de sentidos prévios, observamos que, nesse caso, o recurso do *Chat*, utilizado em um espaço de compartilhamento e escuta, teve como efeito uma certa deflação imaginária e, decorrentemente, uma abertura a significar.

A escrita em *Chat* também revelou, como mencionou Miyansi (2000), seu gênero singular: nem tão espontânea, nem tão formal, uma escrita apressada. Tal escrita, pela sua espontaneidade, permitiu que mais facilmente os tropeços do inconsciente (suas formações) se apresentassem nesse espaço e ficassem registrados na tela do computador. Assim, em alguns momentos e, com o auxílio dos próprios jovens, esses tropeços puderam ser sublinhados, dando vazão a um trabalho subjetivo.

Igualmente, esse recorte das oficinas coloca em evidência nossa implicação enquanto personagem/autor dessa narrativa. Remete-me a pensar em nossas passagens institucionais na busca de um lugar de enunciação enquanto trabalhadora em saúde mental. Nesse exercício cotidiano de constituir espaços de abertura, flexibilizando as lógicas e tecnologias da instituição total, que ainda habitamos e que, por vezes, ainda insistem em se repetir.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao tecer as considerações finais dessa pesquisa, remete-nos ao que impulsionou o seu tramar: os pedidos de escrita de si (que clamam em Castro e Davi); os desejos de poder constituir outros espaços, vínculos e possibilidades identificatórias (que habitam em Anelise, Cristiane, Diana e Manuel); os tênues enredos que buscam um enlaçar (presentes em Vicente). Movimentos de desejo desses e de outros usuários do CIAPS que testemunhamos cotidianamente e que nos conduziram a querer pesquisar e a realizar essa travessia no mestrado.

Assim, ao longo de três anos de existência das oficinas, têm sido constituídas diferentes narrativas de encontros com a tecnologia nesse espaço de escuta e compartilhamento que elas disponibilizam. Tais encontros acontecem em um serviço situado entre lógicas e paradigmas de atenção distintos e constituído dentro de um hospital psiquiátrico. Organização essa carregada de fragmentos de vidas esquecidas, clausuras e tecnologias arcaicas de funcionamento, mas também de desejos de construções subjetivas, de novas tecnologias e de outras aberturas.

Dessa forma, a experiência de pesquisa fez-nos pensar nas passagens e nos impasses colocados na constituição do CIAPS e no que eles revelam da problemática existente na própria atenção em saúde mental infanto-juvenil. Nesse sentido, constatamos uma fragilidade ainda presente de um movimento que, apesar

da dedicação dos seus empreendedores, ainda está dando seus primeiros passos no estado do Rio Grande do Sul e no Brasil<sup>88</sup>. Processo que necessita pesquisas que possam trazer contribuições para o seu cerzir, como pretendemos que esta dissertação tenha ensejado.

Ao introduzirmos as tecnologias digitais no repertório das tecnologias em saúde mental relativas à população infanto-juvenil, este estudo insere-se também em outras discussões.

Discussões que dizem das condições das pessoas, especialmente dos jovens em nossa contemporaneidade e nessa realidade social de exclusão, de poderem constituir uma narratividade capaz de possibilitar-lhes uma outra forma de situar-se no mundo. Discussões que também falam dos diferentes suportes que têm incitado esse tramar e, nesse sentido, da especificidade das tecnologias digitais nessa função de suporte.

Assim, a pesquisa realizada na literatura sobre a escrita levou-nos a refletir sobre os diferentes gêneros narrativos surgidos em diferentes contextos histórico-sociais, como também sobre os diferentes suportes técnicos e suas possibilidades de favorecerem a produção da experiência dos sujeitos. Detemo-nos, então, a pensar nas transformações advindas das tecnologias digitais. A despeito de suas previsões catastróficas ou otimistas, buscamos elementos para entender as especificidades inscritas no modo de operar dessas tecnologias. Acessamos, com esse intento, diferentes leituras e pesquisas que ressaltavam o caráter favorecedor de aberturas e também de construções subjetivas e passagens, principalmente no que se refere a sua apropriação pelo público jovem.

---

<sup>88</sup> Como podemos observar nos depoimentos dos diferentes serviços em um grupo pela internet, a nível nacional, que participamos denominando: CAPSi na reforma.

A busca de elementos para elucidar as passagens em jogo nos jovens usuários do nosso serviço, e também as construções narrativas a que são convocados a ter que responder, levou-nos a pesquisar sobre o adolescer no contexto em que vivemos. Deparamo-nos com uma diversidade de questões que envolvem o acesso e a passagem da condição infantil à adulta em nossa sociedade. Essas questões tornam mais complexas as possibilidades de produção de experiências pelos adolescentes, dificultando o acesso a lugares de reconhecimento e pertencimento. Problemática que se intensifica em jovens em situação de exclusão, como os usuários que atendemos. Investigamos igualmente a relação dos suportes materiais que a cultura tem disponibilizado para construção da passagem adolescente. Assim, a escrita em diários, as produções artísticas e mais recentemente as tecnologias digitais aparecem como mais um suporte transicional possibilitando que a passagem possa ocorrer.

O desdobrar dessa pesquisa e sua análise revelou-nos um leque de potencialidades que o operar das tecnologias digitais, em um espaço de escuta com jovens em sofrimento, pode concretizar (apesar de nossa ainda tímida apropriação em relação a essa ferramenta).

Iniciamos as análises pelo próprio interesse que o operar dos computadores desperta no público jovem, incrementando sua vinculação ao espaço das oficinas. Também, de forma indireta, as oportunidades de inclusão digital, decorrentes da apropriação do seu uso pelos jovens participantes da oficina, oportunizando-os conquista afetiva, social e cognitiva.

A ampliação de possibilidades de acesso ao mundo e as novas relações e identificações teve, em muitos casos, um efeito de incremento nas possibilidades narrativas, relacionais e desejantes de alguns dos participantes das oficinas. O

anteparo propiciado pela tela também aparece como favorecedor da construção de uma espécie de borda, facilitando a circulação da palavra, ao protegê-los das convocações pulsionais da voz e do olhar dos outros e do Outro, vividas como excessivas nesse momento de passagem.

Além disso, a utilização de algumas ferramentas, como o *Chat*, convoca os jovens a uma expressão espontânea e instantânea, tornando a escrita convidativa para eles. Tal escrita espontânea e “apressada” torna-se permeável à enunciação e ao registro das manifestações inconscientes, explicitando equívocos (atos falhos) que, através de uma escuta clínica, podem ser enunciados pelos participantes e/ou sublinhados por eles e pela equipe. Dessa forma, ao possibilitar que as enunciações inconscientes possam ser escutadas e tenham efeitos nos participantes da oficina, o enriquecimento dessa experiência é favorecido, e, por vezes, a virtualização de significações rigidamente constituídas.

Aparece, assim, uma ferramenta de trabalho bastante rica na atuação em saúde mental, especialmente para psicólogos e psicanalistas na suas buscas de outros suportes (assim como o brincar e o desenho), que venham a favorecer a expressão e constituição subjetiva dos sujeitos, especialmente as crianças e os jovens.

As experiências analisadas levaram-nos a pensar o quanto a utilização das tecnologias digitais, articulada a um espaço de escuta, pode impulsionar importantes movimentos subjetivos. Essas possibilidades de abertura parecem fazer um contraponto aos processos despersonalizadores e empobrecedores, amplamente divulgados e sublinhados por uma leitura mais pessimista em relação às tecnologias. A experiência das oficinas leva-nos também a questionar se essa via de adoecimento pela tecnologia, relatada por jovens que também chegam ao serviço,

não seria motivada por outras razões do que pela especificidade do suporte em si mesmo. Estariam relacionadas às fragilidades de mediações simbólicas existentes em nosso laço social e na história de estruturação subjetiva desses jovens? Percebe-se que esses processos também são vividos em relação ao uso de outros suportes.

Nessa perspectiva, relembramos as palavras de Lévy (1997, p.188), que ressalta que “nenhuma técnica tem uma significação intrínseca, mas apenas o sentido que é dado a ela, sucessiva e simultaneamente, por múltiplas coalizões sociais”.

Acreditamos que se o modo de operar das tecnologias digitais favorece algumas aberturas, essas, contudo, só poderão ter efeitos ao se articularem, através dos sujeitos, a outros discursos e movimentos em espaços sociais que oportunizem a transferência e o compartilhamento.

Os efeitos de abertura ou fechamento parecem ter relação com a história singular de cada um. Dessa forma, nesses jovens que acompanhamos, no pequeno recorte de tempo analisado, pudemos observar decorrências diversas que dizem dos seus próprios movimentos de vida, das transferências deles a esse espaço, dos oficinairos e dos demais jovens (amigos presenciais e virtuais), as quais são viabilizada pela tecnologia e o seu modo de operar.

Para alguns, como Manuel e Diana, a passagem pela oficina se deu de forma mais breve, acompanhando seus processos de exploração de novos espaços e identificações próprias da construção de suas passagens adolescentes.

Em relação a Vicente e Davi, os enredos e enlaces, que vinham se tramando no espaço das oficinas no operar de diferentes ferramentas (Google, Chats), nos indicavam buscas de narrativas de si, as quais pudessem enlaçá-los em uma filiação, constituindo um lugar para viver. Algumas circunstâncias de suas vidas (fugas do abrigo e de casa) e a fragilidade de nossa articulação com outros suportes sociais dificultaram suas permanências nas oficinas

Anelise e Cristiane permanecem ainda hoje no CIAPS e nas oficinas. Seus vínculos de amizades intensificaram-se e ampliaram-se com a chegada de novos jovens nesse espaço, bem como houve um incremento em suas apropriações em relação à tecnologia<sup>89</sup>. Entretanto, a passagem para o espaço de fora (externo à família e ao hospital), por um movimento além do espaço virtual, ainda tem grandes empecilhos para ser efetivada. Entendemos que essas passagens, além de envolver também uma autorização familiar, necessitam de um trabalho intenso do serviço no sentido de auxiliar as famílias a constituírem outras referências sociais além do hospital, bem como auxiliar os pais a reconhecerem os movimentos de passagem de suas filhas.

O convite à produção narrativa e o uso da tecnologia favorecem alternativas recursivas que têm oportunizado a apropriação dos participantes da experiência das oficinas e de suas histórias no CIAPS. Em uma das oficinas realizadas recentemente através de um *Chat* Anelise, Cristiane e Joel, outro jovem integrante, resolvem escrever suas histórias no serviço e nas oficinas. Anelise resgata a sua história dentro do CIAPS contando sobre as pessoas que pôde conhecer nesse espaço e seu pesar em relação a despedir-se delas, e Cristiane e Joel falam sobre as suas histórias de encontro nas oficinas.

---

<sup>89</sup> Hoje Anelise e Cristiane, além de trocarem e-mails, elas e os demais trocam endereços no *Messenger* (MSN).

Nesse escrito, e nas falas que se seguiram, evidencia-se que o espaço do hospital parece ser um dos únicos autorizados à circulação social de Anelise e Cristiane. Isso levou-nos a refletir, com eles, sobre as despedidas e descobertas que fazemos ao longo da vida. Também conversamos sobre as possibilidades de viverem suas amigadas além do hospital e ampliarem suas alternativas de circulação e conhecimento de outras pessoas. Combinamos, com esse fim, armar passeios conjuntos para conhecermos outros lugares nos seus bairros de moradia e também fora. Igualmente, começamos a trabalhar na oficina sobre a transitoriedade necessária de um espaço de tratamento, já que temos como direções de tratamento, em relação à Cristiane e Anelise, construir viabilidades para altas do serviço .

Essa situação abriu questionamentos como: até que ponto o lugar social do hospital psiquiátrico e sua vocação totalizante de esvaziamento de outras referências sociais, tem contribuído, em certa medida, para o fechamento dessas famílias em torno de si e do hospital? Como poder incrementar essa passagem para fora? Parece, que as oficinas, entre outros aspectos, colocam em evidência esses nossos impasses.

Consideramos, dessa forma, que a experiência de encontro com a tecnologia no serviço no qual trabalhamos, e que acolheu esta pesquisa, tem tido um efeito virtualizante tanto para o CIAPS como para todo o hospital. Isso ocorre porque o processo suscitou novos elementos a problemáticas antigas, atualizando estratégias de transformação que não eram pensadas ou não existiam a nível institucional.

As discussões institucionais decorrentes da introdução dessa ferramenta como escuta, abriu questões sobre a cientificidade desse uso, como também das implicações éticas decorrentes, principalmente em função da abertura com o fora da

organização que a tecnologia convoca. Discussões que ainda estão em curso e necessitam, a cada etapa da pesquisa, serem atualizadas.

O caráter de incompletude desejável e necessário para produção de deslocamentos em significações rigidamente constituídas, ao ser colocado em ato pela própria proposta de permanente construção da oficina, acaba também tendo um efeito interpretante a nível institucional, pois convoca-nos, a todo o momento, a repensar sobre o nosso fazer.

Concluimos assim, que a utilização de estratégias como essas tem muito a contribuir no trabalho com sujeitos e instituições que padecem, ao mesmo tempo, pelo excesso de significações rigidamente constituídas, e pela dificuldade de poderem enunciar e constituir narrativas e passagens singulares no percurso de suas existências.

Ressaltamos a contribuição das oficinas no sentido de serem constituídas também como espaço de passagem para os profissionais em formação (bolsistas e estagiários). Estudantes que têm ali a oportunidade de acompanhar as travessias dos jovens, mas também as transformações de um serviço que, através do seu fazer, segue igualmente constituindo suas passagens.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. Editorial In: **Correio da APPOA: Narrativas em Psicanálise**, nº140, Outubro de 2006.

AGAMBEN, G. Infância e História: ensaio sobre a destruição da experiência. In: \_\_\_\_\_ **Infância e História: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 21-78.

BAUDRILLARD, J. Televisão /Revolução: o caso Romênia. In: PARENTE et al. **Imagem Máquina: a era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.

BECKER, A. L. **A Mimese como Transmissão Possível**. 2002. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Departamento de Instituto de Psicologia, Ufrgs, Porto Alegre, 2002.

BENJAMIM, W.. Experiência e Pobreza. In: \_\_\_\_\_ **Magia e Técnica: arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 114-119. (Obras Escolhidas).

\_\_\_\_\_. O Narrador: Considerações sobre a Obra de Nicolai Leskov. In: \_\_\_\_\_ **Magia e Técnica: arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. (Obras Escolhidas).

BIRMAN, J. **A Psiquiatria como discurso da moralidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei n. 8069, de 13.07.1990. Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Porto Alegre, Outubro de 1994.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações programáticas e Estratégicas. **Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial**. Brasília, Ministério da Saúde, 2004.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações programáticas e Estratégicas. **Caminhos para uma política de saúde mental infanto-juvenil**. Editora do Ministério da Saúde, 2005. [Série B. Textos Básicos]

\_\_\_\_\_. Ministério Da Saúde. **Portariano°336/GM**, de 19 de fevereiro de 2002. Regulamentação dos Centros de Atenção Psicossocial no Brasil.

CALLIGARIS, C. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2002.

CALLON, M. Por uma nova abordagem da ciência. O papel das redes sócio - técnicas. In: PARENTE et al. **Tramas da Rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre; Sulina, 2004, p. 64-79.

CONNELLY, M. F. & CLAUDININ, J. Relatos de Experiência e Investigación Narrativa In : **Déjame que te cuente**: Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona, Editorial Laertes, 1995.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Resolução 1614, de 16 de julho de 2002. **Dispõe sobre eletroconvulsoterapia e dá outras providências**. Fonte: Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, D.F., nº 95, 9 de agosto de 2002, seção 1, p.185 .

COSTA, A. M. N. Sociabilidade Virtual: separando o joio do trigo. In: **Psicologia e Sociedade**: Associação Brasileira de Psicologia Social - ABRAPSO, Porto Alegre, v. 2, n. 17, p.50-57, maio/ago, 2005. Quadrimensal.

COSTA, A. M. M. **A Ficção de si mesmo**: interpretação e ato em psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

\_\_\_\_\_. Ficção e Ato nos Momentos de Passagem. In: **Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões**: o adolescente e a modernidade. Rio de Janeiro: Companhia do Freud, 1999.

\_\_\_\_\_. **Corpo e Escrita**: relações entre memória e transmissão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

\_\_\_\_\_. Antecipação e Destino - atualidades do espelho In: **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA)**. Narrar- Construir- Interpretar. Ano XII, v. 30, p-15-24. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2006.

COSTA, R. **Cyberspace (hypertext) texts**: reading-writing mutation. CAD. CEDES [online], vol25, nº65, jan/abril 2005 p.102-116.

COUTO, M.C.V. Novos Desafios à Reforma Psiquiátrica Brasileira: necessidade de Construção de uma política pública de saúde mental para crianças e adolescentes. In: **Caderno de Textos da III Conferência Nacional de Saúde Mental**: Cuidar sim, Excluir não. Brasília, 2001.

CHEMAMA, R. (org) **Dicionário de Psicanálise**: Larouse. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DELEUZE, G. Em que pode se reconhecer o estruturalismo? In: CHATELET, F.(org). **História da Filosofia**: o século XX . Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FIGUEIREDO, A. C & COSTA, C. M.. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ **Oficinas Terapêuticas em Saúde Mental**: sujeito, produção e cidadania. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004, p. 07-10. (Coleções IPUB /UFRJ).

FORTES, I. Estrutura e Temporalidade na Psicologia e Psicanálise. In: **Revista Agora**, Rio de Janeiro, v.IX, nº2, jul/dez 2006.

FRANCISCO, D.; MARASCHIN, C.; AXT, M. Informática e Saúde Mental: caminhos para uma oficina. In: **Novas Tecnologias na Saúde Mental** V.5 nº1, julho, 2007.

FREITAS, M. T. de A. Sites Construídos por Adolescentes: Novos Espaços de Leitura Escrita e Subjetivação. In: **Cadernos CEDES**, Campinas, 25(65), jan/abril, 2005.

FREUD, S. Romances Familiares. In: \_\_\_\_\_ **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, v.IX, c. 1969. p. 241-243.

GAGNEBIN, J. M. Não contar mais? In: \_\_\_\_\_ **História e Narração em Walter Benjamin**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 56-72. (Filosofia-estudos).

GUERRA, A. Oficinas em Saúde Mental: percurso de uma história, fundamentos de uma prática. In: FIGUEIREDO, A. C.; COSTA, C. M.. **Oficinas Terapêuticas em Saúde Mental: sujeito, produção e cidadania**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004. p. 23-56.

HARTMANN, S; SCISLESKI, A. C. C; PIRES, M. L.; SILVA, R. **As Patologias nos Modos de Ser Criança e Adolescente**: uma análise dos motivos das internações no Hospital Psiquiátrico São Pedro de 1884 a 1937. Revista Psico (Porto Alegre). *Submetido em 2007.(impress)*

JERUSALINSKY, A. Razão e Método para apresentação de casos clínicos. In: \_\_\_\_\_ **Seminários III**. São Paulo: Usp/ Lugar de Vida, 2002. p.11-27.

JERUSALINSKY, A. Adolescência e Contemporaneidade. In: MELLO, A.; CASTRO, A.I. de S.; GEIGER, M.. **Conversando sobre Adolescência e Contemporaneidade**: Conselho Regional de Psicologia. Porto Alegre: Libretos, 2004. p. 54-65.

JERUSALINSKY, A. Traumas da Adolescência. In: JERUSALINSKY, Alfredo et al. **Adolescência**: entre o passado e o futuro. Porto Alegre: Editora Artes e Ofícios, 1997. p 10-27.

KEHL, M. R. Existe a Função Fraternal? In: KEHL, M.R. et al. **Função Fraternal**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 31-47.

KEHL, M R. Minha vida daria um Romance In: BARTUCCI, G. (org). **Psicanálise, literatura e estética de subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001

LACAN, J. **O seminário 11**: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LARROSA, J. Notas sobre a Experiência e o Saber da Experiência, **Revista Brasileira de Educação** n.19, jan /fev. /mar. /abr.2002.

LARROSA, J. Las paradojas de la autoconciencia. In: CLAUDININ, J. et al. **Déjame que te cuente: Ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona, Editorial Laertes, 1995 p.190-215.

LATOURE, B. Redes que a Razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: Parente et al. **Tramas da Rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre; Sulina, 2004. 39-63

LÉVY, P. **A Ideografia dinâmica**. Rumo a uma imaginação artificial? São Paulo: Edições Loyola, 1998 227p.

\_\_\_\_\_. **A Inteligência Coletiva: Por uma Antropologia do Ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1997. 1 v.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. 2ª. Ed. São Paulo, Editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_. **O que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34, 2005.

LOBO, L F. Higienismo e Normalização da Infância no Brasil. . In: **Clio- Psyche - Historiografia, Psicologia, Subjetividades**. Ed Relume Dumará; RJ: 2003.

MAYANSI P. J. 2000 Género confuso: género Chat In: **Textos de La Cibersociedad, 1**. Temática Variada. Disponível em <http://www.cibersociedad.net> Acesso em: 20 ago. 2007.

MARASCHIN, C. Pesquisar e Intervir In: **Psicologia & Sociedade/Associação Brasileira de Psicologia Social**. Vol 1, n.1(1986), São Paulo: ABRAPSO,1986 -v.p. 98-107.

MEHRY, E. O ato de Governar e as tensões constituintes do agir em Saúde como desafio permanente de estratégias gerenciais. In: **Ciência e Saúde Coletiva** Vol 4, n. 2. Rio de Janeiro: ABRASCO, 1999, p305-314.

MEICHES, M. Casos Clínicos no Contexto da Tese. In: MEZAN, R. **Escrever a Clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p.435-463.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Termo de Compromisso de Ajustamento para o Atendimento de Crianças e Adolescentes no Hospital Psiquiátrico São Pedro**. Data:8/12/1999. Disponível em:<<http://m.p.rs.gov.br/infancia/termos/id51.htm>> Acesso em: 4 maio 07.

PARENTE. A. Os Paradoxos da Imagem-Máquina. In: \_\_\_\_\_ **Imagem Máquina: a era das tecnologias do virtual**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004. p. 7-33.

PASSOS, M. D. Considerações sobre a Fala: um jeito de ouvir. In: \_\_\_\_\_ **Narrativa Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB /CUCA, 2001.

PEREIRA, M. E da C. O DSM-IV e o Objeto da Psicopatologia ou Psicopatologia para que? In: **Estados Gerais da Psicanálise**. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Hotspring/Villa/E.G>> Acesso em:12 out.2007.

PEREIRA, N. do N. **Novas Políticas de Saúde Mental da Infância Adolescência.** Práticas e Concepções teóricas na Reinserção Psicossocial. Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz. RJ, 2003.

POLI, M. C. **Clínica da Exclusão:** a construção do fantasma e o sujeito adolescente. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. 264 p. (Clínica Psicanalítica).

PRESTES, R., 2002. **El Chat y el Messenger:** instrumentos de entrenamiento em comunicacion para tiempos de incertidumbre y baja atencion. Conferência apresentada na inauguração das VIII Jornadas de AIDEP, The British Schools, Montevideo, 2005. Disponível no ARCHIVO del Observatório para la Cibersociedad Disponível em: <http://www.cibersociedad.net> Acesso em: 20 ago. 2007.

RAINONES, N. F. **A Pluricemia das Imagens Cinematográficas e a Polissemia do Significante na Psicose:** uma relação entre imagem e narrativa. 2007. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós- Graduação em Psicologia Social e Institucional, Departamento de Instituto de Psicologia, Ufrgs, Porto Alegre, 2007.

RAPPAPORT, C. (Org.). **Adolescência:** uma abordagem psicanalítica. São Paulo: Epu, 1993. 174 p.

RASSIAL, J-J. **A Passagem Adolescente:** da Família ao Laço Social. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997. 198 p. (Coleção Letra Psicanalítica).

RASSIAL, J-J. **O Adolescente e o psicanalista.** [tradução Leda Fisher Bernardino] Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. 216p.

RUFFINO, R. Adolescência: notas em torno de um Impasse. : **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre-APPOA**, Porto Alegre, v. 1, n. 11, p. 41-46, nov. 1995. Semestral.

SANTOS, R. P. **O Weblog Adolescente:** Estudo sobre um Novo Espaço para o Íntimo. 2005. 1 v. Tese (Doutorado) - Curso de Pós -graduação em Comunicação Social, Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SANTOS, N. **Histórias de Vidas Ausentes:** a tênue fronteira entre Saúde e Doença mental. Passo Fundo: Editorada Universidade de Passo Fundo, 2005.191p.

SCIESLESKI, A. **Entre se quiser, sai se puder:** o percurso dos jovens nas redes sociais e internação psiquiátrica. 2006. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Departamento de Instituto de Psicologia, Ufrgs, Porto Alegre, 2006.

SOARES, L. E. Identidade em Obras I: Adolescência In: **Cabeça de Porco.** Athayde,C; Bill, M.V; Soares, L. E. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

TENÓRIO, F. Tratando a psicose nos Centros de Atenção Psicossocial. In: \_\_\_\_\_ **A Psicanálise e a Clínica da reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001. p. 119-154

TOUFANI, I.V; MORAES, J. A Família Narrada por Crianças e Adolescentes de Rua: a ficção como suporte do desejo. In: **Psicologia Usp**, São Paulo, v. 1, n. 14, p.1-14, 2003.

TREVISAN, E. A Transferência e os Dispositivos Terapêuticos em Saúde Mental: a proposta do cinema em debate na saúde mental. In: **Revista do CAIS Mental Centro: do CAIS Mental 8 ao CAPS CAIS Mental Centro**. Porto Alegre: Revista comemorativa aos 10 anos do serviço, 2006.

VIRILIO, P. **A Inércia Polar**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

WADI, Y. M. **Palácio Para Guardar Doidos: Uma História das Lutas Pela Construção do Hospital de Alienados e da Psiquiatria no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - Instituto de Psicologia e Faculdade de Educação. **Relatório de Pesquisa**. Projeto Oficinando em Rede.Nº do Processo: 479729/2004-2. Edital CNPq Universal 19/2004. Porto Alegre, agosto de 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - Instituto de Psicologia e Faculdade de Educação. **Site Oficinando em Rede**. 2007. Disponível em <http://www6.ufrgs.br/oficinando> Acesso em: 23 fev. 08.

# Apêndices

## APÊNDICE A – Chat de Construção da história Coletiva. Data: 20/08/07

collective.2600.net define modo +n #oficinas  
 \* collective.2600.net define modo +t #oficinas  
 \* davi (~usuario2@200.198.136.164) entrou no canal  
     #oficinas  
     \* davi agora é se chama clark  
 \* vi: (~usuario1@200.198.136.164) entrou no canal  
     #oficinas  
     vi 8  
 \* GREMISTINHA (~usuario4@200.198.136.164) entrou no  
     canal #oficinas  
 clark era uma vez, um gato muito brincalhão. ele  
 tinha um dono chamado gabriel. gabriel era um  
 menino muito exibido.  
 vi: O nome dele é Epaminondas  
     vini .  
 vi: Epaminondas era branco e tinha o pelo muito fofo  
     GREMISTINHA ELE ADORAVA LEITE  
 vi: Ele gostava de comer peixe e correr atrás das  
     borboletas.  
     GREMISTINHA ELE ERA TIMIDO  
 clark em um certo dia, epaminondas, o gato, tombou  
 com um outro gato, chamado house, que significa  
 \*casa\*.ele tinha esse nome porque ficava o tempo  
 todo dentro de casa. house só saía de casa para  
 incomodar os outros gatos.  
 vi: House era chato e bobalhão e só gostava de fazer  
     maquidade para os outros.  
 GREMISTINHA ELE VIROU AMIGO DEHOUSE  
 clark gabriel foi para a escola e deixou seu  
 gato em casa. na escola, gabriel inventou de  
 fazer uma historinha sobre seu gato, baseada no  
 futuro do dois, ou seja, sobre ele e seu gato.  
 GREMISTINHA GABRIEL PENSOU EM DEIXAR OS DOIS  
     FAMOSOS  
 clark fez. quando terminou a aula, ele foi direto  
 para casa. quando chegou, viu a casa toda  
 revirada. foi logo chamando epaminondas. gritou tao  
 alto que sua mãe ouviu-lhe e disse: por que você  
 está gritando, filho? gabriel respondeu: olha só,  
 mãe, o que epaminondas fez. e você não viu nada? a  
 mãe respondeu: mas como eu iria ver, se eu estava  
 dormindo? gabriel, muito esperto, respondeu: e você  
     não ouviu o barulho? qu  
     clark quer saber! não foi uma bagunça!!!  
 vini Epaminondas deixou restos de comida espalhados!  
     Soltou pelo nos móveis!  
     GREMISTINHA ELE RESPONDEU NAO  
 vini Gabriel ficou muito bravo com Epaminondas porque  
     ele teve que limpar tudo!

clark mas,depois de muito tempo, eles resolveram.quando foram para o quintal, viram epamiondas e house estragando a grama.maria, mae de gabriel, ficou louca, e disse: o que eu faco para eles pararem, filho? gabriel pensou e disse: deixa comigo, mae. quando eu ler a historinha que fiz sobre epamiondas, ele vai parar de baguncar. gabriel chamou epamiondas e disse-lhe: sente-se quieto que eu vou ler uma histor clark inha sobre voce. epamiondas sentou-se e ouviu seu dono falar. depois de ouvi tudo aquilo, epamiondas nunca mais fez bagunca em casa ou qualquer outro lugar. sobre o que falava a historia, eu nao sei. e um misterio.

\* clark saiu (Quit: Fui embora)

GREMISTINHA ELE SEMPRE TAVA COM HOUSE BEM FELIZ  
Poti Titulo da historia: O Menino e o Gato

**APÊNDICE B – Imagem de como foi publicado no Blog em 20/08/07**

O Menino e o Gato

era uma vez, um gato muito brincalhão. ele tinha um dono chamado gabriel. gabriel era um menino muito exibido.

O nome dele é Epaminondas.

Epaminondas era branco e tinha o pelo muito fofo

**ELE ADORAVA LEITE**

Ele gostava de comer peixe e correr atrás das borboletas.

**ELE ERA TIMIDO**

em um certo dia, epaminondas, o gato, tombou com um outro gato, chamado house, que significa \*casa\*. ele tinha esse nome porque ficava o tempo todo dentro de casa. house só saía de casa para incomodar os outros gatos.

House era chato e bobalhão e só gostava de fazer maldade para os outros.

**ELE VIROU AMIGO DEHOUSE**

gabriel foi para a escola e deixou seu gato em casa. na escola, gabriel inventou de fazer uma historinha sobre seu gato, baseada no futuro do dois, ou seja, sobre ele e seu gato.

**GABRIEL PENSOU EM DEIXAR OS DOIS FAMOSOS**

fez. quando terminou a aula, ele foi direto para casa. quando chegou, viu a casa toda revirada. foi logo chamando epaminondas. gritou tão alto que sua mãe ouviu-lhe e disse: por que você está gritando, filho? gabriel respondeu: olha só, mãe, o que epaminondas fez. e você não viu nada? a mãe respondeu: mas como eu iria ver, se eu estava dormindo? gabriel, muito esperto, respondeu: e você não ouviu o barulho? quer saber! não. foi uma

bagunca!!!

Epaminondas deixou restos de comida espalhados! Soltou  
pelo nos móveis!

ELE RESPONDEU NAO

Gabriel ficou muito brabo com Epaminondas porque ele  
teve que limpar tudo!

mas,depois de muito tempo, eles resolveram.quando  
foram para o quintal, viram epamiondas e house  
estragando a grama.maria, mae de gabriel, ficou

louca, e disse: o que eu faco para eles  
pararem, filho? gabriel pensou e disse: deixa  
comigo, mae. quando eu ler a historinha que fiz  
sobre epamiondas, ele vai parar de baguncar.

gabriel chamou epamiondas e disse-lhe: sente-se  
quieto que eu vou ler uma historinha sobre  
voce. epamiondas sentou-se e ouviu seu dono  
falar. depois de ouvi tudo aquilo, epamiondas  
nunca mais fez bagunca em casa ou qualquer  
outro lugar. sobre o que falava a historia, eu  
nao sei. e um misterio.

ELE SEMPRE TAVA COM HOUSE BEM FELIZ

clark

vi

Anelise